

fundamentos

ANO III :: N.º 19 :: JUNHO 1951

A PAZ é o bem supremo

OS PROBLEMAS DO
ESCRITOR E O
4.º CONGRESSO
ARTUR NEVES

★
MONA LISA
JOHN HOWARD LAWSON

★
O ÚLTIMO DIA DE
MATVEI KUSMIN
BORIS POLEVOI

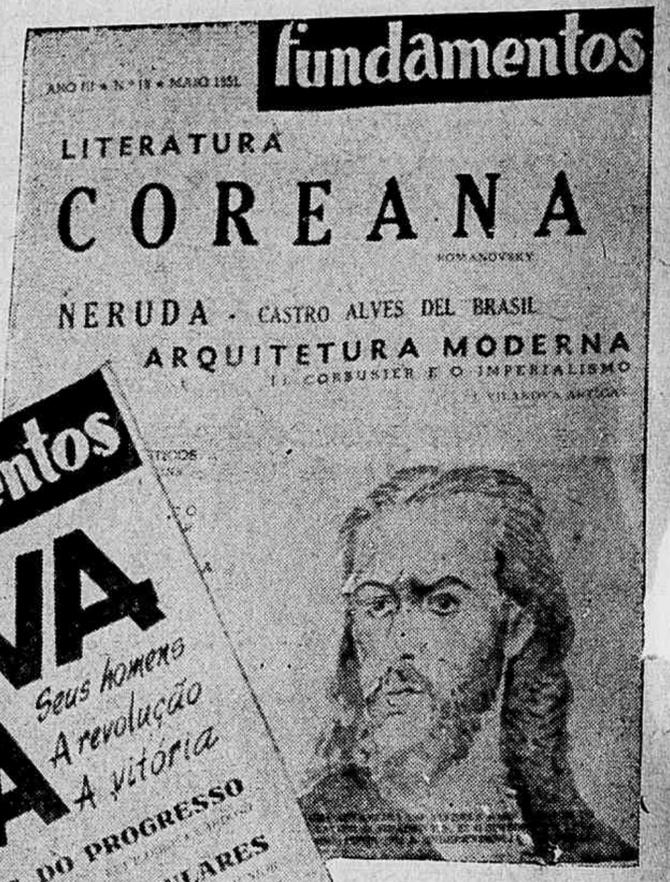
★
SYLVIO ROMERO, O MAIOR
ROMANCISTA DO BRASIL
SYLVIO ROMERO FILHO

★
A INDÚSTRIA DE GUERRA
EM SÃO PAULO

PREÇO CRS 4,00

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO



3 ANOS DE LUTA EM DEFESA DA PAZ E DA CULTURA

3 anos de lutas

SUMARIO

TRÊS ANOS DE LUTA	
J. E. F.	2
A PALAVRA PAZ	
Gabriela Mistral	3
A PAZ É O BEM SUPREMO	4
HERÓIS E VILOES NA LITE- RATURA DE VANGUARDA	
Ibiapaba Martins	14
OS PROBLEMAS DO ESCRI- TOR E O 4.º CONGRESSO	
Artur Neves	16
O ÚLTIMO DIA DE MATVEI KUZMIN	
Boris Polevoi	18
MONA LISA	
John Howard Lawson	22
A MÚSICA DA DECAFÔNICA	26
SYLVIO ROMERO, O MAIOR ROMANCISTA DO BRASIL	
Silvio Romero Filho	28
DUAS EXPOSIÇÕES EM SÃO PAULO	
Fernando Pedreira	30

Ao circular este numero de nossa revista terão decorridos 3 anos de sua fundação. O aparecimento de FUNDAMENTOS representava então, como ainda ocorre, um esforço dos intelectuais de São Paulo no sentido de lutar, também no campo específico de suas atividades, pelo progresso do país e pela defesa de nossa cultura. Os 19 números que compõem nossa coleção então a indicar, a nosso ver, o acerto da publicação de uma revista de cultura moderna com o programa definido de unir todos intelectuais honestos na defesa de um patrimônio comum — a cultura nacional.

Um rápido retrospecto mostrará o quanto já fizemos de útil. Em nosso primeiro numero tratámos, de maneira exaustiva, do problema do petróleo nacional, em artigo de F. L. Lobo Carneiro, hoje clássico na bibliografia da defesa dessa riqueza brasileira. Em números sucessivos de nossa primeira fase foram focalizados, extensivamente, alguns dos problemas básicos de nossa economia, em trabalhos como os de Catulo Branco sobre a energia elétrica e de Rui Barbosa Cardoso sobre a economia do algodão. A crítica e a filosofia mereceram sempre a nossa atenção, em colaborações como as de Jacob Gorender, Astrojildo Pereira, Caio Prado Júnior, Rivadávia de Mendonça e outros. Não descuidamos de informar nossos leitores sobre os progressos da ciência e os avanços incessantes da técnica. No terreno bibliográfico chamamos sempre a atenção para livros e revistas, nem sempre apreciados em outras publicações. A literatura, e às artes em geral, consagramos boa parte de nossas páginas. Em FUNDAMENTOS se publicaram trabalhos literários de grande valia. Afóra trabalhos primorosos de Aníbal M. Machado, I. Pedro de Martins, Galeão Coutinho e outros, recordemos aqui as 7 Cartas Loucas, admirável novela de Afonso Schmidt, publicada por FUNDAMENTOS em primeira mão; sem falar nas jóias literárias que são alguns dos contos chineses e soviéticos por nós divulgados. Alguns de nossos números constituíram, pela unidade da matéria principal que versavam, autênticos sucessos e valiosas contribuições para os assuntos que estudavam. Entre eles, caberia destacar o número 4-5, dedicado a Monteiro Lobato, que conosco incluiu a publicação de FUNDAMENTOS — e a cuja memória rendemos aqui mais uma vez, nossa admiração — numero em que se publicou um rigoroso perfil de sua personalidade e documentada crítica de suas atividades como escritor e patriota. Lembremos ainda, o nosso número 12, de homenagem à NOVA CHINA, onde, em primeira mão, e no seu conjunto majestoso se examinou entre nós, a magnitude da Revolução Chinesa e a grandeza de seus homens. E para não estender desnecessariamente este balanço, notemos, por fim, que, em variada matéria editorial, bem como em artigos publicados ou transcritos, defendemos, com convicção e honestidade, a posição política dos que colocam o progresso do Brasil e o bem-estar do seu povo, acima de quaisquer concessões ao imperialismo norte-americano e seus agentes e aliados dentro de nossas fronteiras. Fomos e continuamos a ser pela libertação nacional de nossa pátria, contra a ingerência política, econômica e cultural do imperialismo norte-americano em nosso país e na vida de nosso povo. Em tudo e sempre, temos procurado fazer de nossa revista, o que se indica em seu subtítulo, uma revista de cultura moderna. Mas, é claro, nem tudo foi êxito e acerto. Temos plena consciência de nossas falhas, agravadas pelas múltiplas dificuldades que cercam o trabalho intelectual em nosso meio. Mais de uma vez, o afã de fechar um número, já atrasado por dificuldades materiais, nos levou a publicar matérias escritas de afogadilho, imprimir páginas ou mesmo números inteiros, com sensíveis imperfeições de revisão e paginação. Mais de uma vez, por que não confessá-lo, a nossa incapacidade crítica e autocrítica, nos levou a incluir matérias de elaboração apressada ou insuficiente, de revisão descuidada, e mesmo de redação defeituosa. Embora convictos de termos sempre refletido os fatos e dito a verdade, não negamos a nossa insuficiência e as imperfeições formais do nosso trabalho. Para superá-los contamos com o apoio de todos intelectuais democratas, em especial dos jovens, e do nosso povo, e, também, com a experiência adquirida.

Nos três anos que marcam a vida de nossa revista agravou-se consideravelmente a situação política internacional e nacional. Mais do que nunca pesam sobre o Brasil as terríveis ameaças da colonização política, econômica e cultural. As classes dominantes, para manter o mando, lançam mão de recursos extremos que infligem ao nosso povo sacrifícios cada dia menos toleráveis. É a fome e a miséria a assolarem vastas regiões do país. É a exploração feroz das massas trabalhadoras. É a desfiguração revoltante da arte, da lingua, das fontes nacionais da cultura. São os atentados cada vez mais ultrajantes à dignidade e à liberdade dos cidadãos. A perseguição política é a última arma de que se valem os opressores do povo para silenciarem o seu clamor e a voz de seus líderes. É o caso da criminosa perseguição que se faz no momento a Luís Carlos Prestes. Como tolerar tais monstruosidades? Como não lutar contra tais crimes? Aos intelectuais cabe iniludível responsabilidade na luta. Unamo-nos todos neste momento decisivo. Defendamos a paz e a concórdia universais. Lutemos por nossa pátria e por nosso povo.

Ao iniciarmos o nosso quarto ano de existência, reafirmamos o nosso primeiro editorial, levando a todos «a nossa fé nos destinos do Brasil».

J. E. F.

A PALAVRA PAZ

MENSAGEM AOS CIDADÃOS DA AMÉRICA

GABRIELA MISTRAL

(Prêmio Nobel de Literatura)

Depois da carnificina de 1914, a palavra «paz» irrompia de todas as bocas com um prazer quase eufórico: o ar tinha sido limpo do cheiro mais nauseabundo que se conheça, o cheiro do sangue, seja o sangue do gado, o do inseto esmagado, ou seja aquele a que chamamos «nobre sangue do homem».

A humanidade é uma grande amnésica e já esqueceu isso, embora os mortos cubram grandes extensões da desgraçada Europa, que sacrificou quase tudo e vai em caminho, se não de renegar, pelo menos de comprometer esse sacrifício.

Não se trabalha e cria senão em paz, é uma verdade de Peronagriol, mas que se desvanece tão logo a terra se escureça de uniformes e exale o mau cheiro de quimicas infernais.

Quatro cartas me chegaram este mês dizendo quase a mesma coisa.

A primeira:

— «Gabriela, causou-me aborrecimentos um artigo, um unico artigo, que escrevi sobre a paz. Adquiri imediatamente um ar suspeito de gente a soldo, de homem alugado.»

Respondo:

— «Conheço por experiência, meu amigo, isso de ar «suspeito». Eu também já o sofri, depois de escrever durante vinte anos num jornal e porque me esforcei em manter ali «a cordazinha da voz» que nos une à terra onde nascemos e é o segundo cordão umbelical que nos prende à Mãe. O que eles fazem com isso é criar mudos e desesperados. Uma empresa subterrânea de sufocação trabalha dia a dia. E não somente o jornalista honrado é intimado a comer a própria língua denunciadora ou conselheira; também o que faz livros tem de jogá-los a um canto, como objeto de vergonha, se o livro não for de simples distração para os que se entendiam.»

Outra carta:

— «Agora existe um tema maldito, senhora, é o tema da «paz». Pode-se escrever sobre qualquer assunto vergonhoso, defender os agiotas, os touros, a «fiesta brava» que nos exportou a Mãe Espanha e o mercado eleitoral da miséria. Mas não se deve escrever sobre a paz: a palavra é curta, mas fulmina, e é preciso afastar-se do tema proibido como de um curto-circuito elétrico»...

E ainda a outra carta.

— «Não tenho vontade de escrever sobre nada. A paz do mundo era a menina dos meus olhos. Agora é a guerra o unico chão que nos permitem cultivar. Ela é, além disso, o santo e senha do patriotismo. Mas a unica coisa que deseja o chamado «povo bruto» é que o deixem trabalhar em paz para a mulher e os filhos. Têm olhos e vêem, os pobres. Somente que de nada lhes adianta o olhar claro que lhes está nascendo, e é preciso ouvi-los quando o radio procura esquentar seu sangue para levá-los ao grande matadouro.»

E esta ultima carta:

— «Desgraçados daqueles que querem falar e escrever sobre isso. Precavenham-se, porque qualquer dia caem em cima deles. A paz é uma palavra que, se não mata, estropeia a reputação de quem a pronuncia.

A palavra paz é um vocábulo maldito. Você se lembra daquilo de «Minha paz vos deixo, minha paz vos dou»? Mas Jesus Cristo já não está na moda. Você pode chorar. Você é mulher. Eu não choro: sinto uma vergonha que me queima o rosto. Tivemos uma Sociedade das Nações, depois as Nações Unidas, para acabar nisto.

«Querirão eles, fechando-nos jornais e revistas, que falemos como sonambulos nos cantos e nas esquinas? Costumo surpreender-me dizendo como um desvairado o numero, com seis algarismos dos mortos».

(Nenhun do meu quatro correspondentes é comunista).

Eu tenho pouco que acrescentar a isto. Mandá-lo num «Recado», isto sim. Está muito bem dito o que citei: tratado de homens cultos da classe média, e essas palavras que não levam o selo das opiniões acomodaticias ou espertas, essas palavras ardentes são as que começam a voar sobre nossa América.

Lucidos estão muitos no Uruguai fiel, no Chile realista, na Costa Rica onde tanto se lê. O «erro» já se transforma em «horror».

Há palavras que, sufocadas, falam mais, precisamente pelo sufocamento e o exílio, e a palavra «paz» está irrompendo até das pessoas surdas ou distraidas. Porque, afinal, os cristãos extraviados de todos os ramos, desde o católico até outro qualquer, têm de recordar-se logo, como os desvairados, de que a palavra mais instente nos Evangelhos é essa precisamente, este vocábulo riscado dos jornais, este vocábulo metido num canto, este monossilabo que nos é proibido como se se fosse uma palavra obscena. E' a palavra por excelência e que, repetida, está presente nas Escrituras como uma obsessão.

E' preciso continuar repetindo-a dia a dia, para que alguma coisa do conselho divino flutue, ainda que seja como uma rolha de cortiça na heresia reinante.

Tenham coragem, meus amigos. O pacifismo não é a geléia adocicada que alguns supõem; a coragem cria em nós uma convicção impetuosa que não pode ficar estática. Digamos essa palavra todo dia, onde quer que estejamos, por onde quer que andemos, até que tome corpo e crie uma «militancia da paz», que sature o ar denso e sujo até purificá-lo.

Continuem pronunciando essa palavra contra o vento e a brisa do mar, mesmo que fiquem uns três anos sem amigos. O repudio é duro, a solidão costuma produzir alguma coisa como o zumbido dos ovvidos que se sente descendo às grutas... ou às catacumbas. Não importa, amigos: é preciso continuar!

GRANDE CONCURSO DE CONTOS

— de —

FUNDAMENTOS

Os resultados do nosso Grande Concurso de Contos só serão publicados no próximo número de FUNDAMENTOS. Motiva este adiamento o fato de a Comissão Julgadora não ter podido elaborar o seu parecer final em tempo para esta edição.

A PAZ É O BEM SUPREMO

Nenhuma pessoa que medite sobre os problemas da época pode deixar de se impressionar com a amplitude da luta pela paz. Nunca em toda a história um movimento de opinião assumiu tamanha extensão. O problema da paz, nas suas múltiplas configurações* é, hoje, o problema básico da situação política internacional, ao mesmo tempo que a preocupação principal de nações e indivíduos. O ideal secular da humanidade — viver em paz, e não, morrer na guerra — aproxima-se cada vez mais da sua concretização plena e efetiva. Para isso, o ideal da paz em nossos dias, se reveste de características novas, anunciadoras dos novos tempos. Não se trata mais, somente, da aspiração à paz como o único clima para o progresso humano. Trata-se, agora, da vontade consciente e esclarecida, e da firme determinação, de assegurar esse clima indispensável ao progresso humano. Trata-se de lutar contra todas as forças, que conjunta ou separadamente, contrariam o ideal da paz, e vencê-las, organizadamente. Tal o característico novo da luta pela paz em nossos dias. Pela primeira vez existem condições históricas que permitem prevê a realização do velho sonho da humanidade. Essas condições históricas são, na sua essência, expressas pelas contradições fundamentais de nosso tempo, as contradições entre o capitalismo imperialista e o socialismo; e no fato, de crescerem e se ampliarem as forças do socialismo e da paz, e, de decrescerem e se isolarem as forças da guerra e da destruição. Já não se trata de mostrar as virtudes e as razões da paz como se fazia em outros períodos da história, nem de condenar os horrores e os erros da guerra. Se no século XVI Descartes condenava a guerra em nome da razão, nos dias de hoje, Joliot-Curie, em nome também da razão afirma a possibilidade e a necessidade da paz. Se o espantoso Goya colocava o vigor extraordinário de seu realismo, na pintura dos horrores da guerra, um outro espanhol de gênio, Picasso, em nossos dias, pôde colocar toda a maestria de seu desenho nessa série belíssima de desenhos da pomba da paz, hoje transformados em distintivos dos Partidários da Paz em todos os países. Se, em outros tempos a sabedoria política se exprimia pela velha máxima romana "Si vis pacem para bellum", se quiserdes a paz prepara a guerra, limitando a paz a um equilíbrio de forças, já que a guer-



ra era sempre inevitável, hoje, pode-se afirmar com Stálin, que a guerra poderá ser evitada se os povos não forem enganados pela rede de mentiras dos propagandistas de guerra, se tomarem seus destinos nas próprias mãos.

A paz hoje pode ser vitoriosa. Os que a desejam constituem a grande maioria. Os que lutam por ela, afirmam a sua grandeza. Não se luta somente contra a guerra, luta-se pela paz. Trata-se, então, de apoiar-se no que é novo e maior, no que é criador, na pujança dos novos ideais de fraternidade humana, na alegre emulação construtiva dos povos, no que é belo e generoso, no futuro da humanidade, unida pelos laços da cooperação entre os povos, e segura de seu destino de progresso. Tudo isso é o futuro certo e radioso. Mas, toda essa antevisão está na dependência da vitória final e definitiva das forças da paz, empenhadas, agora, na batalha decisiva. E é para essa decisão que todos estão chamados; muito especialmente os intelectuais, pois como dizia Vaillant-Couturier, a paz é a vocação da inteligência. Os intelectuais têm tradicionalmente papel destacado nas lutas do progresso. Sua responsabilidade é tanto maior nos dias que correm, quanto a paz está suspensa por um fio, dadas as falsas idéias e a confusão que os beneficiários das guerras procuram lançar entre os povos. E quem, mais que os intelectuais que sinceramente desejam o bem de seus povos, estará mais obrigado a explicar-lhes as razões e os sentimentos da paz? Acresce, que foram os intelectuais que assumiram a iniciativa da campanha mundial pela paz, quando do histórico Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz, reunido em Wroclaw, em agosto de 1948. (1) E aqui entramos na recapitulação histórica

do grandioso Movimento Mundial pela Paz, necessária e útil para a compreensão de nossas atuais responsabilidades na grande luta.

POR QUE UM MOVIMENTO PELA PAZ?

Conta o escritor e jornalista inglês Ralph Parker em seu extraordinário livro "O Complôt contra a Paz" (2) que encontrando-se em Moscou no Dia da Vitória, observava o entusiasmo da multidão que enchia as ruas, jubilosa com o fim da guerra e com as possibilidades de reconstruir a pátria. Chegando à rua Mokovaia, abriu ele caminho na multidão moscovita, e penetrou na sede da Embaixada Americana. "Diante de uma janela fechada vi a alta silhueta de George F. Kennan, conselheiro da Embaixada dos Estados Unidos. Mantendo-se à distância para não ser visto de baixo, ele olhava silenciosamente a multidão. Na rua, o ruído amortecia e se fundia num rumor surdo. Notei na fisionomia de Kennan, que observava esta cena comovente, uma expressão estranha de descontentamento e irritação. Depois de haver lançado um último olhar sobre a multidão, ele se afastou da janela e disse colérico: "— Eles se alegram... acreditam que a guerra esteja acabada. Ora, ela apenas começa."

Antes de deixar a Embaixada, notei que no lugar do retrato de Roosevelt — seu semblante com um sorriso largo dominava antes a sala — estava pendurado um retrato de Truman".

No momento mesmo em que em todo mundo se festejava a paz e a eliminação da ameaça nazista, este homem amargurado, rilhando os

1) Ver FUNDAMENTOS, n.º 4-5: Os Intelectuais são Pela Paz.

(2) Le complot contre la Paix Les Editeurs Reunis, Paris, 1950.

dentos de ódio à felicidade e à vida, enunciava o princípio fundamental de toda uma política de que éle próprio seria um dos formuladores. George Kennan é de fato, um dos criadores da doutrina Truman, de contensão ao comunismo. Foi este mesmo raivoso diplomata que mais tarde elaborou a estratégia da guerra fria, da hostilização sistemática à União Soviética e aos países da democracia popular, com vista ao seu isolamento e ulterior aniquilamento pelas armas, velho e sempre frustrado sonho dos monopólios internacionais, desde 1917. Já no intervalo entre as duas guerras os governos capitalistas tudo fizeram para intervir na União Soviética. Teceram todas as intrigas diplomáticas possíveis, recusaram todos os esforços para a segurança coletiva, e acabaram por armar o fascismo e o nazismo com a intenção de lançá-lo contra a União Soviética afim de que todos se exaurissem em benefício do imperialismo anglo-franco-americano. É sempre oportuno lembrar o livro "A Grande Conspiração" de Sayers e Kahn (3) que retrata com toda minúcia a rede de intrigas e espionagem e mentiras que foi armada entre as duas guerras, contra a União Soviética. Em nome dessa política odiosa foram sacrificadas a Abissínia e a Espanha, depois a Austria e a Tchecoslovaquia, e por fim foi a conflagração. A derrota do fascismo na guerra de 1939 a 1945 representou a derrota também desta política, já que a União Soviética, apesar do imenso sacrifício de 17 milhões de vidas e de extensas destruições em todo o seu território, saiu fortalecida do embate, além de ter o seu prestígio aumentado em todo mundo. Estes resultados inteiramente opostos aos que desejavam os criadores e açuladores do nazismo, é que fez espumar de raiva aqueles que, como Kennan, sonhavam com a destruição da União Soviética. Não havia, um senador americano dito, com toda a clareza, em 1941: "Se constatamos que a Alemanha está prestes a ganhar a guerra, devemos ajudar a Rússia e se é a Rússia que está para ganhar, é necessário ajudar a Alemanha"? Estas declarações foram feitas, em junho de 1941, pelo senador norte-americano Harry S. Truman. Para os homens cujos interesses éle interpretava, as perspectivas de uma paz duradoura depois da guerra eram, de fato, intoleráveis. Os acordos de Yalta e Potsdam, estabelecendo a erradicação do nazismo, e reafirmando os princípios da auto-determinação dos povos e da cooperação entre as grandes potências, foram as bases sobre as quais se tornou possível a Conferência de San Francisco e a consequente fundação da ONU. A pedra angular de todo o sistema era a aceitação do princípio da coexistência pacífica entre os sistemas econômicos capitalista e socialista, princípio este, nunca desautorizado por parte da União Soviética. Reafirmando declarações an-

(3) Michael Sayers e Albert Kahn, A grande conspiração, trad. de Carlos Ortiz, Brasiliense, 1947.

teriores, Stalin em sua famosa entrevista com o governador Harold Stassen, em 9 de abril de 1946, declarava: "A cooperação entre sistemas econômicos diferentes é perfeitamente possível e desejável. O povo soviético e o Partido Bolchevique a aprovam e a desejam. Cada povo aprova o sistema de sua preferência. Se o sistema dos Estados Unidos é bom ou mau, cabe ao povo americano dizer. A cooperação não exige que os povos tenham o mesmo sistema. É necessário respeitar os sistemas aprovados pelos povos. Sómente sob essa condição é possível cooperar. Quanto a saber qual é o melhor sistema, a história o mostrará." Mas, é precisamente essa coexistência pacífica, no plano internacional, a possibilidade da competição pacífica entre os dois sistemas, que não interessa, de forma alguma, aos grandes monopólios capitalistas, que só podem continuar a existir na medida em que possam resolver suas crises com a preparação e o desencadeamento de guerras. É a razão por que, mal se reiniciara a reconstrução, aparecem os primeiros sinais da luta organizada dos trustes e monopólios contra a paz e o desenvolvimento pacífico dos povos. Não sendo possível, de início, pregar abertamente uma nova guerra, iniciaram éles as sistemáticas campanhas de descrédito da União Soviética e das nascentes Democracias Populares. Todo o alarde da máquina de propaganda, dos jornais, revistas e agências capitalistas, se voltou para a mentira, a calúnia e a distorsão do mundo socialista. Procurava-se intensivamente denegrir e diminuir o papel decisivo da União Soviética na liquidação do nazismo. Os mesmos homens que haviam louvado o heroísmo soviético passaram a falsear e diminuir os feitos heróicos da União Soviética. Os homens que protelaram a abertura da 2.ª frente deblateraram contra o que chamam a expansão soviética. Churchill pronunciou o seu famoso discurso de Fulton. É a primeira clarinada, o toque de reunir dos novos fatores de guerra. Seguem-se as primeiras formulações de um vasto programa ideológico destinado a reorganizar o fascismo, com a fachada de defesa do mundo ocidental. Não o diz abertamente com o máximo de cinismo, o renegado James Burham, conselheiro do Departamento de Estado: "É evidente que a tentativa de estabelecer um Império Mundial não se efetuará divulgando abertamente que é um império mundial que se visa. Far-se-á o uso de frases aceitáveis, como "Federação Mundial", "Republica Mundial", "Estados Unidos do Mundo", ou mesmo "Nações Unidas". É a doutrina da guerra fria, elaborada pelo mesmo George Kennan espumante de ódio mal contido com a rápida recuperação da União Soviética, já então em pleno desenvolvimento do seu novo plano quinquenal, que seria completado em 4 anos e 3 meses. É o enunciado da famosa doutrina Truman de maio de 1947, seguida logo depois do seu corolário o Plano Marshall, gigantesca programação para enquadrar na dominação política americana todo o mundo não socia-

lista, e que trazia já, em seu bojo, o embrião do enquadramento militar — o Pacto do Atlântico. O objetivo estratégico era óbvio: ao mesmo tempo que sujeitar êsses países ao expansionismo imperialista, criar as condições para uma guerra atômica.

Passam os monopólios à interferência aberta nos negócios dos países, a princípio por pressão política, depois econômica, por intermédio de acordos unilaterais, e finalmente a intervenção militar aberta como no caso da Grécia e da China, onde sob o embuste de Missões Militares foram introduzidos comandos e tropas intervencionistas. Somente na China foram invertidos em material e fornecimento de guerra cerca de 4 bilhões de dólares, com os resultados conhecidos. No terreno ideológico também se desencadeia tonitroante pregação tendente a destruir a confiança mútua entre os povos e a fazer crer na inevitabilidade da guerra. Surge a arma nefanda do terrorismo atômico, visando amedrontar as populações e a consagrar a bomba atômica como arma justificável de guerra. As liberdades democráticas asseguradas pela vitória das Nações Unidas e, inscritas nas constituições de quase todos os países, passam a ser restringidas e estranguladas. Nos próprios Estados Unidos, de tradição formalmente liberal, começa a funcionar o Comitê de Atividades Anti-Americanas cujas ruidosas campanhas de descrédito procuram atingir indiscriminadamente intelectuais e políticos antifascistas. Na América do Sul que sempre constituiu capítulo especial em toda a estratégia de guerra, forçam os americanos toda sorte de normas reacionárias e de liquidação das organizações democráticas. Especialmente no Brasil e no Chile, sucedem-se desatinos e perseguições nos governos de Dutra e Vargas, que se singularizaram, durante êsse período, em toda a América, como tristes exemplos de instrumentos da política de guerra dos norte-americanos.

É patente que se agrava cada vez mais a contradição interna fundamental do capitalismo, e amadurece a sua crise de estrutura. Para éle, somente a guerra pode ser uma solução. Crescem as provocações de guerra. Aumentam os orçamentos de guerra. Restringem-se as liberdades. De outro lado, os povos coloniais e semi-coloniais recrudescem as suas lutas de libertação nacional. O povo chinês, o povo indonésio, os povos do Vietnam, da Malaia tomam armas para defender sua independência. As intervenções militares são cada vez mais drásticas e violentas, na Indonésia, na Indochina e na Malaia. Tudo em pura perda. O imperialismo é forçado a recuar e fazer concessões. O grupo das potências ocidentais passa a desprestigiar a ONU discutindo, fora dessa organização, e unilateralmente, vários casos internacionais, e procurando jungir o bloco da maioria aos interesses das potências capitalistas. Ao mesmo tempo não aceitam as sucessivas propostas de desarmamento geral, proscricção da bomba atômica e tratado de paz, que reiteradas vezes são apresentados pela União Soviética. Aumenta sem cessar o

que se convencionou chamar a tensão internacional. Como sempre acontece, a sugestão da própria realidade, levou um grande número de cidadãos responsáveis a se preocupar mais e mais com a defesa da paz, crescentemente ameaçada. No fim de 1948, cristalizou-se a idéia de um Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz.

O CONGRESSO DE WROCLAW

Por iniciativa de intelectuais franceses e poloneses foi convocado o Congresso que se reuniu de 25 a 28 de agosto, em Wroclaw. A importância da iniciativa ficou logo demonstrada pelo furor com que foi recebido pela máquina de propaganda dos interesses de guerra. Sabiam os grandes aproveitadores da guerra o perigo que representava para os seus desígnios, a luta organizada pela paz, em escala mundial. Percebiam eles, o que na realidade ocorreu, que um movimento mundial pela Paz poderia nascer em Wroclaw, como nascem as avalanches. A grita dos inimigos da Paz contra o Congresso de Wroclaw deu justo realce aos problemas ali suscitados e a medida do acerto de seus organizadores. Para se furtarem, na época, ao desmascaramento total de atacar a paz, foram obrigados a atacar os que lutavam pela paz, procurando intrigar e dar caráter faccioso a um movimento humanitário que era a convergência de opiniões de variada inspiração política, religiosa e filosófica. Para combater o vigoroso movimento pela paz então nascente, foram os interesses de guerra obrigados a intensificar a sua propaganda de mistificações, pois atacar a paz não lhes era possível. O Congresso de Wroclaw teve enorme repercussão em todo o mundo. A ele compareceram representantes de 45 países, num total de 500 intelectuais. Várias intervenções marcaram época. Para fixar sua importância, relembramos aqui, na íntegra, o texto do seu histórico "Manifesto aos Intelectuais do Mundo":

"Nós, homens e mulheres de cultura, de ciência e de arte de quarenta e cinco países, reunidos na cidade polonesa de Wroclaw, nos dirigimos aos intelectuais do mundo inteiro.

Relembramo-lhes o perigo mortal que, recentemente ameaçou a civilização. Fomos testemunhas da barbárie fascista que destruiu os monumentos históricos e culturais, que perseguiu e assassinou os intelectuais, que espesinou insolentemente todos os valores espirituais e ameaçou até mesmo as idéias de consciência, de razão e de progresso.

A civilização humana foi salva ao preço de inumeráveis vítimas e de sacrifícios indescritíveis pela imensa tensão das forças democráticas, as da União Soviética, dos povos da Grã Bretanha e dos Estados Unidos e pelo heroico movimento de resistência dos países dominados pelo fascismo.

Ora, eis que na América e na Europa, contra o desejo e a vontade dos povos do mundo, um pequeno grupo de homens sequiosos de dinheiro, que herdaram do fascismo suas teses de supremacia racial e de negação do progresso, que fizeram sua a tendência fascista de tudo

resolver pela força das armas, querem perpetrar um novo atentado contra o patriotismo espiritual dos povos.

As civilizações dos países da Europa, que deram imensas contribuições à civilização de toda a humanidade, correm o risco de perder sua fisionomia nacional.

Em certos países como a Grécia e a Espanha, e países da América Latina, os adversários do progresso conservam e alimentam a chama do fascismo.

Contra a razão e a consciência prossegue e se agrava a opressão de indivíduos e de povos inteiros que seus senhores denominam "indígenas".

O grupo adotou os métodos do fascismo, pratica a discriminação racial no seu próprio país e persegue os sábios e os artistas de vanguarda.

As descobertas científicas, susceptíveis de servir à melhoria do destino da humanidade, são destinadas à produção secreta dos meios de destruição; e assim está desacreditada e depreciada a grande missão da ciência.

A arte e o verbo — lá onde reinam os homens dos quais falamos — não servem para esclarecer e reaproximar os povos, mas para excitar as paixões vis, o ódio do homem e para preparar a guerra.

Acreditamos firmemente na necessidade do livre desenvolvimento e difusão, em todos os países, das conquistas da cultura progressiva, para a paz, o progresso e o futuro da humanidade; protestamos contra qualquer limitação dessa liberdade e acentuamos a necessidade de uma compreensão mútua entre as culturas e povos no interesse da civilização e da paz.

Reconhecendo que a ciência contemporânea libertou imensas forças novas que serão inevitavelmente utilizadas pela humanidade para o bem ou para o mal, este Congresso protesta contra a utilização da ciência para fins de destruição; apela para que todos os esforços sejam dirigidos no sentido de dar uma maior circulação aos ensinamentos da ciência e no de aplicá-la na rápida diminuição da pobreza, da ignorância, da doença e da miséria que afetam a maioria do Gênero humano. reduzidas as limitações oposta à livre circulação de pesosas que servem a causa da paz e do progresso, e áquelas opostas à publicação e à difusão de livros, dos resultados científicos e de tôdas as conquistas científicas e culturais que servem a mesma causa.

Os povos do mundo não querem a guerra e são bastante fortes para proteger a paz e a civilização contra os atentados de um novo fascismo.

INTELECTUAIS DO MUNDO!

Uma grande responsabilidade pesa sobre nós perante nossos povos, a humanidade, a história.

Levantemos a voz em favor da paz, do livre desenvolvimento cultural dos povos, de sua independência nacional e de uma estreita cooperação entre eles.

Apelamos para todos os intelectuais, de todos os países, para que discutam as seguintes proposições:

— Organizar, em todos os países,

congressos nacionais de homens de cultura para a defesa da paz;

— Criar, em todos os países, congressos nacionais de homens de cultura para a defesa da paz;

— Criar, em todos os países, comitês nacionais para a defesa da paz;

— Reafirmar as ligações internacionais entre os intelectuais de todos os países para servir à paz».

Estavam fincados os sólidos alicerces da solidariedade mundial dos que desejavam a paz e estavam dispostos a lutar por ela. O Congresso de Intelectuais de Wroclaw recebeu apóio e solidariedade em todos os países. As suas recomendações logo se corporificaram em extensos movimentos nacionais a que aderiram todos os setores das populações. Ao chamamento dos intelectuais correspondia o desejo ardente de paz de todos os povos. Nos meses que se seguiram ao Congresso de Wroclaw, organizaram-se em todos os países Comitês de Defesa da Paz e da Cultura. Ampliou-se a base da paz, ampliou-se a consciência da necessidade de lutar pela paz.

A LUTA EM NOSSA PÁTRIA

Também no Brasil se arregimentaram as forças da vida e do progresso. Em dezembro de 1948, publicava-se no Rio de Janeiro, assinado por centenas de nomes dos mais representativos um manifesto pela preservação da paz, cujo texto é um apelo a todos os brasileiros para se erguerem na luta pela paz:

"São evidentes, em muitas partes do mundo, as ameaças à paz e à segurança dos povos. Há mesmo, entre certos grupos, uma campanha de excitação, organizada e orientada no sentido de provocar o desencadeamento da terceira guerra mundial.

Não menos evidente, entretanto, é o fato de que nenhum povo deseja a guerra. Este fato constitui uma garantia real de que é possível preservar a paz e impedir as manobras daqueles grupos interessados em levar as nações a um novo conflito, cujas conseqüências catastróficas podem ser facilmente previstas. Não está ainda o mundo refeito da devastação moral, material, humana, da última guerra, com os seus mortos ainda não completamente recolhidos, os seus mutilados ainda em tratamento, os seus órfãos ao desabrigo e a fome assolando milhares de aldeias e cidades destruídas.

Ainda agora, nos Estados Unidos, as eleições presidenciais revelaram, de maneira inequívoca, que o povo da grande República, dentro dos rumos políticos de Roosevelt, é, em sua generalidade, favorável a uma política de paz e de cooperação entre os povos do mundo. Não há dúvida de que o candidato vencedor conquistou a maioria do eleitorado porque, às vésperas do pleito, fêz declarações e promessas em que ressaltaram soluções pacíficas para as divergências internacionais.

No que se refere ao Brasil, sabemos todos que a nossa tradição histórica, — obedecendo aliás a condições naturais do desenvolvimento do nosso país, — é a de uma política externa norteadada pelos princípios pacíficos de cooperação com todas as nações. Nossa participação na últi-

O maior Plebiscito da História

Em princípios de 1950 estava no auge o histerismo atômico nos meios armamentistas dos Estados Unidos e em muitos meios belicistas do mundo inteiro. Senadores, deputados, cientistas, generais e jornalistas americanos descreviam com abundância de minúcias como iriam exterminar as cidades russas ou ocupadas pelos russos, assim que estourasse a nova guerra. Então dizia-se nos Estados Unidos: "nós mataremos as crianças em seus berços, os velhos rezando, os homens no trabalho" (editorial do "Times Herald", de Washington), e o Senador Poage pontificava: "Nós destruiremos tôdas as pontes, inundaremos tôdas as minas de carvão, arrasaremos tôdas as chaminés na Bélgica e no norte da França. Destruiremos tudo."

Enquanto isto, observadores falavam convictos da "corrida atômica", procurando prever quantos milhões de homens, mulheres e crianças iriam morrer volatilizados pela bomba atômica, quantas cidades seriam destruídas como Hiroshima e Nagasaki. Falava-se em bombas lançadas por aviões dirigidos, em poeira atômica para exterminar as populações de regiões extensas. O entusiasmo não arrefeceu quando, em setembro de 1949, o presidente Truman declarou que a União Soviética já possuía a arma atômica. Antes recrudescer, pois os armamentistas americanos, certos da sua superioridade ocasional, proclamaram a necessidade de intensificar mais ainda a acumulação de estoques de bombas para manter essa vantagem a todo o custo (ou para aumentar a venda dessas armas, que custam milhões de dólares ao povo americano.)

Mas os homens de boa-vontade — que ainda os há, e ainda são a maioria, em que pese a opinião dos céticos — reuniram-se em março na capital da Suécia e de lá lançaram ao mundo inteiro, não aos governos, mas aos povos, diretamente, o apêlo exigindo a interdição absoluta da arma atômica e a condenação como criminoso de guerra do primeiro governo que a utilizasse. E os homens e mu-



lheres de boa-vontade do mundo inteiro atenderam ao apêlo, assinaram-no aos milhões, formaram comissões e comandos para angariar assinaturas, explicando ao povo, singelamente, que cada assinatura obtida era um passo para eliminar esse pesadelo que pairava sôbre o gênero humano.

No Brasil, a campanha começou com certo atraso, e no meio da incompreensão alimentada pelos interessados nos negócios de guerra. A polícia, instrumento não da lei, mas dos mais poderosos, sempre contrária a todo movimento sadio de caráter popular, exorbitou mais uma vez, prendendo, espancando, ferindo e insultando os coletores de assinaturas. Mas o povo brasileiro reagiu. Sacerdotes, freiras, juizes, industriais, homens publicos de tôdas as correntes fizeram declarações, concederam entrevistas, colocando-se decididamente a favor do apêlo de Estocolmo. E havia aqui uma razão a mais: o povo brasileiro, graças ao trabalho de esclarecimento do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, já sabia do escandaloso saque que se estava processando contra as nossas areias monazíticas e outros minérios radioativos. Esse roubo contra a nossa economia revoltava ainda mais porque esse produto, que devia servir para o desenvolvimento e o progresso do Brasil, estava sendo exportado para os fabricantes de armas atômicas.

Nos meses de setembro, outubro e novembro, a campanha se desenvolveu

em ritmo acelerado. Faziam-se comandos diariamente, pelos bairros, pelos subúrbios, nas empresas, às portas de fábricas, à saída de igrejas, dentro das escolas, dos conventos, dos salões familiares, e em toda parte o povo, que ama a vida e repudia todos os horrores da guerra, assinava o apêlo pela interdição da arma atômica. Para propagar a campanha, foi possível manter programas de rádio, publicações e panfletos, e até gravar, com extraordinário êxito, um belíssimo disco dedicado ao apêlo.

E a campanha do apêlo de Estocolmo hoje se pode considerar vitoriosa, graças aos quinhentos milhões de assinaturas obtidas no mundo inteiro, graças aos quatro milhões de assinaturas colhidas no Brasil. Silenciaram os senadores histéricos, os cientistas atômicos moderaram a sua linguagem, os generais atômicos resolveram usar de maior ponderação nas suas declarações. E se outra vez ainda se fala em usar a arma atômica, já é de uma maneira bem diferente, pois o clamor popular se faz ouvir imediatamente contra qualquer ameaça desse tipo. E' que os governos sabem que aquêlo que se atrever a empregar essa malfadada arma de terror e de extermínio, terá que enfrentar a condenação de quinhentos milhões de pessoas que já exprimiram a sua decisão de dar aos que praticaram novo crime contra a humanidade, o tratamento que mereceram em Nuremberg os criminosos de guerra.

ma guerra mundial não nos foi ditada por nenhum interesse egoísta, e sim pela só consideração de motivos superiores, estreitamente ligados a uma situação mundial em que não havia outra alternativa senão levar a guerra aos Estados que atentavam abertamente contra a soberania e a liberdade dos povos. Não foi outro o sentido de termos entrado na guerra contra o nazi-fascismo com a plenitude das forças de que dispúnhamos sem medir esforços nem sacrifícios, inclusive o sacrifício supremo de milhares de jovens brasileiros, o melhor que podíamos dar de nós mesmos em defesa da causa comum da humanidade.

Hoje, ainda são as mesmas as razões profundas que nos levam à úni-

ca posição correta em face das ameaças de nova guerra: lutar pelo princípio da sobrevivência das nações como nações livres, o que, nas condições presentes do mundo, após a guerra vitoriosa das democracias contra o nazi-fascismo, significa em verdade lutar pela paz, defender a paz como o bem mais alto e o supremo interesse dos povos.

Mas a paz não é um bem que aconteça por si mesmo. Para preservá-la, é preciso lutar por ela, — contra as forças adversas interessadas em provocar nova guerra para satisfação de seus interesses egoísticos. E é por compreendê-lo assim que, no mundo de após-guerra, estão se unindo as forças democráticas favoráveis à paz, com o objetivo de

mobilizar e organizar a opinião pública do mundo inteiro, a fim de desmascarar os provocadores de guerra e impedir-lhe a ação nefasta.

Não é outro o intuito dos signatários do presente manifesto, democratas e patriotas brasileiros de todas as condições sociais, sem discriminação de concepções filosóficas, políticas e religiosas, irmanados no pensamento comum de lutar ativamente pela preservação da paz mundial".

Em 5 de janeiro de 1949 uma Comissão composta do saudoso Artur Ramos, de Anibal Machado, Astrogildo Pereira, da Branca Fialho e outros, lança um manifesto pela formação de um movimento nacional pela preservação da paz. Esta-

vam os defensores brasileiros da paz tomados de grande entusiasmo no seu trabalho de lançar as bases da defesa da paz e da cultura em nossa pátria, e de organizar um congresso nacional para a discussão da melhor maneira de levar avante os seus propositos humanitários e patrióticos. Como não poderia deixar de acontecer os interesses guerreiros já estavam atentos, à espreita da oportunidade par golpear o entusiasmo dos que empunhavam o estandarte da paz. Logo nesses dias em que se preparava a festiva realização do I Congresso Paulista pela Paz, preparatório do Congresso Brasileiro, lançaram os seus perdigueiros intelectuais ao trabalho infame de confundir e desunir. A policia, sob inspiração direta do FBI, Noite uma suposta entrevista de um faz publicar no jornal a Folha da suposto emigrado polonês, de nome nunca mais visto ou pronunciado em nossa terra, procurando dar caráter partidário ao congresso convocado. Baseado confessionalmente nessa grosseira mistificação, faz-se logo profusa distribuição, nos dias que se seguem, de um folheto de provocações, anonimo, mas em que, não só o conteúdo mentiroso como a rica confecção grafica traem a origem — os escritorios do consulado norte-americano. Acompanhavam esse folheto imundo, em sua maciça distribuição, duas folhas mimeografadas de um manifesto de intelectuais, ou que outro nome pudessem ter os seus signatários, em que se desaconselhava, distorsiva e torpemente, aos intelectuais, de participarem na campanha pela paz. A distribuição conjunta dos dois papéis, traia-lhe a origem comum, na confecção e na inspiração, e mais, nos objetivos. Tudo se tornou claro alguns dias mais tarde quando o I Congresso Brasileiro pela Paz foi dissolvido a bal pela policia do Rio de Janeiro. Estavamos em Abril de 1949. Apesar das ameaças e manobras da policia paulista, o I Congresso Paulista pela Paz, realizara-se alguns dias antes, de 3 a 5 de Abril. A falta de outro loca — todas as salas e salões proibidos por coação policial — os congressistas se reuniram, no recinto de um circo, onde se processaram os trabalhos com grande entusiasmo. Nos dias 11, 12 e 13 do mesmo mês deveria realizar-se o Congresso Brasileiro pela Paz, impedido de continuar seus trabalhos com a violenta intervenção da policia do distrito Federal. A torpe declaração dos intelectuais paulistas fornecera a justificação para a brutal arbitrariedade do governo. Já nessa época, aqui como em outros países, o movimento pela Paz havia ganho impulso irresistível.

EXPANDE-SE RAPIDAMENTE O MOVIMENTO PELA PAZ

As manifestações pela paz tomavam o caráter de grandes manifestações de massa, principalmente nos países da Europa. Os interesses de guerra que ao tempo do Congresso de Wroclaw procuravam dizer que o Congresso era inutil, e que a ameaça à Paz era uma invencionice russa, já não podiam esconder sua

ira contra a caudal sempre mais volumosa do movimento pela Paz. Em Abril de 1949, reúne-se em Paris o I Congresso Mundial dos Partidários da Paz. Em Wroclaw haviam se reunido cêrca de 500 intelectuais convidados pelo comitê patrocinador franco-polonês. Embora personalidades de prestígio, seus pontos de vista só podiam ser tomados como pessoais. Na sala Pleyel, cujo nome trazia a memoria de todos o Movimento Amsterdam-Pleyel, dos intelectuais como Rolland e Barbusse que lutaram contra a guerra no inicio do nazismo, reunia-se agora a maioria dos povos do mundo, por seus representantes eleitos em milhares de assembléias regionais e nacionais. Os inimigos da paz tudo fazem para torpedear a grande assembléia dos povos. Os intelectuais a serviço dos fomentadores de uma nova conflagração chegam ao ponto de enfrentar o ridículo de organizarem, nas mesmas datas um outro minúsculo e grotesco congresso de Koestlers e David Roussets. Mas o cotejo era-lhes esmagadoramente desfavoravel. Nessas mesmas datas, fatos importantes na realidade do grande mundo, obscureciam as distorções subjetivas desses escribas impotentes: os exércitos libertadores de Mao Tse Tung entravam em Nankim, deslocando para o campo poderoso da paz os milhões da China; e, em Paris mesmo, emergindo das perseguições e da caçada de várias policias americanas, irrompia, ovacionado por milhares de partidários da Paz, um dos grandes poetas de nossa época, Pablo Neruda. O Congresso dos Partidários da Paz em Paris foi a primeira grande manifestação internacional do desejo de paz que alimentam os povos de todo o mundo. Com o Congresso de Paris o movimento pela paz atingia sua plenitude. Suas recomendações passaram a nortear a atividade dos partidários da paz em todo o mundo, e o Comité Mundial então eleito nasceu com o prestígio e a autoridade que nenhum governo pôde desconhecer. A defesa da paz passou à ação conjunta e unificada de todos os povos. Novos e amplos congressos regionais são os marcos subsequentes da gigantesca rede de defesa da vida e do progresso estendida em todo o globo. O esforço combinado de todas as policias americanas sob o comando do FBI, não consegue frustrar o Congresso Continental da Paz, reunido na Cidade do México, de 5 a 7 de Setembro de 1949, com brilho excepcional. Lá como nos outros congressos comparecem os representantes do Brasil. Nosso povo toma parte ativa e destacada na grande luta.

Redobram os esforços dos inimigos da paz, já então, inteiramente desmascarados. Trata-se para eles não só de preparar a guerra, como de lutar contra a paz. No seu arsenal de propaganda já começam a despontar linhas de argumentação tentando demonstrar que a paz é impossível, que só poderia ser preservada com a defesa armada, e até mesmo, que a paz levaria a uma crise, o que no fundo é verdadeiro,

não para a maioria dos homens, mas para a minoria dos que se locupletam com a desgraça alheia. Recrudescem em toda parte a perseguição aos defensores da paz, ao mesmo tempo que começam a chegar aos portos europeus os primeiros carregamentos militares do Pacto do Atlantico, a face militar do Plano Marshall. Os sucessos espetaculares da Revolução Chinesa desencadeiam ondas sucessivas de histeria nos altos comandos da planificação guerreira. Em nosso país, no governo ditatorial do general Dutra, as perseguições policiais contra os que lutam pela paz atinge ao seu paroxismo quando o assassinio passa a ser argumento contra a paz. Em São Paulo é assassinado Vicente Malvone. No Rio de Janeiro, Zélia Magalhães, jovem e heróica lutadora, que defendia o futuro do filho que trazia no ventre, é brutalmente chacinada pela sanha policial desencadeada contra os partidários da paz. Em Fortaleza, o fascismo covarde faz tombar Jaime Calado, jornalista e defensor da paz. Crimes hediondos e imperdoaveis, dos que assassinaram para defender o direito de continuar a matar. No entanto, apesar de todos os atentados monstruosos, prosseguiram a arregimentação e as jornadas pela paz, e, fortaleceram-se as organizações pacifistas.

O APÊLO DE ESTOCOLMO

Em 19 de março de 1950, quando atingia ao auge a preparação psicológica para o emprego da bomba atomica, o Comité Mundial reunido na Suécia, lançou a todos os homens o apêlo de Estocolmo, conclamando-os a assinar a petição contra as armas atômicas. O documento claro e sincero, "Exigimos a proibição absoluta da arma atômica, arma de terror e extermínio em massa de populações.

Consideramos que o govêrno que primeiro utilizar a arma atômica, não importa contra que país, terá cometido um crime contra a humanidade e deverá ser considerado criminoso de guerra.

Exigimos ao mesmo tempo o estabelecimento de um rigoroso controle internacional que assegure a aplicação da medida de interdição.

Pedimos a todos os homens de boa-vontade do mundo que assinem este apêlo" mobiliza milhões de consciências. Em torno dessa petição singela é que se vai desenvolver o maior plebiscito da história. Em seis meses, mais de um quarto da população adulta do mundo pronuncia-se inequivocamente contra o emprego da bomba atomica. Tal pronunciamento compacto e único, consegue sustar o impeto assassino dos invasores da Coréia. O General Mac Arthur que chegou a solicitar permissão para o uso da bomba atomica contra as populações da Coréia e da China, é obrigado a recuar diante da força maciça dos partidários da paz que lhe proibem o emprego do engenho infernal. Pode-se afirmar que o apêlo de Estocolmo impediu a nova guerra mundial, fazendo claro aos seus instigadores que o desencadeamento de uma nova conflagração representava, de inicio,

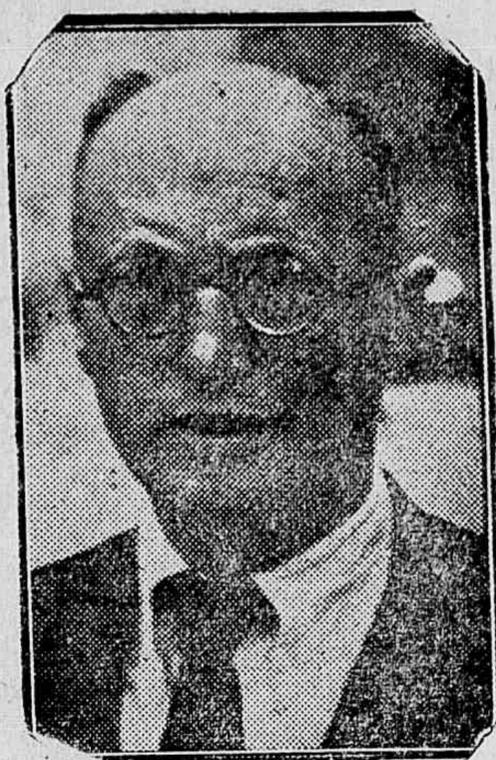
a ação contrária de um quarto da população adulta do globo. Não será necessário recordar, em detalhes, a atuação patriótica dos partidários da paz no Brasil, durante a grandiosa campanha pelo apêlo de Estocolmo, tão nitida e fortemente ela se encontra gravada em nossa memória. Não podemos deixar, no entanto, de lembrar, com orgulho, os 4 e meio milhões de assinaturas com que o Brasil se apresentou honrosamente ao computo universal dos que ilegalizam a guerra. Ficamos colocados em terceiro lugar, entre os países capitalistas ou sujeitos ao capitalismo, quanto ao número absoluto de assinaturas. Não teve limites o heroísmo dos nossos coletores de assinaturas. Quantos sacrifícios, quantos atos de coragem, de persistência, no recolhimento do estupendo acervo de 4 e meio milhões de votos brasileiros pela paz, com que os nossos delegados se apresentaram ao II Congresso Mundial dos Partidários da Paz. E eis-nos chegados a esse capítulo grandioso do movimento mundial de paz: o congresso de Varsóvia.

PREPARAÇÃO DO II CONGRESSO MUNDIAL DA PAZ

Nem mesmo o clima de terror em que viveu o país no último ano do governo Dutra, pôde conter o entusiasmo transbordante com que nosso povo realizou a campanha do apêlo de Estocolmo e a preparação do Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, como preparação ao II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, convocado pelo Comitê Mundial para Sheffield, na Inglaterra, de 13 a 19 de Novembro. Depois de assembléias municipais dos defensores da paz em vários estados, foram realizados congressos estaduais. Pouco depois da realização do II Congresso Paulista contra as Armas Atômicas em Setembro, realizou-se, também em São Paulo, o II Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, cujos trabalhos se prolongaram de 21 a 23 de Outubro de 1950. Estiveram presentes 848 delegados, representando 15 unidades da Federação. Foi uma memorável Assembléia do povo brasileiro, cheia de entusiasmo e confiança, que atingiu a sua apoteose com a chegada do sr. Buchama Abderhaman Delegado do Comitê Mundial, especialmente enviado para assistir ao Congresso e representar o Comitê de que é membro destacado. Trouxe o ilustre delegado o traço de união de nossos esforços pela paz com os inúmeros outros congressos que então se realizavam em todo o mundo, dando aos brasileiros a consciência de que o seu trabalho pela paz era uma parcela importante na luta de todos os povos. Ao final de seus trabalhos aprovou o Congresso importantes resoluções, elegeu uma nova direção para o Movimento Nacional dos Partidários da Paz e escolheu a delegação brasileira ao II Congresso Mundial.

SHEFFIELD

Sheffield saiu da geografia para entrar na história, diz Dominique Desanti no seu livro interessantíssimo



Os anos que temos pela frente serão dos mais difíceis para a humanidade. Vemos uma época de grandes contradições; fatores que levam à guerra se achocam com fatores de paz de uma significação muito maior.

Entre os grandes fatores de paz, nosso movimento ocupa um lugar proeminente, e o fato de os partidários da paz estarem dirigindo Estados poderosos que representam centenas de milhões de homens, completam nossa perspectiva.

Nosso II Congresso, sua preparação política que movimentou dezenas de milhões de homens, o quase milagre técnico que permitiu a dois mil delegados se deslocarem em três dias da Inglaterra e da França para a Polônia, são fatos que provam que o movimento dos partidários da paz, deixou de ser o movimento de idéias que o originou, para tornar-

mo sôbre o Congresso de Varsóvia. (1) No entanto, o governo trabalhista fê-la retroceder a meio caminho para a sua brumosa geografia, poderíamos dizer, glosando a frase da grande jornalista. Por pressão aberta do Departamento do Estado norte-americano, o governo de Attlee impediu na prática a realização do II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, na Inglaterra, negando visto de entrada no país à maioria dos delegados. Nas vésperas do Congresso, sob a fortíssima pressão dos americanos, o governo inglês negou entrada mesmo aos congressistas que haviam recebido visto dos consulados ingleses, em especial a altas personalidades como o próprio prof. Joliot-Curie, presidente do Comitê Mundial que foi impedido de desembarcar em Dover. O governo norte-americano não podia permitir na realidade, que um país marshalizado, ainda que esse país fosse a própria Inglaterra, se tornasse a tribuna livre de onde a heroína das mulheres coreanas Pak Den Ai revelasse ao mundo as monstruosidades dos bombardeios indiscrimina-

(1) La colombe vole sans visa, Les Editeurs Français, Paris, 1951

A SEXTA POTENCIA

(Palavras de Pietro Nenni durante o II Congresso dos Partidários da Paz realizado em Varsóvia).

se uma força considerável que não pode ser esquecida.

Que faremos desta força?

Vamos pô-la a serviço do nosso ideal, de nossa vontade de paz, através de um trabalho incansável de propaganda e de ação cuja missão será desmascarar, denunciar os criminosos que preparam uma nova guerra, e de dirigir contra eles, contra sua política sinistra, um muro inexpugnável, feito da vontade de vida e paz dos povos que nós representamos.

Por ocasião do nosso I Congresso, estávamos preocupados em vencer, na opinião dos homens, a substituição do perigo de guerra. Na preparação do II Congresso, lutamos contra a tendência que havia, de considerar a guerra inevitável, fatal. Nosso II Congresso é uma demonstração viva de que conseguimos, de um lado, desmascarar os fatores de guerra e vencer a inércia e indiferença com a qual eles contavam para tomar de surpresa a opinião pública mundial; de outro lado, verificamos que, graças à nossa propaganda, cada mulher e cada homem no mundo todo, guarda uma pedra que trará à construção já iniciada do grandioso edifício da paz.

Por isso é que somos, de maneira positiva e concreta, a sexta potência do mundo, potência a serviço da

dos na Coréia; de onde, o poeta popular indiano Vallathol Narayana Menu, nunca antes saído de sua aldeia natal, recitasse para todo o mundo seus singelos e irretorquíveis versos de maldição aos criminosos das guerras; de onde Kuo Mo Jo, médico, escritor, arqueólogo, educador e poeta, herói do povo chinês e vice-presidente de sua República Popular, cujo governo a Inglaterra havia reconhecido para não perder os seus comércios rendosos de Hong Kong e outras praças, pudesse afirmar livremente, em nome de seu povo, que a Nova China está disposta a defender a paz como já defendeu sua independência. Não era possível que o grande líder socialista, Pietro Nenni, expusesse em solo inglês suas teses de socialismo e Paz; que Pierre Cot, ex-ministro e jurista ilustre examinasse em sua lúcida oratoria, o problema do desarmamento e da neutralidade do ponto de vista do direito internacional, em discursos inesquecíveis. Não seria na Inglaterra que Leopold Infeld, físico de grande prestígio nas Universidades inglesas, colaborador de Einstein, pudesse defender a voz da razão em oposição à voz do ódio. Era necessário defen-

der a civilização ocidental contra homens como Picasso, como Joris Ivens cujos filmes muito ensinaram a cineastas ingleses; como Joliot-Curie, membro da Academia Real de Ciências da Inglaterra, que durante a guerra mandara para a Inglaterra todo o estoque de água-pesada existente nos seus laboratórios, para evitar que caíssem na mão dos nazistas; defender o ocidente de toda aquela pleiade de grandes figuras da civilização e da cultura que logo depois iriam honrar Varsóvia com sua presença e serem honrados pela imortal capital polonesa. O governo inglês devia defender a civilização cristã contra o abade Boulier, contra o deão de Canterbury, contra o padre católico italiano don Andrea Gaggero e dezenas de pastores e sacerdotes, ingleses, americanos, franceses, poloneses, russos, bulgaros e de outras nacionalidades, representando todas as igrejas cristãs. Contra ingleses como Blackett e Powell, os dois últimos prêmios Nobel de física, que acumulam a ciência inglesa de honrarias e que são partidários da paz.

O impedimento do Congresso e os métodos adotados para conseguí-lo trouxeram o maior desprestígio para o governo inglês e causaram justificada indignação em todo o mundo, sobretudo na própria Inglaterra. Os desesperados instigadores de uma nova guerra não podiam mais enfrentar um Congresso de Paz. Já não haviam eles violado a carta da ONU, invadindo brutalmente a Coreia do Norte? E já não haviam, num supremo ato de achincalhe, atribuído essa resolução criminosa, depois de consumada, a uma deliberação da própria ONU, votada às pressas e ilegalmente? Não haviam eles torpedeado sistematicamente, todas as propostas de controle da energia atômica, de desarmamento, de paz, apresentadas à consideração da ONU? Como tapar o sol com uma peneira? Seu novo e desesperado golpe de força só serviu para demonstrar a determinação e o poderio do campo da paz.

VARSOVIA

Num esforço gigantesco o povo e o governo poloneses chamaram a si a responsabilidade do II Congresso Mundial dos Partidários da Paz. Em uma demonstração impressionante de sua nova capacidade de trabalho e organização, os poloneses fizeram em quatro dias, todo o necessário para a realização do maior Congresso Internacional já realizado no mundo. Mais de 2.000 delegados, convidados e jornalistas foram transportados e alojados. O imenso recinto não terminado da maior tipografia da Europa, foi transformado pelo trabalho de 3.000 operários, arquitetos, decoradores, carpinteiros e artistas, em um deslumbrante palácio, admiravelmente decorado, e com instalações técnicas que permitiam a transmissão simultânea, em 9 línguas, por meio de fones especiais colocados em cada um dos 3 mil lugares sentados do imenso salão de todos os trabalhos do plenário gigante. Sem contar a transmissão geral por altos falantes em todas as dependências do imenso edifício. Ligações telefônicas e telegráficas e radiotelegráficas es-

peciais levavam a todo mundo, a cada minuto, a palavra de paz de Varsóvia. Liberdade plena. Todos os correspondentes de jornais e empresas cinematográficas, muitos americanos e franceses, que pediram vistos foram admitidos a acompanhar os trabalhos do Congresso. Todas as facilidades lhes foram concedidas. Nas alas laterais do imenso salão do plenário, ao longo dos quais se enfileiravam os refletores cujos jorros de luz feérica faziam dias as noites de inverno, estendiam-se os trilhos das plataformas corredeiras, onde câmaras cinematográficas deslizavam solenes com seus ajudos olhos de lentes, fixando aquela extraordinária movimentação de papéis escritos em dezenas de alfabetos, surpreendendo deliberações tomadas em centenas de línguas e dialetos, registrando expressões e maneiras de milhares de indivíduos de todas as raças, de todas as fisionomias, de todas as idades e todos os países. Representantes e 81 países, trabalhando durante uma semana em conjunto, valendo-se muitas vezes do conhecimento comum de uma terceira língua, ou de interpretes, e conseguindo entender-se com tanta facilidade. E toda aquela soma enorme de esforços e compreensão, convergindo para a defesa do maior bem da humanidade — a paz. A paz que ali estava falada e escrita, a cada passo, em inúmeras línguas. A paz desejada sinceramente por todos os povos. Em cada uma das delegações sentia-se, palpável, a presença dos respectivos povos. No semblante dos delegados, gravados com a expressão da responsabilidade, sentiam-se os esforços os sacrifícios dos que os haviam enviado àquela assembléia impar na história. Nunca antes um conclave dispuzera de tanta autoridade — 81 nações, representadas por delegados de seus povos, e não necessariamente, de seus governos. E tudo e todos cercados sempre pela solicitude, pelo carinho, pelo entusiasmo e pela eficiência, maravilhosos, do grande povo polonês. Grande povo que não se cançava de vitoriar os delegados em todas as partes da sua grandiosa capital. Grande povo que se comprimia em densas aglomerações em volta da majestosa sede do Congresso, e em vivas e aclamações ininterruptos aos delegados, exprimiam a confiança que depositavam no Congresso, ao tempo em que, com o seu entusiasmo, infundiam confiança e alegria em todos os delegados. Povo admirável que em poucos dias embandeirou toda a sua metrópole para festejar a paz, e recobriu todas as fachadas da sua febril reconstrução, com dísticos e saudações à paz e à cooperação entre os homens. Grande e generoso povo que em retribuição a sua generosidade contará sempre, em todos os quadrantes da terra, com a mais terna gratidão de todos que tiveram o privilégio de serem hóspedes da Polónia livre e democrática.

OS DOCUMENTOS DE VARSOVIA:

MANIFESTO AOS POVOS E MENSAGEM A ONU

Depois de 7 dias de trabalhos em sessão permanente o plenário do

Congresso votou os textos elaborados pelas comissões, e incorporados em dois documentos fundamentais que são as resoluções básicas do grande Congresso de Varsóvia. O primeiro é o manifesto aos povos, e o segundo é a Mensagem à ONU.

—o—

MANIFESTO AOS POVOS

Depois de ser alvo das piores provocações e medidas de restrição por parte do governo inglês, o II Congresso Mundial dos Partidários da Paz se transferiu de Sheffield para a cidade de Varsóvia, onde se realizou com pleno êxito. Foi encerrado o histórico conclave com a aprovação solene do Manifesto dos Partidários da Paz de 75 países, cujo texto é o seguinte:

«A guerra ameaça a humanidade, as crianças, as mulheres e os homens. A Organização das Nações Unidas não justifica a esperança dos povos de conservar a paz e a tranquilidade. A vida dos homens e as aquisições da cultura humana estão em perigo.

Os povos querem conservar a esperança de que a ONU voltará resolutamente aos princípios que inspiraram a sua formação, depois da segunda guerra mundial, e que consistiam em assegurar a liberdade, a paz e estima mútua entre os povos.

Cada vez mais, os povos do mundo confiam em si mesmos, em sua firmeza, em sua boa-vontade. Todo homem consciente sabe que aquele que diz: «a guerra é inevitável», está caluniando a humanidade.

Lendo esta mensagem, lançada em nome dos povos de 81 países, representados no II Congresso da Paz de Varsóvia, não esqueçais nunca que o combate pela paz é o vosso próprio combate. Sabei que centenas de milhões de partidários da paz unindo-se vos estendem a mão. Eles vos convidam a participar do mais belo dos combates travados pela humanidade que acredita em seu futuro.

A paz não se espera, a paz se conquista.

Juntemos nossas vontades para exigir a cessação da guerra que hoje devasta a Coreia e que pode atear fogo ao mundo.

Ergamo-nos contra a tentativa de acender focos de guerra na Alemanha e no Japão.

Com os quinhentos milhões de seres conscientes que assinaram o Apelo de Estocolmo, exigimos a interdição das armas atômicas, o desarmamento geral e o controle dessas medidas.

O controle rigoroso do desarmamento geral, a destruição das armas atômicas são tecnicamente possíveis. Trata-se de querê-los.

Imponhamos uma legislação que reprima a propaganda de guerra.

Apresentemos aos Parlamen-tos e à Assembléia das Nações

Unidas as propostas em favor da paz elaboradas pelo II Congresso Mundial.

O poderio das forças pacíficas no mundo é bastante grande, a voz dos homens bastante vigorosa para que possamos conseguir o encontro dos representantes das cinco grandes potências.

O II Congresso Mundial da Paz demonstrou com uma força sem precedentes, que os homens vindos das cinco partes do mundo, apesar das grandes divergências de opinião, podem se entender para conjurar o flagelo da guerra e conservar a paz.

Que os governos sigam esse exemplo, e a paz será salva!»

MENSAGEM A O. N. U.

Eis aqui o segundo documento fundamental do Congresso:

Quando criaram a Organização das Nações Unidas, os povos do mundo nela depositaram grandes esperanças. E a maior dessas esperanças era a da Paz.

Entretanto, a guerra perturba hoje a vida pacífica de alguns povos, e ameaça perturbar amanhã a de toda a humanidade. Se a Organização das Nações Unidas não justifica a grande confiança que nela depositaram os povos do mundo — tanto os que ali estão representados pelos seus governos, como os que ainda não estão — se a Organização das Nações Unidas não assegura à humanidade a tranquilidade e a Paz, é porque está influenciada pelas forças que se afastaram do único caminho possível da Paz universal: a busca de um entendimento geral.

Se a Organização das Nações Unidas quiser justificar as esperanças que a humanidade continua a depositar nela, deve retornar ao caminho que desde o dia de sua fundação lhe foi traçado pelos povos, e, como primeiro passo nesse sentido, ela deve assegurar no mais breve prazo a reunião das cinco grandes potências: Estados Unidos, União Soviética, Grã-Bretanha, França e República Popular da China, para o exame e a solução pacífica das divergências existentes.

O Segundo Congresso Mundial de delegados de 81 países e representando a voz autêntica da humanidade pacífica, insiste para que a Organização das Nações Unidas e os organismos legislativos perante os quais são responsáveis os governos dos diversos países examinem com a maior urgência as propostas seguintes, destinadas a restabelecer a confiança entre todos os países, independentemente de seus sistemas sociais e a manter ou restabelecer a Paz.

1.º — Diante do fato de que a guerra travada atualmente na Coreia não traz somente inúmeras desgraças ao povo coreano, mas ameaça generalizar-se, insistimos para que cesse esta guerra para que se efetue a retirada dos exercitos estrangeiros da Coreia, e para que se

encontre uma solução pacífica do conflito interno que separa as duas partes da Coreia, e isto com a participação de representantes do povo coreano.

Insistimos para que esse problema seja resolvido pelo Conselho de Segurança completo, isto é, com os representantes da República Popular da China. Pedimos a cessação da intervenção das tropas americanas contra a ilha chinesa de Taiwan (Formosa) e a cessação das hostilidades contra a República do Viet-Nam, ações militares que também acarretam uma ameaça de guerra mundial.

2.º — Condenamos de maneira categórica toda tentativa feita ou toda medida tomada violando os acordos internacionais que proibem o rearmamento da Alemanha e do Japão. Eis as tentativas e medidas que representam uma grave ameaça à paz. Com insistência pedimos a conclusão de um tratado de Paz com uma Alemanha Unificada e desmilitarizada bem como com o Japão, e a retirada das tropas de ocupação desse dois países.

3.º — Consideramos as violências empregadas para a manutenção dos povos em estado de dependência e opressão colonial como uma ameaça à causa da paz e proclamamos o direito desses povos a Liberdade e a Independência.

Do mesmo modo, erguemo-nos contra todas as formas de discriminação racial, pois elas geram o ódio entre as Nações e comprometem a paz.

4.º — Consideramos necessário denunciar as tentativas dos agressores de lançar a confusão sobre a própria noção de agressão estrangeira nos assuntos internos dos outros países.

Nenhuma consideração de ordem política estratégica ou econômica, nenhuma razão decorrente da situação interna ou de conflitos internos em tal ou qual Estado podem justificar a intervenção armada de um outro Estado seja ele qual fôr. A agressão é o fato criminoso de um Estado que em primeiro lugar, emprega a força armada contra outro Estado, sob qualquer pretexto que seja.

5.º — Consideramos que a propaganda de uma nova guerra cria a mais séria ameaça à colaboração pacífica dos povos. Nós a consideramos como um dos crimes mais graves contra a humanidade. Apelamos para os parlamentos de todos os países no sentido de que promulguem uma lei de proteção à paz, estabelecendo a responsabilidade penal relativa à propaganda de uma nova guerra, sob qualquer forma que ela seja feita.

6.º — Todos os homens honestos independentemente de sua tendência política, consideram o extermínio maciço e impiedoso da população civil da Coreia como um crime contra a humanidade.

Pedimos que uma Comissão internacional competente seja convocada para examinar os crimes cometidos nesta guerra na Coreia e em particular a questão da responsabilidade do general Mac Arthur.

7.º — Interpretes dos povos que arcam, com os pesados encargos dos orçamentos de guerra, firmemente resolvidos a garantir à humanidade uma paz sólida e duradoura, dirigimos à Organização das Nações Unidas, aos Parlamentos e aos povos as seguintes propostas:

— Interdição absoluta de todos os tipos de armas atômicas, de armas bacteriológicas, químicas, tóxicas, radio-ativas e de todos os outros meios de destruição em massa.

— Denúncia como criminoso de guerra do governo que primeiro empregar tais armas.

O Segundo Congresso Mundial, consciente de sua responsabilidade perante os povos, dirige-se com a mesma solenidade às grandes potências e lhes propõe proceder nos anos de 1951 e 1952, a uma redução progressiva e simultânea de todas as forças terrestres, aérea e marítimas, indo essa redução de um terço à metade. Tal medida, pondo um termo decisivo à corrida armamentista, diminuirá os riscos de agressão.

Ela permitirá aliviar os encargos que sobrecarregam os orçamentos dos Estados e se fazem sentir pesadamente sobre todas as camadas do povo.

Ela permitirá igualmente chegar ao restabelecimento da confiança internacional e da indispensável cooperação entre as nações, seja qual fôr o seu regime social.

O Congresso declara que o controle referente às armas atômicas e de destruição em massa, bem como a das armas chamadas convencionais é tecnicamente possível. Um organismo de controle internacional, dispondo de inspetores qualificados, deve ser criado junto ao Conselho de Segurança — encarregado de controlar tanto a redução das armas convencionais, como a interdição das armas atômicas, bacteriológicas, químicas e outras.

O controle, para ser eficaz, deve exercer-se não somente sobre as forças militares, o armamento existente e a produção de armas, tais como serão declarados por cada país, mas também a pedido da comissão de controle internacional, deve entender-se à inspeção das forças militares, do armamento e da produção de armas que fosse simplesmente suposta, além da que fosse declarada.

Essas propostas de redução das forças armadas constituem uma primeira etapa no sentido do desarmamento geral, que continua a ser o objetivo final dos Partidários da Paz.

O Segundo Congresso Mundial dos Partidários da Paz, convencido de que a Paz não pode ser garantida pela procura de um equilíbrio de forças que leva à corrida armamentista, afirma que essas propostas não dão nenhuma superioridade de poderio militar a qualquer nação, seja ela qual fôr, mas, terão como efeito certo barrar a guerra e aumentar o bem estar e a segurança de todos os povos do mundo.

8.º — Acentuamos que em certos países, a passagem da economia de paz para a economia de guerra perturba cada vez mais as relações econômicas e as trocas internacionais de matéria prima e produtos manu-

faturados. Ahamos que ela exerce uma repercussão nefasta sobre o nível de vida de numerosos povos, que entrava o progresso econômico e as correntes comerciais e que essa situação origina conflitos que ameaçam a paz do mundo.

Como defensores dos interesses vitais das populações e desejos de sanear a situação internacional, pedimos que se volte às regras normais de intercâmbio cultural entre os povos, na base de reciprocidade. Assim seriam satisfeitas as suas necessidades seriam afastadas todas as formas de discriminação econômica, assim seria assegurado o desenvolvimento econômico dos grandes e pequenos Estados.

9.º — Consideramos que as dificuldades trazidas ao intercâmbio cultural entre os povos engendram a discórdia, a incompreensão e criam um clima de desconfiança, favorecendo as propagandas de guerra. Consideramos que o estreitamento dos laços culturais entre os povos cria as condições mais favoráveis para o seu entendimento mútuo e reforçam sua confiança na luta comum pela paz.

Apelamos assim para todos os governos para que contribuam para a melhoria das relações culturais entre os povos, para lhes permitir conhecer melhor seus respectivos patrimônios no domínio da cultura. Solicitamos-lhes facilitar a organização de conferências internacionais de intelectuais, visitas de país a país, a edição e a difusão a mais amplas das obras literárias e o conhecimento das obras artísticas.

Ao convidar a Organização das Nações Unidas a justificar as esperanças que os povos haviam colocado nela, levamos ao seu conhecimento a criação por nós de um Conselho Mundial da Paz.

O Conselho Mundial da Paz será um organismo representativo dos representantes de todos os povos do mundo, quer se trate de países filiados à ONU, dos que ainda não são representados, ou dos que são dependentes ou colonizados.

Ele conclama a ONU a cumprir efetivamente os deveres de que está encarregada, para fortalecer e desenvolver uma colaboração pacífica entre todos os países. Assumirá a elevada incumbência de assegurar uma paz sólida e contínua que corresponda aos interesses vitais de todas as nações.

O Conselho Mundial da Paz dará enfim, a toda a humanidade a certeza de que a despeito de todas as dificuldades existentes e que não devem, aliás, serem menosprezadas, cumprirá sua missão".

PACTO DE PAZ ENTRE AS CINCO GRANDES POTÊNCIAS

As resoluções e os documentos do Congresso de Varsóvia tiveram a maior repercussão. Em todo mundo se discutiu longamente o alcance dos documentos votados em Varsóvia, apesar da imprensa subordinada aos interesses guerreiros procurar sabotar a divulgação do Congresso e suas resoluções. A força do movimento mundial pela Paz ficou patenteada pelas demonstrações de solidariedade recebidas de todos os

países pelo Conselho Mundial da Paz, o órgão permanente de defesa da paz, eleito pelo Congresso em sua sessão de encerramento. Os acontecimentos têm confirmado o acerto de todas as ponderações feitas à Organização das Nações Unidas. A própria condenação individual do general Mac Arthur que a muitos poderia parecer desnecessária por singularizar um entre muitos homens de responsabilidade definida no comprometimento da paz mundial, teve espetacular confirmação com o seu afastamento pelo governo americano da chefia das tropas americanas na Coreia. Muito se enganaria quem visse nessa medida o desejo de evitar a guerra. As sucessivas declarações de Truman e outros homens públicos americanos, de decidido apoio à política de guerra em que empenham os Estados Unidos, demonstram que o perigo aumenta a cada dia. A medida que a mobilização das grandes massas humanas para a paz ganha terreno, pela ação pertinaz dos defensores da Paz, não diminui, antes cresce o perigo de uma nova guerra, pois os armamentistas vêm diminuir as suas probabilidades de êxito no desencadeamento de novo conflito, e sabem que a paz, para eles, é a ruína. Em todo mundo capitalista, subordinado à dominação americana, intensificam-se febrilmente os preparativos de guerra; portanto, cada vez mais difíceis as condições de vida, cada vez mais retrita as franquias democráticas, cada vez maior a exploração das massas trabalhadoras. Não é esta a situação em nossa pátria? Como esperar qualquer melhoria enquanto perdurar a dominação econômica e política que os america-

nos exercem sobre nosso governo? E qual a política dos americanos em relação ao Brasil? Reduzir-nos a uma colônia que forneça materiais e homens para a sua política geral de expansão imperialista e guerra. Lutar pela nossa independência e pelo bem estar de nosso povo é lutar pela paz. Mas como lutar efetivamente pela paz nos dias que correm? Quem nos responde é o Conselho Mundial da Paz que em sua última reunião, em Fevereiro deste ano, lançou um apelo a todos cidadãos e instituições que amam a paz, no sentido de apoiarem a conclusão de um pacto entre as cinco grandes potências.

No momento em que a carta da ONU é desrespeitada pelos imperialistas norte-americanos, em que a mais frenética propaganda ameaça confundir os espíritos e acesa ódios e preconceitos, somente um instrumento de paz, firmado entre os Estados Unidos, a Grã Bretanha, a França, a União Soviética e a República Popular da China poderá criar condições para trazer a tranquilidade e confiança à humanidade, clima único em que é possível o progresso humano. O problema da preservação da paz é o mais urgente de todos os problemas. Dêle dependem todos os outros. Todos estão chamados a cooperar na grandiosa campanha por um pacto entre os 5 Grandes. Não podemos perder a paz, agora que com tantos sacrifícios, temos-a à vista, tão perto. O movimento da Paz em todo mundo de que fizemos neste artigo um rápido esboço histórico, depende para a sua vitória definitiva, de mais este sucesso, o sucesso da campanha por um pacto de Paz. Eis aqui o texto do apelo do Conselho Mundial:

"ATENDENDO às spirações de milhões de homens do mundo inteiro, qualquer que seja sua opinião sobre as causas que engendram os perigos de guerra mundial;
PARA consolidar a paz e garantir a segurança internacional;

RECLAMAMOS a conclusão de um pacto de paz entre as grandes potências: Estados Unidos da América, União Soviética, República Popular da China, Grã-Bretanha e França.

CONSIDERAMOS a negativa do Governo de qualquer das referidas potências a reunir-se para concluir esse pacto de paz, como evidência de designios agressivos por parte desse Governo.

FAZEMOS um apelo a todas as nações amantes da paz para que apoiem a exigência de UM PACTO DE PAZ aberto a todos os Estados.

COLOCAMOS nossas assinaturas ao pé deste Apelo e convidamos a assiná-lo, a todos os homens e a todas as mulheres de boa vontade, a todas as organizações que aspiram a consolidação da Paz.

Com este apelo, o nosso amor pelo Brasil, e a compreensão do nosso povo, chegaremos aos 5 milhões de assinaturas que nos cabem como quota de honra na defesa da paz

mundial.

A Paz é o supremo bem. Seremos indignos de nossa época se não a defendermos com todas as nossas forças.

A HISTORIA SE REPETE...

CORRUPÇÃO NO GOVERNO DA COREIA DO SUL

PUSAN, 10 (R.) — O vice-presidente da Coreia do Sul, sr. Lee Shi Yong, renunciou hoje ao cargo em sinal de protesto contra a corrup-

ção reinante no seio do governo sul-coreano...

N. da R. — ...e era assim também na China de Chiang-Kai-Shek.

O papel das condições sociais na genese e evoluçao das doenças mentais

O PROBLEMA DA SAÚDE MENTAL NOS ESTADOS UNIDOS

Neste número de "Fundamentos", queremos apresentar, sem outros comentários, dois documentos importantes. O primeiro refere-se ao problema da saúde mental nos Estados Unidos. O segundo é relativo a abaixamento da frequência das doenças mentais na União Soviética. Em outros artigos subsequentes, teremos oportunidade de abordar questão de tão alta atualidade como essa a que refere o título deste artigo.

Nós lemos em "La Presse Médicale", de 3 de dezembro de 1949, a análise seguinte, extraída do relatório de M.D.R. Ewing; administrador do seguro social naquele país:

— "Entre os problemas médicos estudados em seu relatório, O. R. Ewing coloca em primeiro lugar o da saúde mental.

"Mais da metade dos doentes tratados diariamente nos hospitais americanos, cerca de 600.000 o são por causa de doença mental. 2 milhões de homens foram reformados ou declarados incapazes ao serviço militar por motivos relevantes de neuro-psiquiatria. Em 1946, os doentes hospitalizados por perturbações mentais atingiam a taxa de 372,2 por 100.000 habitantes. A taxa mais elevada é a do Estado de New-York com 539,9 e a mais baixa aquela de Utah, com 206,1.

"Graves problemas sociais resultam desta forte proporção de doenças mentais (diz o citado administrador).

"Em 1946, foram praticados ... 1.700.000 crimes nos Estados Unidos. Anualmente, 250 a 400.000 jovens de menos de 18 anos comparecem diante dos tribunais para jovens. Computa-se cerca de 600.000 casos de alcoolismo crônico e a média de um divórcio para três ou quatro casamentos. Estima-se em 8 milhões o número de pessoas afetadas por distúrbios mentais.

"Os meios de defesa dos Estados Unidos, neste domínio, são insuficientes. Não há mais que 4.500 psiquiatras em todo o território dos Estados Unidos. Faltam 15.000. No Estado de New-York, notadamente, não há mais que 950 psiquiatras qualificados, são necessários mais de 2.000. Naturalmente, constata-se uma deficiência paralela no pessoal auxiliar.

"A pesquisa científica consagrada à psiquiatria é insuficiente. As somas afetas a esta pesquisa são irrisórias: 2 milhões a 2.500.000 de dólares consagrados ao conjunto da pesquisa científica.

"Para atingir resultados apreciáveis, é necessário que esta ajuda financeira atinja ao curso dos nove anos o limite de 75 milhões de dólares.

"Os hospitais dos Estados para doenças mentais têm a situação a

mais desfavorável. Os doentes existem em super-número de 20 a 70%. O número de psiquiatras e de enfermeiros especializados é de 75 a 80% insuficiente.

"O número de clínicas de psiquiatria nos Estados Unidos é de 600 atualmente; esta cifra deve ser aumentado até que haja uma para 100.000 habitantes, ou seja, 1.600 a 1.800. A distribuição deve ser tal que as populações rurais possam atingi-las facilmente".

Enfim, terminando esse capítulo, o relatório de O.R. Ewing diz que uma importância toda particular deve ser dada à observação e ao tratamento dos distúrbios emocionais e às doenças mentais da criança.

O ABAIXAMENTO DA FREQUÊNCIA DAS DOENÇAS MENTAIS NA UNIÃO SOVIÉTICA

Nós lemos em "La Raison — cahiers de psychopathologie scientifique", de janeiro de 1951, a análise seguinte, extraída de um trabalho apresentado em 12 de novembro de 1949, por Karandovitch, do Ministério da Saúde da U.R.S.S.:

— "Se nós tomamos a cifra de 100 doentes psiquiátricos sobre 10.000 habitantes em 1937, esse número se abaixa

em 1938 a 85,3
em 1940 a 81,6
em 1947 a 70,2
em 1948 a 70,1

Quer dizer que de 1936 a 1948, a queda foi de 29,9".

"O quadro seguinte mostra o decréscimo de algumas doenças men-

JOÃO BELLINE BURZA

tais, durante os vinte últimos anos na U.R.S.S.:

DADOS DOS HOSPITAIS (Sobre 100 internados)

	1928	1935	1939	1948
Psicose Maníaco-depressiva	5,3	3,4	2,9	2,1
Alcoolismo e Toxicoses	16,1	15,0	13,6	7,4
Neuro-sifilis e Paralisia geral	5,2	5,0	3,9	2,5

DADOS DOS DISPENSARIOS (Sobre 10.000 habitantes)

	1930	1934	1940	1946	1948
Psicose Maníaco-depressiva	1,2	4,9	0,7	0,6	0,2
Alcoolismo e Toxicose	2,1	1,3	0,8	0,4	0,2
Neuro-sifilis e P.G.	1,9	1,3	0,8	0,4	0,2
Psicopatias	5,1	4,0	3,0	3,0	2,8

"As doenças mentais ditas endógenas, como a esquizofrenia, a psicose maníaco-depressiva, a epilepsia, têm também diminuída a frequência. E Karandovitch assinala que, no que concerne à esquizofrenia, as cifras passam, para 10.000 habitan-

tes:
de 7,0 em 1926
a 7,0 em 1930
a 6,3 em 1940
a 5,0 em 1946
a 4,0 em 1947
a 3,8 em 1948

— Quando se sabe que a cifra dos doentes mentais vai crescendo nos Estados Unidos, estes últimos dados vêm apoiar a tese que nós defendemos, quanto ao papel das condições sociais na gênese e evolução das doenças mentais.



O DESMEMORIADO: — «Que eu ia acabar com vocês? Não... Não me lembro que houvesse dito tal cousa».

HERÓIS E VILÕES

na literatura de vanguarda

IBIAPABA MARTINS

Minha intenção, como autor de "Falam os Muros da Cidade", é a de aprofundar a autocrítica em relação à feitura e resultado da obra acima citada, na qual reconheço numerosas debilidades. Isso seria feito, era meu pensamento inicial, depois que dessemphassem sua função críticos mais competentes isentas dessa paixão quase infantil que todo autor estreado tem pelo seu livro. Todavia, como algumas das críticas abordaram questões ainda não muito estudadas em nosso país, provocando reações polêmicas, sou obrigado a escrever não para aprofundar a autocrítica — o que será feito mais tarde — mas para enfrentar umas tantas questões de princípios.

Parece-me que uma das questões que está impedindo o aparecimento de uma crítica realmente baseada no espírito e nos princípios do realismo socialista é a de saber qual a tarefa do escritor, artista ou intelectual em nosso país. O escritor de vanguarda — vêm afirmando diversos intelectuais que, no momento, abrem as vedas da crítica revolucionária — tem que mostrar o novo em desenvolvimento na nossa sociedade. Justa essa afirmativa. Não será justa, no entanto, quando o crítico de vanguarda confunde esse mostrar o novo com a predominância de tipos positivos, de heróis positivos, nas obras dos escritores. Walter Sampaio deu a entender nas observações que fez em "Fundamentos" a propósito de meu romance que o autor não poderia ter escrito uma obra de vanguarda tendo como personagem central do livro um tipo negativo, "uma personagem tão sem colorido, tão elementar e tão imprecisa e quase cretina como é Pirangi." Moacyr Werneck de Castro, outro crítico que escreveu sobre o assunto, chegou mesmo a afirmar:

"Falam os Muros da Cidade" é um romance que situa em primeiro plano a história de um pequeno burguês, Pirangi, com suas atribulações e oscilações, com a mesquinha consciência própria de sua camada social, homem que chega a viver nas fronteiras da classe operária para afinal dela se distanciar, seguindo pelo casamento, na esteira da burguesia. Temos, pois, mais um tipo especial de "herói fracassado", em cujas experiências o autor se compraz, dando o melhor de seus esforços para caracterizar-lhe a psicologia sensaborona. No segundo plano é que vão aparecer as lutas operárias e democráticas de São Paulo atual, como cenário para as aventuras sentimentais de nosso pequeno burguês. Ora, se o que importa são essas lutas e as novas formas de consciência social que elas determinam, a ri-

queza de personalidade humana que fazem aflorar, a imensa matéria prima que oferecem ao romancista, então vemos que Ibiapaba Martins se desviou basicamente do caminho que deveria seguir na aplicação do método do realismo socialista."

Enfim: Moacyr e Walter Sampaio parecem afirmar, se não me engano, que me afastei basicamente do caminho do realismo socialista por ter-me preocupado em demasia com o "velho", com uma personalidade já superada pela História como esse Pirangi. Ora, caracterizar o realismo socialista dessa forma, isso sim que é afastar-se basicamente da aplicação do método justo na crítica literária. Um dos escritores que mais aprecio e deve ser também um dos mais estimados romancistas soviéticos se tivermos em conta as tiragens de seus livros, é Mikail Sholokhov. Se fôssemos medir em páginas impressas o destaque dado aos elementos negativos, contra-revolucionários que aparecem em "O Don Silencioso" e em "Fuego en el Don", poderíamos erradamente concluir que Sholokhov se preocupou demasiadamente com o "velho" e se afastou do realismo socialista. Não lhe façamos no entanto tal injustiça, lembrando que Lênin já ridicularizava nos "economistas" a mania de tudo medir em "puds" ou em páginas de imprensa. Em número e em páginas impressas, tais personagens sobrepõem as personagens positivas, embora não movam uma palha, não levantem uma vez sequer o sabre, não comam e não durmam senão condicionados pela ação dos homens que, naquela época, estavam a construir a União Soviética de hoje. Ainda há pouco acabei de ler "A Vida de Klim Samguine", na qual Máximo Górkki descreve a gestação da revolução através da vida de um pequeno burguês intelectualizado "que passa por toda uma série de estados de espírito à procura do lugar o mais independente possível, capaz de lhe assegurar conforto material e tranqüilidade interior." "Em torno desta personagem" — afirma André Wurmser num comentário para "Les Letres Françaises", "anima-se toda uma época, toda uma sociedade, todo um povo de senhoritas, crianças, estudantes, e São Petersburgo, e Moscou e Nijni-Novgorod e a província russa. Como em toda obra de Górkki, é ao leitor que cabe tirar as conclusões. Não há nela sombra de didatismo." Talvez a falta deste didatismo primário tenha levado muitos críticos de então a considerar o livro algo senil e estranho à literatura de vanguarda. Realmente, ocorreu algo parecido e nesse

sentido os editôres da tradução francesa de "A Vida de Klim Samguine" fazem esta afirmação, sob a responsabilidade de Jean Pérus:

"Lênin achava que, para ser perfeitamente consciente, o operário social-democrático deve reconhecer o inimigo de classe em todas as suas maneiras de pensar, sentir e ser, em seu próprio comportamento, seja nas coisas aparentemente o mais estranhas à política. "A Vida de Klim Samguine" aí está para ajudá-lo. Assim, este grande romance realista, apoiado sobre a ciência das sociedades, é ao mesmo tempo uma obra militante. Isto explica bastante o silêncio calculado com que na própria União Soviética a crítica, então nas mãos dos amigos de Bukharin e Trotski, procurou envolver o livro por ocasião de seu aparecimento, afetando ver nesta primeira obra-prima do realismo socialista um trabalho senil, pejado de pessimismo e prisioneiro das tradições literárias da burguesia."

Pirangi, personagem central de meu livro, é também um pequeno burguês intelectualizado. Não se trata no entanto de um tipo especial de "herói fracassado", conforme afirma com evidente impropriedade Moacyr Werneck de Castro, pois do começo ao fim do livro procurei mostrá-lo como um pequenino vilão jactancioso e comodista que se considera ameaçado em seus privilégios pela ascensão do proletariado. Gide procura justificar-se e justificar seu "herói do ato gratuito"; Malraux é o Narciso do "herói desesperado." Em meu livro todavia, os heróis são realmente heróis, pois não são da massa dos Pirangi mas sim dos Osvaldo Adelaide, Alvim Dias e outros homens que lutavam para construir o mundo de amanhã.

Devemos ver o que há de "novo" mas devemos também — atendendo às leis da dialética — considerar a luta entre o velho e o novo. "Apon-tando os melhores sentimentos e qualidades do homem soviético — já o dizia Zhdanov em "TAREFAS DA LITERATURA NA SOCIEDADE SOVIÉTICA" — revelando-lhe seu futuro, devemos ao mesmo tempo mostrar ao nosso povo aquilo que ele não deve ser, devemos fustigar as remanescências do passado, as remanescências que impedem o homem soviético de marchar para a frente (o grifo é meu.) E se este trecho grifado é válido para a União Soviética, onde já foi possível criar tipos de homens sem-partido iguais à personagem de Plevói, o aviador Alexei Meresiev, é válido também para o Brasil, onde são tão encontradas os Augustos Fredericos

Schmidts ou Carlos Lacerdas... Ao contar a história de Pirangi, procurei atender àquele princípio desenvolvido por Stálin quando afirma: "O que interessa, sobretudo, ao método dialético não é o que em um momento dado parece estável mas começa já a morrer mas sim o que nasce e se desenvolve, embora em um momento dado pareça pouco estável, pois o único que há de insuperável é o que se acha em estado de nascimento e desenvolvimento." Pirangi é o que em um determinado momento parece estável mas começa já a morrer. O ódio e desprezo que certos leitores e críticos estão a demonstrar por essa personagem quase me convencem de que consegui caracterizar algo em decomposição, uma personagem que não convida à imitação nem serve de modelo. Houve quem mostrasse em meu livro o gosto pelos casos insolúveis, característicos da literatura burguesa, apenas porque Pirangi chegou a uma situação insolúvel. Ora, se a situação era insolúvel para esse pequeno burguês, não o era todavia para os Alvim, Osvaldo Adelaide, Dias. Estes sabiam qual a solução. Moacyr Werneck de Castro apontou aliás este aspecto, quando se referiu a Osvaldo Adelaide: — "... e eram claras as perspectivas que se desenhavam à sua frente, mostrando-lhe prisões e perda de emprêgo. Apesar disso, intensa alegria tomava sua alma e o futuro lhe parecia róseo e risonho. Havia conseguido reunir os companheiros num movimento organizado e isso compensava prováveis dissabores, representava uma pequenina vitória tática na grande luta que se travava no mundo entre as forças da reação e os que estavam a construir os dias de amanhã. Os risonhos dias de amanhã."

Finalmente, acho que procedem erradamente os que confundem crí-

A CORTINA DE FERRO

Proibida a entrada de cidadãos norte-americanos na Checoslovaquia

WASHINGTON, 2 (U. P.) — Os Estados Unidos proibiram que os seus cidadãos entrem na Checoslovaquia «até segunda ordem». Tal proibição foi divulgada pelo Departamento do Estado, cujo porta-voz esclareceu que a proibição foi determinada pelas «condições existentes na Checoslovaquia».

Conclue-se:

- 1.o) Que a entrada de cidadãos americanos na Checoslovaquia é livre.
- 2.o) Que quem proíbe os americanos de visitarem a Checoslovaquia é o proprio Departamento de Estado, conivente com Churchill na invenção da «Cortina de ferro».
- 3.o) Que as «condições existentes na Checoslovaquia», isto é, a democracia, a liberdade o progresso, são veneno para os fazedores de guerra.

tica literária e balanço político. Sem deixar de levar em conta o aspecto político de uma obra de arte, a crítica tem no entanto forma específica, como bem o lembra Mao-Tsé-Tung. Um boletim da Confederação dos Trabalhadores do Chile e um poema de Neruda podem ter o mesmo conteúdo e, politicamente, serem examinados com igual critério.

Todavia, o critério artístico (que não exclui mas exige o critério político) estará presente num exame do poema de Neruda e ausente num balanço político do hipotético boletim da C. T. C. Os nossos críticos em geral parecem não ter isto em conta, debilidade que mais se acentuou na crítica de Moacyr e que, certamente, está furtando aos criticados oportunidades valiosas de enriquecimento artístico e intelectual. Aliás, este defeito não é apenas nosso, que nos iniciamos na crítica de vanguarda. Alexandre Fadeiev em seu interessante estudo intitulado "Literatura e Crítica Literária" o testemunha quando diz:

"Quando nossa crítica começará a enfrentar o estudo dos problemas fundamentais da nossa estética socialista? E' preciso lançar um apêlo aos editôres, aos redatores das revistas e jornais: "Não publiquéis artigos de críticos que saem com generalidades sôbre o tema, sem nada dizer de sua realização literária."

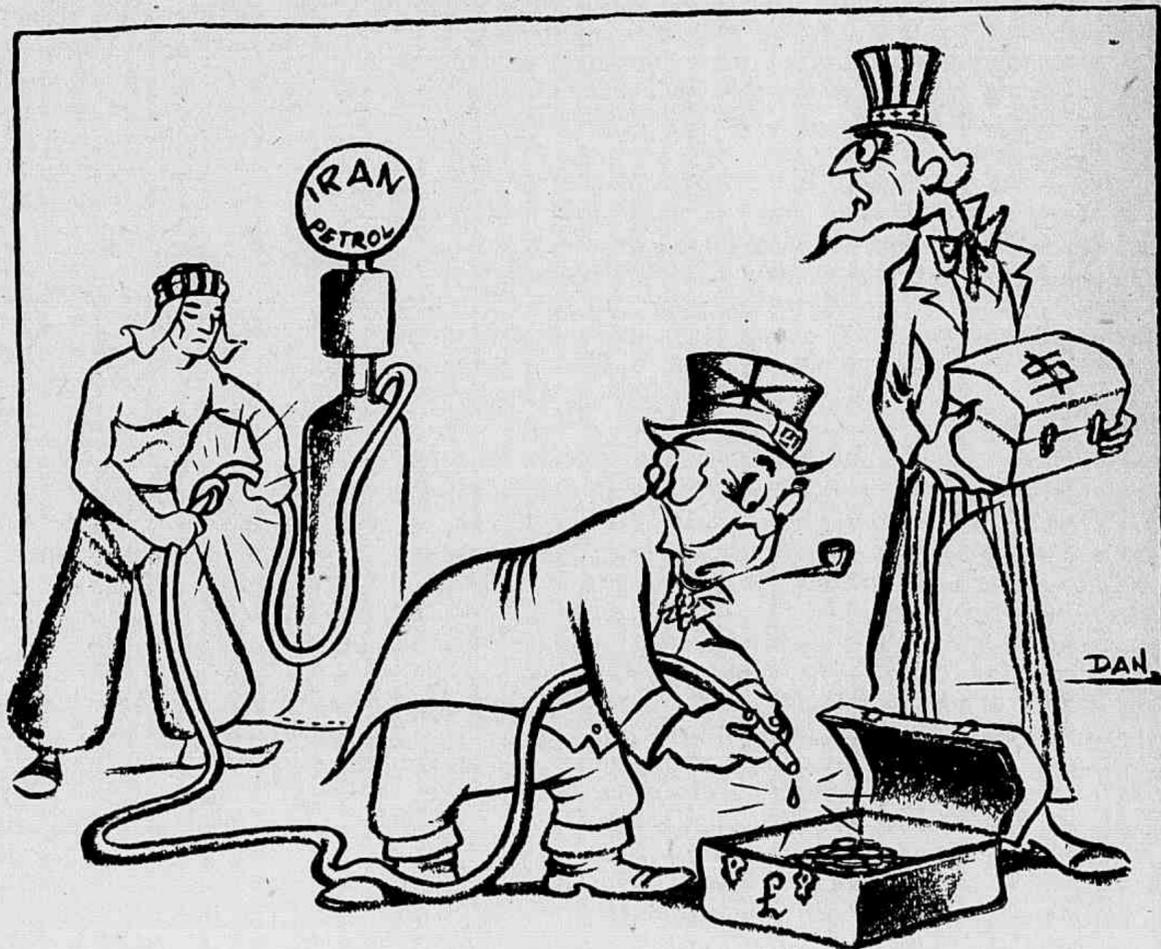
A crítica apressada, decorrente de estudos e leitura apressada constitui outra debilidade que cumpre eliminar. Há críticos que, por pressa, chegam a citar erradamente, falseando personagens e situações. Outros querem do romancista um didatismo que a literatura não exige. Deixando de compreender as situações apresentadas no romance, fazem críticas absolutamente astrais. Também isto não é privilégio nosso pois Górkki já o dizia:

"Os críticos lêem às carreiras sem

refletirem no modo melhor de replicar ao autor. E' isto o que chamo pôr no trabalho o espírito corporativo e estou absolutamente convencido de que tal maneira de operar provoca aborrecimentos, irrita os literatos e é como areia nas engrenagens de uma máquina." ("Em Guarda", Andersen Editôres, 1934.)

Concluindo, quero agradecer à direção de "Fundamentos" pela possibilidade que me deu, abrindo suas colunas a esta resposta. Pretendo, brevemente, aprofundar a autocritica de meu livro, no que certamente serei ajudado por críticos e leitores. Não pretendo fazê-lo no entanto antes de maior debate sôbre questões importantes como é essa do realismo socialista. Uma revista que não se fecha à resposta dos escritores criticados é, indubitavelmente, uma revista que se encontra no bom caminho, uma revista que já está seguindo o conselho dado por Alexandre Fadeiev aos críticos da União Soviética quando afirmou:

"E' necessário também desenvolver mais intensamente a critica dos críticos para que os críticos se critiquem entre si. Isto não quer dizer que êles devem se entredevorar por causa de um erro aqui ou ali. Eles devem criticar-se de maneira a unir a maioria daqueles que se encontram no bom caminho e honestamente trazer à luz seus próprios erros" (Extrato do discurso pronunciado no XXII Pleno da União dos Escritores Soviéticos pelo seu secretário geral, Alexandre Fadeiev em 30 de janeiro de 1950.)



De norte a sul do país os escritores brasileiros começam a se movimentar em torno de seu 4.º Congresso, convocado pela Associação Brasileira de Escritores e a ser realizado ainda este ano na cidade de Porto Alegre.

Os intelectuais brasileiros vão se reunir num momento decisivo para a história da humanidade — no momento em que o mundo se defronta com o dilema paz ou guerra e em que a manutenção da paz depende única e exclusivamente do vigor com que os povos se empenharem na sua defesa e souberem desmascarar as criminosas intenções dos incendiários de guerra.

Diante dessa terrível conjuntura internacional, o povo brasileiro vem manifestando com vigor crescente, através de lutas e campanhas, o seu ardente desejo de paz, e a sua firme disposição de luta contra toda a política que conduza o nosso país ao refôço do campo da guerra e da agressão. O nosso povo compreendeu que uma grave ameaça pesa sobre o futuro da nação e vem redobrando os seus esforços para impedir que sejam levadas à prática as resoluções dos acordos recentemente firmados em Washington, durante a Conferência dos Chanceleres Latino-Americanos, por uma delegação composta de agentes diretos de trustes e grupos financeiros ianques, interessados em aumentar o jugo imperialista em nossa pátria e em prosseguir na sua política de guerra e de fome para os brasileiros. A aplicação dessas resoluções equivale à entrega completa de nossas riquezas minerais e do controle total de nossa economia aos trustes estrangeiros, ao envio de nossa mocidade para combater em guerras de agressão contra povos pacíficos, ao estabelecimento de medidas de repressão e de cerceamento da liberdade, à alienação, enfim, da nossa soberania nacional.

Numa hora tão grave, é necessário que os intelectuais se mantenham à altura de suas responsabilidades e reafirmem em Porto Alegre, como o fizeram em Salvador, o propósito de cooperar decididamente com o nosso povo na sua luta pela paz, pela independência econômica e política do país ameaçadas, mais do que nunca, pelos famigerados acordos firmados em Washington por diplomatas e delegados que são apenas diretores e acionistas de companhias de petróleo e mineração e, de forma alguma, podem ser considerados como representantes do povo brasileiro.

Mas, além de desmascarar as manobras dos provocadores de guerra em nosso país, os escritores devem demonstrar, através de um refletido balanço crítico de sua produção literária e artística, que estão sinceramente empenhados em criar uma cultura genuinamente brasileira — uma cultura que reflita as aspirações, os sentimentos e a vida de nosso povo e que possa orientá-lo no caminho da paz e do progresso; uma cultura nacional que combata e sobrepuje essa pseudocultura cosmopolita e dissolvente que, por todos os meios e modos, nos vem sendo impingida pelas forças interessadas em quebrar as resistências nacionais para melhor executarem sua política de dominação e exploração colonial, criarem um clima de guerra e conseguirem recursos e aliados para as suas estúpidas e desumanas agressões a povos pacíficos.

Todos esses problemas de importância transcendente na vida política e cultural do país serão ampla e livremente debatidos por escritores de tendências partidárias e filosóficas as mais diversas, mas que, seguindo a tradição legada pelos maiores vultos da nossa história, sempre encontram um campo de entendimento comum quando se trata de defender os altos interesses da cultura, a fraternidade entre os povos, a independência de nossa pátria, o bem-estar e a felicidade de nosso povo.

Além desse debate de assuntos de interesse amplo, destinados a repercutir profundamente na vida nacional, os escritores vão ter oportunidade de discutir em Porto Alegre os problemas específicos de defesa de sua profissão e poderão organizar um programa de reivindicações abrangendo as necessidades mais sentidas por todos aqueles que, em nosso país, se encontram ligados à atividade intelectual como escritores, poetas, tradutores, jornalistas, redatores de rádio, revisores, argumentistas de cinema, teatrólogos, ilustradores, desenhistas, músicos, compositores, etc.

Devemos considerar que num país como o Brasil, que vive sob a opressão imperialista, com uma economia de caráter feudal baseada na exploração do latifúndio e toda ela dirigida para o comércio de exportação, com o povo mergulhado na miséria e no analfabetismo, os intelectuais têm a situação agravada e não podem de maneira alguma encontrar soluções definitivas para o seu problema econômico. Esse problema só poderá ser completamente resolvido dentro do quadro geral da revolução agrária e anti-imperialista, quando tivermos conseguido romper com as cadeias que

cerceiam o nosso desenvolvimento econômico e tivermos criado condições novas que permitam o erguimento da capacidade aquisitiva e do nível cultural das mais amplas camadas populares.

Para se ter uma idéia da limitação imposta pelas presentes condições da vida brasileira à divulgação do trabalho intelectual, é suficiente atentar-se para o fato de que o consumo anual de livros em nosso país é de menos de 5,00 per capita, ou seja a ridícula soma de 250 milhões de cruzeiros para uma população de 55 milhões. Se considerarmos ainda que a Capital de São Paulo e o Distrito Federal, com um conjunto de 6 milhões de habitantes, absorvem quase a me-

Os problemas dos escritores

ARTUR

tade de nossa produção editorial, chegamos à triste verificação de que as outras regiões do país, com seus 50 milhões de habitantes, ficam com o consumo de livros reduzido a \$2,50 per capita. Nas condições atuais, são raros os livros que no Brasil alcançam edições de mais de 2 mil exemplares e raríssimos os que chegam a ser reeditados. Enquanto isso vemos as editoras da Tchecoslováquia, país de 11 milhões de habitantes, publicarem livros que alcançam tiragens de 450 mil exemplares e manterem tiragens médias superiores a 30 mil exemplares!

Diante de um panorama assim contrastador, os escritores brasileiros devem compreender que o seu problema econômico está estreitamente ligado aos objetivos da luta que milhões de patrícios vêm travando por melhores condições de vida, por paz, pão, terra e liberdade. Fugir desse raciocínio seria negar a realidade e cair no círculo das meias soluções e dos paliativos reformistas, que podem resolver o problema de alguns, mas não podem resolver o problema de todos.

E' justamente nessa falta de perspectiva econômica com que se defronta o trabalhador intelectual em nosso país que o imperialismo e as classes dominantes vêm baseando toda a sua política de corrupção e conquista de novos quadros ideológicos para a defesa de seus interesses. De um lado, tentam eles corromper e comprar o intelectual oferecendo-lhe empregos, bolsas de estudo, cátedras, etc., e de outro, procuram rebaixar a profissão de escritor aos olhos do povo, mostrando-o sempre como um diletante, um boêmio sonhador, inteiramente desligado da realidade social e dependente do mecenismo dos milionários.

Mas os escritores do Brasil, através de uma vida associativa cada vez mais intensa, vêm tomando consciência das suas necessidades e da sua própria força e, embora não acreditem na solução total de seus problemas dentro das condições atuais, sabem que devem e podem lutar por algumas reivindicações imediatas de caráter geral, como ponto de partida para reivindicações de níveis mais altos, e estão dispostos a transformar as suas associações em órgãos realmente capazes de defenderem os seus interesses profissionais.

Para a elaboração desse programa de reivindicações há alguns pontos básicos que, a nosso ver, merecem a atenção dos escritores brasileiros e devem ser amplamente discutidos no Congresso de Porto Alegre.

DIREITOS AUTORAIS

No campo editorial o problema mais premente do ponto de vista profissional é, sem dúvida, o da elaboração de um código de direitos autorais que realmente ampare o trabalhador intelectual e proteja a sua produção. O espírito desse código deve ser o da defesa intransigente de nossa cultura contra o cosmopolitismo, contra a propaganda de guerra, contra a literatura dissolvente, contra os dumpings de livros e revistas estrangeiras. O caso da revista "Seleções" é típico. Essa publicação que tem em nosso país uma circulação mensal de mais 300 mil exemplares faz concorrência frontal a revistas nacionais, não utiliza a colaboração de escritores nacionais, é redigida num país estrangeiro e, quanto ao conteúdo, é um órgão inteiramente dedicado à propaganda de guerra. As histórias em quadrinhos também são na sua maioria monopólio de dois ou três sindicatos ianques e, além de serem veículos de uma literatura cosmopolita e dissolvente, de indistintível conteúdo guerreiro, prejudicam economicamente os ilustradores e desenhistas nacionais. Quanto à remuneração dos autores, o novo código deverá estabelecer porcentagens crescentes, de acordo com a tiragem das obras;

deverá abolir a venda total dos direitos autorais, modalidade ainda em uso e que liquida a possibilidade do autor obter lucros proporcionais à venda de seus livros; deverá regular a remuneração aos trabalhos publicados em jornais e revistas, bem como o pagamento a escritores de peças radiofônicas e argumentos para o cinema; deverá regular a questão dos livros em "domínio público", impedindo que estes sejam apresentados em tradução mal feitas, resumidas ou graficamente defeituosas; deverá regular a situação dos tradutores estipulando sua remuneração sobre uma base percentual, de acordo com o gênero da obra, a tiragem da edição, etc. Temos necessidade de um código de direitos autorais de-

Escritores e o 4.º Congresso

SEVES

mocrático e progressista, que realmente incentive a produção intelectual e a divulgação da cultura em nosso país.

OS ESCRITORES DO INTERIOR

Os escritores que vivem nas cidades do Interior têm a sua situação agravada pelas limitações econômicas e sociais do meio, pela dificuldade de intercâmbio com os grandes centros urbanos, etc. O Congresso de Porto Alegre deverá estudar em profundidade o problema desses nossos colegas que, dada a posição que ocupam, estão destinados a ser os melhores intérpretes das aspirações de grandes camadas da nossa população rural. É do trabalho dos intelectuais do Interior que deverão vir grandes contribuições para o estudo de nossa economia, das relações de trabalho no campo. E são eles que se encontram em posição mais vantajosa para a colheita abundante de elementos de arte popular e folclore com os quais podemos elaborar uma literatura e uma arte genuinamente nacionais. Devemos, pois, estudar medidas concretas que visem intensificar o intercâmbio com os escritores do Interior, facilitando o seu acesso à imprensa e às editôras das capitais, incentivando a criação de jornais e revistas nos pequenos centros. Devemos estabelecer linhas de distribuição de artigos que incluam a colaboração dos escritores do Interior, programar excursões, ciclos, de conferências, exposições e prêmios visando intercâmbio cultural interestadual intermunicipal. Só através de uma justa avaliação da importância do papel desempenhado pelo intelectual do Interior é que poderemos executar nas associações profissionais de escritores uma justa política de divulgação e defesa da cultura.

INTERCÂMBIO CULTURAL E COMERCIAL COM TODOS OS POVOS

Devemos exigir do nosso governo a intensificação do intercâmbio cultural e comercial com todos os povos e o reatamento imediato das relações diplomáticas com a União Soviética. O intercâmbio cultural, feito na base de reciprocidade, deverá ser o mais amplo possível, compreendendo não só a troca de livros, publicações, filmes e discos, como também a livre entrada e saída de caravanas de cientistas, professores, escritores, esportistas, estudantes, artistas, companhias teatrais, etc., etc. Devemos exigir que sejam firmados acordos comerciais com todos os países que queiram negociar conosco em bases equitativas. Um simples fato mostra como os interesses dos escritores estão ligados ao mais amplo intercâmbio comercial entre os povos. — Como sabemos, quase todo o papel consumido no Brasil é preparado com celulose importada dos Estados Unidos e do Canadá. Como esses países se encontram no momento com suas indústrias inteiramente voltadas para a produção de guerra, e como a celulose é matéria-prima que se aplica na fabricação de explosivos, de um momento para outro aqueles países cortaram a sua exportação de celulose e o mercado brasileiro viu-se desprovido desse artigo. O papel de impressão que custava Cr\$ 8r00 o quilo passou a custar mais de Cr\$ 20,00, acarretando o aumento do preço dos jornais e livros. Com o agravamento da crise as nossas tipografias estão ameaçadas de paralisar as suas atividades. O escritor Galeão Coutinho tem um livro no prelo há mais de três meses à espera de que a tipografia receba um determinado tipo de papel. Pelo mesmo motivo, o escritor Afonso Schmidt teve que ver adiado sine die o lançamento da coleção de suas obras completas. Enquanto isso, o governo da Tchecoslováquia e de outros países da Europa Oriental, grandes produtores de papel para impressão, encontram as maiores dificuldades ou mesmo se defrontam com a impossibilidade de abastecer o

nosso mercado, a preços módicos e condições vantajosíssimas, de todo o papel necessário para o nosso consumo.

No campo cultural a necessidade de intensificação ou reatamento de relações ainda se torna mais clara aos olhos dos escritores, pois sabemos que a cultura de um determinado povo só se desenvolve e ganha corpo na medida em que aprofunda as raízes na sua própria terra e estende os seus ramos para o livre confronto com todas as expressões culturais e artísticas dos outros povos, de maneira a enriquecer o seu conteúdo e a sua forma com todas as aquisições feitas no caminho da cultura e do progresso.

Neste momento, os homens que tomam parte ativa e participam profissionalmente na criação da nossa arte e da nossa cultura, se vêem impossibilitados de entrar em contacto e trocar experiências com intelectuais e artistas da estatura de Ehrenburg, Fadeev, Polevoi, Chostakovitch e tantos outros homens que, na ciência, na literatura e nas artes, constroem um mundo novo e, com seu trabalho intelectual, ampliam e enriquecem a herança cultural da espécie humana. Os escritores do Brasil devem tomar a si a tarefa de derrubar as barreiras que tentam impedir o livre intercâmbio das idéias e a confraternização dos povos.

LUTA CONTRA O ORÇAMENTO DE GUERRA

O nosso governo, escarnecendo da miséria do povo, indiferente à alta vertiginosa do custo da vida, congela os salários, e, ao invés de enfrentar os problemas básicos do país, acelera a inflação e elabora um orçamento de guerra em que 37% da receita nacional são absorvidos pelas pastas militares, visando a preparação de um exército de agressão a povos pacíficos.

Os escritores brasileiros estão no dever de lutar contra esse orçamento, denunciando-o à nação e reivindicando verbas para fins culturais, para obras públicas, para assistência social. Num país em que o povo passa fome, em que as crianças morrem por falta de nutrição e assistência médica, em que existem 70% de analfabetos, em que faltam estradas, escolas, hospitais e bibliotecas, um orçamento como o elaborado pelo nosso governo a repulsa mais veemente de todo patriota sincero. Nesse orçamento não houve lugar para prêmios literários, para bolsas de estudo, para nada que significasse paz e progresso. Vemos o Instituto Nacional do Livro, órgão destinado a criar bibliotecas, a distribuir livros e a promover edições, transformado, como todas as instituições desse tipo em nossa terra, num simples instrumento da demagogia governamental. A pequena verba que lhe é destinada anualmente se esvai toda no pagamento de uma imensa folha de funcionários e na compra de uma quantidade irrisória de livros que não chega para suprir as necessidades de uma parcela mínima de nossa população. Nenhum escritor democrata poderá separar a sua luta em defesa da cultura, da paz e do progresso, da luta corajosa contra esse orçamento criminoso que, sem atender a nenhuma das necessidades mínimas do país, joga nas costas de um povo faminto e sofredor todo o peso da política de guerra do nosso governo.

LEI DE DEFESA DA PAZ E DA CULTURA

Compreendendo que a propaganda de guerra feita em certos países representa a maior ameaça à colaboração pacífica entre os povos e constitui o maior crime contra a humanidade, os 2.065 delegados reunidos em Varsóvia, no II Congresso Mundial da Paz, tomaram a resolução de pedir aos parlamentos de todos os países que votassem uma lei especial — a lei de defesa da paz. Essa lei, que já está em vigor nas Democracias Populares e na União Soviética e na China, estabelece a responsabilidade Criminal pela propaganda de uma nova guerra, sob qualquer forma oral ou escrita em que ela se apresente: jornal, rádio, cinema.

No Brasil, vemos jornais e revistas fazerem abertamente a propaganda guerreira sem sofrerem qualquer repressão. Mesmo nossas crianças são alcançadas pela peçonha dos insufladores de guerra, através de histórias de quadri-nhos, do cinema e do rádio. Urge que os escritores, a quem está confiada a tarefa de rebater essa odiosa propaganda ideológica contra a confraternização dos povos, sejam os mais vigorosos propugnadores da aprovação, pelo nosso parlamento, da lei em defesa da paz e da cultura.

O Congresso de Porto Alegre vai certamente mostrar que os escritores do Brasil, acima de quaisquer divergências partidárias e filosóficas, têm consciência de seus problemas e de suas responsabilidades e estão dispostos a continuar com dedicação crescente o seu trabalho em defesa da cultura e da confraternização dos povos, a sua luta em defesa da independência e do progresso da pátria.

O ÚLTIMO DIA DE MATVEI KUZMIN

BORIS POLEVOI

Boris Polevoi, autor deste conto, é um dos mais famosos romancistas soviéticos. Com o livro *NÓS OS SOVIÉTICOS*, do qual foi extraída a história que *Fundamentos* hoje publica, Polevoi ganhou, em 1948, o Prêmio Stalin de literatura. Polevoi é também autor da grande novela *O HOMEM DE VERDADE*, prêmio Stalin de 1947 livro que é considerado uma das obras primas da moderna literatura soviética e um dos mais brilhantes exemplos da aplicação do realismo socialista no romance.

Matvei Kuzmin era tido entre a gente de sua aldeia, como uma pessoa de temperamento arisco.

Morava longe da aldeia num pequeno casebre todo em ruínas que se erguia solitário na orla do bosque; Kuzmin raramente aparecia, era taciturno e pouco comunicativo; gostava de percorrer os matos e as charnecas com seu cão, e sua espingarda antediluviana às costas. E na primavera, quando os brotos e rebentos intumesciam nas árvores e na floresta, por cima da neve azulada e desfeita, os galos selvagens cantavam nas manchas de terra degelada, ele trancava a porta de sua cabana e, acompanhado de seu neto Vassia, um órfão que criava, partia para os lados do longínquo lago da floresta e por lá desaparecia semanas inteiras.

Não se podia dizer que os kolkhozianos não o estimassem, mas a verdade é que estranhavam sua conduta: O que poderia remoer em sua cabeça aquele homem que fugia do mundo, estava sempre silencioso e vagava pelos matos, não se sabe muito bem por onde? Além disso, desde muitotemp o as caçadas não eram bem vistas na aldeia. Mas Kuzmin desempenhava escrupulosamente desde muito tempo as caçadas não kolkhoz e, apesar de já haver ultrapassado oitenta anos, não se poderia encontrar na região um homem que, de dia ou de noite, ousasse se apropriar de algum bem confiado à guarda do velho Matvei e de seu cão feroz, de pelo eriçado.

Quando a guerra atingiu os lagos da região de Velikie Luki e um batalhão de esquiadores de uma divisão alpina alemã aquartelada na região veio instalar-se no kolkhoz "Rassvet", o comandante deste batalhão, a quem haviam contado que lá vivia um ancião sombrio e taciturno, decidiu que não encontraria pessoa mais indicada para o cargo de "starosta".

Kuzmin foi chamado à "Kommandatur" que se achava instalada na pequena casa nova da direção do



kolkhoz. Ofereceram-lhe um copo de aguardente alemã e igualmente o cargo. O velho agradeceu, recusou-se a aceitar a aguardente alegando doença; também recusou as funções de "starosta" por causa da sua idade, sua surdez e seus achaques.

Deixaram-no quieto e restituíram-lhe mesmo, em sinal de boa disposição para com a sua pessoa, a sua velha espingarda que ele havia entregado por ordem do comando militar.

Os alemães lembraram-se de Kuzmin logo no princípio da primavera, quando foi feita uma concentração de forças nessa região dos lagos, visando uma próxima ofensiva. A divisão dos atiradores alpinos havia-se aproximado da primeira linha. O batalhão acantonado no kolkhoz "Rassvet" recebera a missão de se infiltrar nas linhas soviéticas sem ferir combate, através da floresta e dos pântanos, e de atacar pela retaguarda os postos avançados do General Gorbunov. Era preciso um

guia que conhecesse perfeitamente as trilhas perdidas da floresta. E quem as poderia conhecer melhor do que o velho Matvei, ele que tantas vezes havia palmilhado toda a região e conhecia cada paul, cada pequeno pinheiro, cada pedra nos bosques, cada esconderijo secreto de caçadores?

O velho foi levado à presença do comandante do batalhão. Este lhe propôs que ele os conduzisse à noite, às escondidas, até à retaguarda das posições soviéticas. Em caso de recusa ele o mandaria fuzilar; se se desempenhasse a contento da missão, receberia dinheiro, farinha, querosene e, sobretudo, aquilo com que sonham todos os caçadores — uma espingarda de dois canos do famoso modelo alemão "Três anéis."

Matvei Kuzmin, em pé diante do oficial, sem dizer nada, revirava entre os dedos seu gorro de pêlo de carneiro todo arrepiado e rasgado. Com um olhar de conhecedor, examinava a espingarda que atirava ao sol reflexos foscos. O oficial, impaciente, tamborilava na mesa com seus dedos ossudos. Daquele homem sombrio e incompreensível dependia a sua sorte, a sorte do batalhão, e talvez mesmo o resultado da operação preparada com tanto cuidado. Percebendo os olhares ávidos que o caçador lançava sobre a espingarda, o oficial procurava adivinhar os pensamentos que cruzavam o cérebro daquele rude homem do mato.

— É uma espingarda jamosa! disse afinal Kuzmin, passando sobre o cano a sua mão rugosa. E perguntou, piscando o olho para o oficial: — É ainda dinheiro por cima do negócio, Vossa Nobreza?

— Oh!-oh!-oh! pronunciou todo satisfeito o oficial. — Traduzam-lhe que ele é um homem pratico. Está muito certo. Digam-lhe que o comando alemão aprecia as pessoas praticas. Traduzam: o comando alemão não regateia dinheiro a quem o serve com fidelidade.

O oficial triunfara. Tinha encontrado afinal um guia seguro. Não era, porém, o que mais importava. Durante os cinco meses que havia passado nestas florestas sombrias, onde arribara com seu batalhão vindo da França resplandescente e alegre mesmo na sua infelicidade, ele começara a rezear, quase que por instinto, estes soviéticos incompreensíveis para ele, esta natureza rebarbativa e pérfida, essas imensas e solitárias florestas onde de cada montículo, de cada moita, de cada tronco podia subitamente partir um tiro; onde mesmo na zona mais profunda da retaguarda, longe da frente, a gente precisava deitar-se sem se despir e ter debaixo do travesseiro um revólver armado.

Mas o dinheiro, oh, o dinheiro! Parece que mesmo aqui, entre estes fanáticos singulares que, diante do inimigo que ataca põem fogo em suas próprias casas, — o dinheiro desempenha um grande papel. Como êste velhote o perscrutava com o olhar! Procurava sem duvida certificar-se de que não o queriam enganar ou deixar de pagar!

— Digam-lhe que seus serviços serão largamente remunerados, ofe-

reçam-lhe mil rublos, acrescentou o oficial com pressa.

O velho ouviu a tradução e fixou no oficial um longo olhar de enfado que vinha de sob o tufo cinza-amarelado de suas sobrancelhas e, após refletir, respondeu:

— Não é muito. Vocês querem me comprar por preço barato.

— Vamos, mil e quinhentos. Que sejam dois mil.

— Metade a ser paga adiantadamente, Vossa Nobreza.

Após haver conferenciado com o interprete, o oficial contou cuidadosamente as notas. O ancião alisou-as em cima da mesa com sua mão grosseira encordoada e nodosa e com negligência as enfiou na dobra de seu gorro.

— Bem. Vou conduzi-los por trilhas secretas que só eu e os lobos conhecemos. Digam-me exatamente o lugar em que desejam dar.

Disseram-lhe o lugar e quiseram mostrá-lo no mapa.

— Não é necessario. Já estive lá caçando raposas. Chegaremos antes do amanhecer. Espero apenas que Vossa Nobreza não me engane no tocante à espingarda.

Os kolkhozianos viram-no sair da moradia do oficial e tomar o caminho de seu casebre. Como sempre, estava silencioso, fechado, não olhava para ninguém, sorrindo entre dentes. As injurias murmuradas nas suas costas, ele respondia com um sombrio riso de mofa. E quando o antigo contador do kolkhoz o alcançou e ameaçou de pôr fogo à sua casa por manter relações com os alemães, o velho Kuzmin contentou-se em resmungar sem virar a cabeça:

— Vá dizer à tua mãe que te limpe o nariz.

Os kolkhozianos que fiscalizavam de longe a caban de Matvei, viram, ao cabo de meia hora Vassia, o neto de Kuzmin, descer correndo os degraus da escada com um saco de pano nos ombros e desaparecer na mata, acompanhado do cão Charik. Em seguida o velho tirou para fora seus esquis de caça, compridos e forrados de pele, e se pôs a untá-los com gortudra de urso, ao mesmo tempo que olhava par as janelas da casa onde morava o oficial alemão.

Durante esse tempo os alemães se preparavam para a partida. O oficial, sentado junto à mesa, acabava de escrever, à luz pálida de uma pequena lampada de carbureto, uma velha carta a seu irmão Wilhelm, engenheiro numa fábrica de aparelhos de ótica na Saxonia.

"Caro Willi — escrevia ele — faz um mês que comecei esta carta e nunca consigo terminá-la. Não que me falte tempo. Não. Tenho-o até de sobra. Nestes últimos meses, para matar o tempo, repetíamos, presos nestas malditas florestas, sempre as mesmas teorias imbecis que nunca nos servirão, pois estes russos viraram a guerra de cabeça para baixo e se batem sem nenhuma regra. Hoje nos lançamos em campanha e faço questão de acabar esta carta antes de tentar novamente a sorte..."

Felicite-me parece-me que hoje obtive uma grande vitória e, confesso, uma vitória inesperada.

Encontrei finalmente a chave desta enigmática alma russa, que nos dá tanto pano para manga. Nada de novo, meu caro irmão; é a mesma velha e boa chave que nos abriu os corações em toda a Europa. A grana ordinária, meu caro, sabiamente apresentada e que infelizmente oferecemos muito pouco neste país, por acreditar que estes russos soviéticos são um povo diferente e que aqui as metralhadoras do senhor H. são mais convincentes. Você se lembra, eu lhe escrevi em janeiro a respeito do patriarca-caçador do lugar, mais parecido ao rei Lear e de cujo nome não consigo lembrar-me (que o diabo carregue esses nomes russos.) Hoje procurei fazer algumas experiencias com ele. Imagine, caro Willi, que elas foram brilhantemente bem sucedidas. Tendo hesitado quanto à forma, ele acabou concordando em nos servir hoje de guia... Kurt vem de me anunciar que o batalhão está pronto para pôr-se em marcha. Adeus, meu querido irmão, receba o abraço de sempre: quanto à carta, ficará para ser terminada de outra vez..."

Logo que a noite desceu, o batalhão de atiradores alpinos, com armas e bagagens, com as metralhadoras sobre trenós, saiu da aldeia e, abandonando a estrada, começou a penetrar na mata.

À frente, Matvei Kuzmin deslizava, com grandes passadas de caçador, sobre os esquis por ele mesmo fabricados. A escuridão tornava-se mais densa. O céu peneirava uma neve seca e sussurrante. Logo em seguida o nevoeiro ficou tão espesso que os esquiadores mal avistavam as costas do companheiro da frente. O velho Kuzmin guiava os alemães através dos campos.

Durante toda a noite o destacamento prosseguiu sua marcha opr caminhos bloqueados de gelo, por sobre camadas de neve ainda não trilhadas; caminhou pelo fundo dos barrancos, por sobre o leito gelado dos riachos da floresta e pelos bosques a dentro. O oficial que seguia a marcha pela bússola, parava frequentemente Matvei para lhe perguntar por que razão o caminho dava tantas voltas e se chegariam logo. Matvei respondia invariavelmente:

— Não existem estradas na floresta... Espere, Vossa Nobreza; pela manhã teremos chegado — e em seguida lembrava-lhe a promessa da espingarda.

Perdendo pouco a pouco as forças sob o peso das armas e das munições, os soldados alemães arrastavam-se pela imensa floresta secular. A escuridão fazia com que fossem de encontro às arvores, obrigava-os a se agarrarem às moitas, a tropeçar nos esquis dos vizinhos. Caiam, levantavam-se e tornavam a cair. Tinham a impressão de que aquela floresta invisível que, calma e terrível, sussurrava sob as trevas da noite, atirava propositadamente sob seus pés montes de neve, prendia suas vestes nos espinhos e levantava suas arvores no seu caminho. Os gritos dos cabos eram incapazes de reunir a coluna exausta que se espalhava e abandonava a formação.

O PODER CRIADOR DOS POVOS

Estes anos do após-guerra, nos países socialistas, revelaram ao mundo estarrecido o maravilhoso poder criador dos povos, uma vez libertos da exploração capitalista. A União Soviética, que teve metade do seu território invadido e arrasado pelas hordas hitleristas e milhões de cidadãos sacrificados, em poucos meses de reconstrução, se achou em condições de iniciar o cumprimento de um novo e gigantesco Plano quinquenal que vem de ser terminado em 4 anos e 3 meses, elevando a produção soviética a um nível superior em 80% ao de 1940. Durante o cumprimento deste Plano, por três vezes sucessivas foram rebaixados os preços dos artigos de consumo, foi saneado e estabilizado o rublo que, em face da queda do poder aquisitivo das demais moedas, inclusive o dólar, se tornou a moeda mais forte do mundo, e foram iniciados os trabalhos de construção do gigantesco Aben-Daria, o "Canal da Felicidade", que garantirá a irrigação de áreas imensas, até agora desertas, possibilitando ao mesmo tempo o transporte fácil e barato entre zonas distantes da União Soviética. Estas obras de irrigação se completam com o Plano de reflorestamento que cobrirá de bandas florestais uma superfície superior à da França.

Todos estes sucessos materiais têm sido possíveis devido à política orçamentária do Governo soviético que, em 1945 e 46, terminou a desmobilização de suas tropas e passou a orientar a economia nacional no sentido da construção pacífica. Esse esforço sadio e construtivo de que participa todo o povo soviético e que se baseia numa confiança inabalável na causa da paz mundial, é completado pelas marcantes vitórias obtidas em todos os ter-

renos da cultura. Os trabalhos de Andrei Zdanov sobre filosofia, literatura e música, imprimiram novo impulso às atividades nestes setores e constituíram uma contribuição decisiva ao estabelecimento de uma estética científica, necessária ao renascimento artístico que se esboça em inúmeros países e que já é uma reconfortante realidade na própria União Soviética (literatura, cinema, música) e na China Popular (gravura, artes plásticas).

A par disso, os trabalhos de Lissenko, continuando e aprofundando as pesquisas de seu genial mestre Mitchurin, revolucionaram a genética, provando prática e teoricamente a falsidade das teorias reacionárias do mendelismo-morganismo. Os estudos de Lipechenskaia, sobre a célula (dos quais damos notícia em artigo publicado neste número) trouxeram nova luz ao problema das origens da vida. Enquanto que as intervenções de Stálin sobre linguística, além de recolocarem em seus devidos termos as questões controversas desta ciência, serviram para fazer avançar o próprio marxismo como método de estudo da sociedade.

A China Popular, por seu lado, um ano apenas depois da derrubada do poder feudal, já não necessita de auxílio externo. A produção de arroz, artigo primordial, não só atende às necessidades do país como permite a exportação em larga escala para a Índia ameaçada de fome pela exploração do imperialismo inglês. Já nos referimos ao fabuloso renascimento da gravura chinesa. No terreno da ciência, entretanto, da técnica industrial e da própria literatura, os chineses avançam rapidamente demonstrando que em bre-

ve alcançando os mais adiantados. Os livros dos seus romancistas, com efeito, começam a ser lidos na Europa e na América, revelando uma força de juventude e de vida que surpreende os admiradores da velha e decadente cultura chinesa.

Nas democracias populares, apesar da pressão exercida pelo imperialismo, consolida-se o poder político ao tempo em que progredem os trabalhos de reconstrução e são alcançados e superados os níveis de produção de antes da guerra. A reforma agrária, a nacionalização da indústria, do comércio e do sistema bancário, progressivamente efetuadas, libertaram enormes forças produtivas e possibilitaram a planificação do esforço nacional. Na Polónia, por exemplo, a reconstrução de Varsóvia, obra gigantesca, aproxima-se do fim, enquanto se inicia a criação de um novo e imenso centro industrial na região dos Cárpatos que deverá estar concluída com o Plano sexenal atualmente em curso. No mesmo ritmo febril marcham a Tchecoslováquia, a República Democrática alemã, a Hungria, a România, a Bulgária e a pequenina Albânia que, não há muito, inaugurou sua primeira estrada de ferro e já possui, através de todo o seu território uma densa rede escolar. Não terminaríamos mais se fôssemos citar as realizações já acabadas ou em curso em cada um destes países, para as quais tão decisivamente tem contribuído a ajuda da União Soviética. Que nos seja permitido terminar este rápido sumário lembrando a atmosfera de entusiasmo e alegria que encontramos em todos eles, a serena confiança que revela a juventude no futuro de seus países para sempre livres.

O ULTIMO DIA...

Quando a aurora glacial e cor de laranja começou a despontar, a vanguarda do destacamento desembocou afinal no descampado e fez alto diante de um barranco profundo cheio de espinhos.

— Enfim chegamos. Matvei Kuzmin conhece o seu ofício, disse o velho.

Ele tirou o gorro e enxugou a calva coberta de suor.

E enquanto os oficiais extenuados, sentados na própria neve, fumavam nervosamente, segurando com dificuldade seus cigarros nos dedos endurecidos e trêmulos; enquanto os cabos procuravam reunir na clareira, com gritos guturais, os soldados retardatários com suas blusas de camuflagem sujas e rasgadas no caminho, Matvei Kuzmin, de pé sobre uma elevação, sorridente, contemplava o sol cor-de-rosa que se levantava sobre os campos brilhantes de neve. Sem esconder seu sorriso fino, ele olhava de esguelha os alemães.

A manhã estava calma e fria. Com estalos secos, a camada de neve gelada cedia sob os esquis. Grandes piscos, de pescoço vermelho, cantavam no amial enquanto bica-

vam as pequenas bolotas pretas dos pinheiros. Bem perto um cão latiu.

— Matvei Kuzmin conhece o seu ofício, repetiu o velho.

Um sorriso de triunfo luziu por entre os pelos hirsutos de sua barba, espalhou-se em flechinhas de rugas e iluminou sua face sombria.

Subitamente o silêncio foi rompido pelo crepitar seco de rajadas de metralhadora. Balas assobiaram levantando pequenos jactos de neve na planície gelada. O eco acordou na floresta longos ribombos de trovão. E a geada começou a cair dos galhos sacudidos pela fuzilaria.

As metralhadoras atiravam de bem perto, quase à queima roupa. Os esquiadores, sem mesmo terem tido tempo de refletir, atiraram-se sobre a neve, tomados de espanto e terror. As metralhadoras varriam a planície nevosa apertando com seu fogo a coluna pelos dois flancos. Ao tomarem acordo da situação, os alemães se precipitaram em direção à floresta, mas lá também as metralhadoras roncavam com violência...

Os soldados, abandonando os esquis, agitavam-se na clareira soltando gritos de pavor e se afundavam na neve seca. O branco lençol

de neve cobria-se de blusas de camuflagem como de nódoas sujas. Recobrando a firmeza, o oficial alemão precipitou-se sobre o velho.

Matvei Kuzmin mantinha-se na elevação, a cabeça descoberta. Podia-se ver de longe a sua figura. O vento agitava a sua barba e sacudia os cabelos grisalhos que, como uma coroa, envolviam sua calva. Seus olhos entrecerrados, como que rejuvenescidos, brilhavam de malícia por baixo da brenha das sobrancelhas. Com ar de mofa ele contemplava os alemães que, sem mesmo procurarem defender-se, agitavam-se qual um rebanho de carneiros.

O oficial sentiu seus cabelos se arrepiarem. Observou um instante, com uma espécie de terror místico, aquele homem da floresta que, triunfante e calmo, mantinha-se no meio da planície onde a morte circulava. Depois, com um movimento nervoso, sacou a sua pistola e a apontou contra a frente do ancião.

Matvei Kuzmin sorriu-lhe em plena cara, o ar caçoísta e intrepido:

— Você queria comprar o velho Matvei?... Você julga as pessoas pela sua medida, fascista!...



FREDERIC JOLIOT CURIE

“Alguns dizem da ciência que ela é moral ou imoral. A ciência não é nem moral nem imoral. Os homens é que o são. E' sobre eles, portanto, que se deve agir. Trabalhamos pela felicidade dos homens, de todos os homens, e não para os lucros de alguns. Não podemos ter a consciência tranquila se utilizam as descobertas da ciência para a destruição.» Estas palavras foram pronunciadas pelo professor Joliot-Curie, presidente do Conselho Mundial da Paz, ao receber o título de doutor “honoris causa” da Universidade de Varsóvia, nos dias em que se realizava na capital polonesa o II Congresso Mundial dos Partidários da Paz. Elas definem bem o espírito com que esse eminente cidadão e grande sábio se coloca à frente dos defensores da paz de todo o mundo, na colossal batalha pela preservação da paz. Joliot-Curie é um dos maiores cientista da época. Com a visão precisa que tem como grande físico das imensas possibilidades que a ciência e técnica colocam à disposição do homem para melhorar indefinidamente suas condições de vida, não poderia ele deixar de se colocar na primeira linha dos que estão decididos a garantir, com todos os sacrifícios necessários, a condição básica para a melhoria do destino humano — a paz. As suas credenciais para essa luta são as mais altas. Os seus trabalhos científicos, e em especial a descoberta da radioatividade artificial, em 1934, abriram perspectivas insuspeitadas para o aproveitamento da energia nuclear em vários ramos da atividade técnica do homem. Uma nova fonte, altamente concentrada de energia elétrica estava a disposição do homem. Só faltavam as pesquisas para a padronização em grande escala desse aproveitamento. Aplicações outras, múltiplas, estavam também à mão, na medicina, no tratamento com irradiações, na fisico-química, com aplicações no fabrico de matérias plásticas novas, na metalurgia no estudo de metais, em inumeras possibilidades industriais, e, é claro, na construção de bombas de um poder explosivo inimaginável, as bombas atômicas. As pesquisas que realiza nas vésperas da guerra são de grande importância para a futura construção da bomba atômica, pois comprovam experimentalmente, ao mesmo tempo que Lise Meitner e Frich, na Dinamarca a teoria da fissão do urânio

que foi a base da construção da bomba atômica pelos anglo-americanos. Em maio de 1939, o prof. Joliot-Curie e seus assistentes Halban e Kowarski, iniciaram estudos decisivos sobre a reação em cadeia nos átomos que foi depois o princípio para a construção da bomba atômica. Com a derrota militar da França, Joliot-Curie enviou seus assistentes à Inglaterra, munidos dos documentos e estoques de materiais que estavam sob sua guarda. Joliot permaneceu na França durante a ocupação e tomou parte importante na Resistência. Tendo cooperado de maneira tão importante na vitória das Nações Unidas, Joliot-Curie dedicou-se logo depois da Libertação a construção da primeira pilha atômica francesa, na qualidade de Alto Comissário da Energia Atômica do governo francês. Essa magnífica vitória da ciência francesa, devida a grande capacidade de Joliot-Curie e ao entusiasmo de todos que trabalhavam sob sua direção, foi desde o início destinada a estudos da energia atômica para aplicações pacíficas. Já em março de 1946, no início do trabalho do Comissariado da Energia Atômica, dizia Joliot-Curie: “trabalhamos com ardor, teremos a satisfação de contribuir ao renascimento de nossa pátria, conservando a esperança de brevemente, com os sábios de outros países, participaremos com todas nossas forças na manutenção da paz no mundo. “Essa a inspiração do grande sábio que hoje toda a humanidade admira não só pelo seu trabalho científico, como pela sua luta pela paz. Joliot-Curie não tem medido sacrifícios no seu trabalho pela paz. A começar pela sua saúde que é precária, obrigando-o a penosas viagens terrestres já que não pode se utilizar do avião. Além disso tem arrostado com admirável dignidade várias afrontas das forças políticas empenhadas na preparação de nova guerra. Quando foi do Conselho Mundial da Paz, marcado para Sheffield, teve o seu desembarque impedido pelo governo inglês, ele que é membro da Real Sociedade a mais alta instituição do saber na Inglaterra. Depois do Congresso de Varsóvia, foi impedido de atravessar a zona americana da Alemanha, ficando retido durante 5 horas na fronteira e submetido a ridículo interrogatório por agentes da polícia americana. Por pressão insistente do governo americano, foi o Prof. Joliot-Curie aliado do seu posto de comissário da energia atômica da França, posto a que dera o melhor de sua eficiência e da sua capacidade. Não foi possível achar quem o substituisse, nas fileiras dos cientistas de primeira plana. Todos os seus auxiliares fizeram-lhe as mais inequívocas demonstrações de solidariedade nessa ocasião. Esse foi um dos atos mais humilhantes do governo francês nos últimos tempos, reforçando de maneira extraordinária o prestígio nacional de Joliot-Curie e por via de consequência o Movimento da Paz que era o que visavam os americanos ao atacar o grande sábio e patriota.

Cercado pela simpatia e a admiração de milhões de homens em todo o mundo Frederic Joliot-Curie, professor do Colégio de França, Membro do Instituto, Grande Oficial da Legião de Honra, Premio Noble de Física, Presidente do Conselho Mundial dos Partidários da Paz, é uma das maiores personalidades de nossa época.

O velho tirou de sob a dobra de seu gorro as notas e, atirando-as contra o oficial, desviou-se com desprezo da pistola apontada para ele. Kuzmin percebeu que os soldados das metralhadoras receavam atingi-lo e por isso não atiravam do lado do montículo onde ele se encontrava. Os alemães também o haviam percebido e procuravam fugir escondendo-se atrás da pequena elevação. Alguns deles, atravessando com esforço os últimos amontoados de neve, aproximavam-se já da clareira que os devia salvar.

Matvei Kuzmin sacudiu o seu gorro e gritou a plenos pulmões:

— Eh, camaradas! Não poupem Matvei. Dêem-lhes o que lhes é devido. Não deixem escapar nenhum destes animais fedidos! Matvei...

Sem acabar a frase, ele soltou um gemido e lentamente caiu atingido por uma bala do oficial alemão. Mas este não pôde escapar. Antes de haver dado dois passos, tombou ceifado por uma rajada de metralhadora.

Ao longe, no barranco, ergueu-se um hurra que reboou e se foi ampliando. Todos os homens pulavam a sua beira alisada pelos ventos.

Ao mesmo tempo que atiravam, corriam pela planície perseguindo os últimos alemães, com leques de balas pelas costas; alcançavam-nos e os jogavam na neve, os desarmavam e retomavam a sua corrida em direção à floresta, nos rastos do inimigo. Ao lado dos atiradores corria Vassia Kuzmin, o neto do velho caçador que este havia despachado para trás da linha de frente para avisar os seus da incursão que os alemães preparavam. Junto às pernas dos soldados que atacavam, Tcharik, furioso, o pêlo eriçado, latindo ferozmente, rolava em disparada afundando na neve. Subitamente ele estacou surpreendido, as orelhas em pé. E um longo latido angustioso atravessou o fragor da batalha que reboava na floresta.

Foi assim que Matvei Kuzmin viveu o último dia da sua longa vida. Matvei Kuzmin — membro do kol-

khoz “Rassvet” situado nos arredores de Velikie Luki e hoje afamado pelo seu linho.

Foi enterrado na margem alta do Lovat, como um oficial, com todas as honras militares. Foram dadas três salvas sobre a sua tumba fresca, cujo monte de terra gelada escurcia a brancura da planície.

Nessa mesma noite, o chefe do serviço de informações da divisão, examinando os papéis dos inimigos mortos, leu a carta inacabada do oficial alemão que o engenheiro Wilhelm Stein, de Saxe, não devia receber.



Truman



MacArthur

Os dois parceiros da agressão



Enquanto Colombo fazia sua última tentativa a fim de descobrir a Ásia através do Atlântico, e a Europa começava a ler as fabulosas viagens de Américo Vespúcio, Leonardo Da Vinci pintava o retrato da mulher conhecida como Mona Lisa. O artista trabalhou no quadro ininterruptamente de 1502 a 1506.

E' difícil medir-se a fama, e não há nenhuma evidência estatística para provar que "Mona Lisa" é o mais famoso quadro do mundo. Mas há certamente poucas pinturas que estejam tão estreitamente associadas a um símbolo ou idéia na imaginação popular. Milhões de pessoas que nem sequer viram o original, conhecendo-o através de reproduções, ou, somente de reputação, associam o sorriso de Mona Lisa ao "eterno" mistério da mulher.

O quadro exibe uma nova conquista para a pintura de retratos; é mais do que um desenvolvimento de virtuosidade técnica ou subtileza psicológica. Podemos definir a mudança em relação ao crescimento do artista, comparando "Mona Lisa" como "La Vergine delle Rocce", pintada por Leonardo duas décadas mais cedo. Mesmo no ano de 1480, Leonardo já havia começado a humanizar a concepção da Virgem do século XV; colocou-a num grupo íntimo com duas crianças nuas e um jovem anjo. Há entretanto uma súbita transição psicológica entre "La Vergine delle Rocce" com seus olhos baixos e sua incontestável inocência e a Senhora Lisa, com seus olhos sorrindo cuidadosamente e seu irrepreensível "mistério".

Lisa, a esposa de Francesco del Giocondo, tinha 23 anos de idade quando Leonardo começou a pintura. Estava casada havia 7 anos, tendo vindo de Florença a Nápoles em 1495 como terceira esposa de Giocondo. Quando se olha para o retrato, é-se levado a pensar em Lisa como uma mulher madura. Pouco sabemos a seu respeito, mas podemos conjecturar que sua aparente maturidade está relacionada com as circunstâncias de sua vida. Em todo caso, Leo-

Este artigo é baseado numa parte do livro de Mr. Lawson, «Taproot of our National Culture» (Principais raízes de nossa Cultura Nacional), em solo europeu e na história do mundo. «Trata-se», escreve Mr. Lawson, da história cultural como re-

sultante de um movimento integrado de forças sociais, econômicas e políticas. O método liga o passado e o presente, traçando as particularidades dominantes na nossa cultura contemporânea desde suas origens.

Mona Lisa

JOHN HOWARD LAWSON

nardo pinta-a com o mais perfeito realismo físico. Trabalhando com riscos brancos e pretos, e usando outros recursos para as mãos e o corpo, concentrou no seu trabalho a prodigiosa síntese de seu conhecimento acumulado sobre pintura, textura e anatomia.

Lisa é impenetrável, no sentido de que uma personalidade vista completamente no seu aspecto externo não é totalmente conhecida no seu interior. O enigma de Lisa é o da mulher de classe mais alta que aprendeu a esconder suas emoções. Ela pode ter profundidade de caráter; pode ser capaz de paixão e sacrifício. Os abismos porém são guardados, a paixão é sufocada. Com as sobrancelhas cuidadosamente puxadas à moda da época, Lisa tem o equilíbrio físico da boa educação, a tranquilidade da sensualidade ricamente adornada. Pode-se mesmo pensar que ela está seguindo o conselho de Agnolo Firensuola à mulher da moda, que consiste em abrir a boca um pouco" do lado esquerdo como se estivesse sorrindo secretamente... não de uma maneira artificial, mas como se inconscientemente — isso não será afetação, se fôr feito moderadamente e de uma maneira reservada e graciosa, acompanhada por inocente coqueteria e por certos movimentos de olhos". Pode-se considerar Lisa como a precursora das heroínas da novela e do drama dos 4 séculos futuros. E' o protótipo das mulheres de Balzac e Ibsen; frustradas, sonhadoras, mulheres modelares, prêsas às malhas de relações da propriedade burguesa. Todavia, a fim de colocar o quadro num local historicamente compreensível, devemos considerar a vida de Leonardo e as forças sociais que modelaram seu desenvolvimento artístico e pessoal.

A descoberta da América foi uma fase de expansão comercial da Europa e a ruptura da estrutura do poder católico feudal. A dissolução da ordem medieval foi acompanhada por lutas sociais, que continuaram com movimentos revolucionários do campesinato e das classes baixas desde o século XIV até o século XVI, o que se verificou em tôdas as partes da Europa — a Jacquerie na França, a rebelião de Wat Tyler na Inglaterra; a Guerra Hussita na Boêmia; os levantamentos dos artesãos e trabalhadores em Flandres e Itália; os movimentos da Europa Central que iriam culminar na guerra dos camponeses em 1525 na Alemanha. Es-

sas revoltas foram em larga escala responsáveis pela desintegração da estrutura católico-feudal. O protesto da massa ajudou a burguesia nascente a forçar concessões dos senhores da igreja e do estado; e o medo de que o povo pudesse realizar uma organização mais ampla e fazer exigências mais radicais foi um poderoso fator que determinou vários compromissos entre a velha aristocracia e os representantes mais influentes do comércio e da indústria.

A maior parte da vida de Leonardo, de 1452 a 1519, abrangeu o período de fermentação social e conflitos de classe que precederam a Reforma. A ruptura da estrutura medieval, com sua forte superestrutura ideológica, estava bem avançada. Entretanto as formas de organização que deveriam tomar o lugar da velha ordem ainda não tinham aparecido. A incerteza encorajou o ponto de vista utópico de que as energias humanas libertadas das limitações medievais teriam uma contínua liberdade de pensamento. Tendo sido negada a autoridade clerical, o artista e o pensador sonharam que seus próprios valores — os valores de um humanismo vago, mas profundamente sentido, tornar-se-iam uma propriedade de toda a sociedade. Essa ilusão, que ainda é conservada pelos guardiães da cultura, foi uma força vital num período, onde as relações de classe da época do capitalismo ainda não se tinham cristalizado. Essa é a "chave" à aparente "universalidade" da cultura renascentista, incorporada na sua forma mais criativa à obra de Leonardo.

A vida de Leonardo, no que tinha de mais característico, estava plenamente integrada nos padrões da evolução social. Era filho ilegítimo de um próspero notário. Aos 18 anos de idade, fêz-se aprendiz de Andrea del Verrochio. Em 1472, aos 20 anos, seu nome entrou no Livro Vermelho dos pintores de Florença. Dez anos mais tarde, deixou Florença, e estabeleceu-se em Milão. A fim de entender as razões de sua partida, devemos voltar da arte para um assunto mais prosaico — o alúmen.

Florença estava sob a ditadura da família dos Médicis. Os Médicis dirigiam três estabelecimentos de manufatura, um que produzia seda e os dois outros eram ocupados na produção de tecidos de lã.

Seus lucros financeiros espalharam-se por toda a Europa. Tinham sucursais de bancos em Bruges, Londres, Avinhão, Gênova, Ve-

neza, Roma e Milão. A expansão econômica levou os Médicis em meados do século XV, a se unirem com o papado, formando um dos mais primitivos acordos de cartel; uma tentativa de açambarcar o abastecimento europeu de alúmen. Desde que o alúmen era indispensável para a produção textil, sendo usado como tinta para tingir roupa, o plano visaria o controle de todo o comércio europeu de tecidos. O alúmen era importado do oriente, mas, em 1466, foram descobertos em Civita-vecchia, território do Papa, ricos depósitos. E, em 1466, os Médicis conseguiram um acordo com o papado para a exploração das minas, formando uma companhia onde se pagavam direitos de privilégio ao Vaticano.

O projetado cartel causou grande repercussão política. Afim de forçar o monopólio e aumentar o preço, o Papa proibiu a importação do alúmen turco, criando leis para esse efeito, que deviam prevalecer nas três grandes áreas de produção de tecidos -- Inglaterra, Flandres, e Veneza. Houve um protesto enérgico e vigoroso, especialmente em Flandres, onde a concordância com a exigência papal arruinou a indústria textil e trouxe a cidade a uma rebelião aberta. Enquanto isso, os Médicis estreitavam o monopólio por meio de controle seguro nas outras minas italianas, ou por intermédio de acordos ou por conquista militar. Assustados com o alastramento dos protestos, e temendo que os Médicis ganhassem um poderio internacional às expensas da Igreja; o Papa Sisto IV inverteu a política do Vaticano, entrando em aliança com a casa bancária rival florentina dos Pazzi — a qual por uma coincidência não muito estranha, estava interessada na importação do alúmen turco.

O resultado foi a conspiração dos Pazzi que abalou Florença em 1478. A tentativa dos Pazzi para tomar o poder falhou, mas destruiu a posição dos Médicis. O Papa aproveitou a ocasião para quebrar o contrato com a firma, tomar posse das minas em território papal e excomungar Lourenço de Medici. Superficialmente, o conflito foi uma espécie de briga de ladrões, comum num mundo de alta finança. Mas tais contendas são muitas vezes sintomas de profundas brechas na estrutura do poder. O Vaticano estava procurando desesperadamente consolidar sua posição na economia européia; não pôde porém controlar as forças expansionistas do comércio e a produção de ofícios. O banco dos Médicis, enredado nas malhas dos interesses eclesiásticos, também tornou-se incapaz de manter sua velha supremacia. Dêsse modo a contenda era um sinal de fraqueza que devia afetar o destino da Itália. Em Florença, a liderança dos Médicis não pôde por mais tempo sustentar nem mesmo uma aparência de apoio popular. Assentava-se em forças indefesas. A insatisfação da classe média e a crescente exploração dos pequenos artífices e operários indicavam a eminência de uma erupção revolucionária.

A história social de Florença nesses anos pode ser traçada com dolorosa simplicidade na arte de Boticelli. Ao homem que estava ocupado

em pintar a admirável "Primavera", nas paredes de uma das quintas dos Médicis, foi dado um sórdido trabalho de propaganda; recebeu ordens de pintar as efígies dos conspiradores Pazzi, suspensos pelos pescoços, nas paredes do "Palazzo del Podesta". Assim como o conflito de classe se desenvolvia a obra de Boticelli movida pela raiva e frustração, alcançando um clímax nos corpos distorcidos, inclinados e em luta do seu período final.

Leonardo foi uma figura maior e mais complexa. Como muitos pensadores italianos, esperava que a Itália se unisse sob um forte chefe nacional, seguindo o curso de desenvolvimento que já fôra indicado na Inglaterra e França. Ludovico Sforza, mestre de Milão, tinha a aparente força e vigor capazes de fazê-lo um forte líder nacional. Leonardo entrou a serviço de Ludovico em 1482. Pode-se deduzir que Leonardo estava pensando nas esperanças nacionais da Itália quando escreveu a Ludovico referindo-se às suas qualidades como inventor de instrumentos de guerra. Diz-se ser capaz de fazer máquinas de ataque e defesa, por terra ou mar — «carros blindados, seguros e inexpugnáveis... canhões, morteiros e artilharia ligeira... catapultas, mangonéis, trabocchis e outras máquinas de grande eficácia.

Leonardo parece ter vindo a Milão com grandes esperanças de que seria capaz de realizar importantes serviços civis, ou revolucionar a organização militar da cidade, ou desenvolvendo projetos de irrigação e melhoramentos no plano municipal, os quais contribuiriam para a segurança e bem-estar do povo. Leonardo encontrou a proteção e encorajamento que desejava para a atividade criadora e investigação científica. Mas a patronagem de Ludovico não trouxe a aceitação de nenhuma das suas ambiciosas propostas de artista. A ditadura dos Sforza era tão opressiva e impopular quanto o governo dos Médicis. A intriga e corrupção dos políticos italianos alcançou o auge quando Rodrigo Borgia apossou-se da dignidade papal em 1492. Como o papa Alexandre VI, a conduta de Rodrigo não foi melhor do que a de alguns dos seus antepassados. As paixões e crimes que fizeram famosa a família Bórgia mostraram a fraqueza moral da época. Essa fraqueza foi mais espantosamente revelada na política de Ludovico; encorajando uma invasão francesa na Itália, desempenhou um papel semelhante ao dos colaboracionistas que tão bem acolheram os nazistas em Paris em 1940. Em vez de unir a Itália, tornou-se o executor de seu país, garantindo uma temporária imunidade para si próprio e esperando usufruir as vantagens da devastação da terra.

Os exércitos franceses, — nos quais quase não havia nenhum francês, pois eram compostos de suíços e outros mercenários — foram entretidos em Milão, enquanto eles atravessaram os Alpes em 1494. Enquanto marcharam para o sul para conquistar e saquear, os Médicis preparavam-se para entregar Florença e pagar uma grande indenização a fim

de proteger pauros: õxbgá isf ? lh: de proteger sua propriedade. A ameaça trouxe uma demorada revolução contra a ditadura. O frade dominicano, Savonarola, falou às multidões reunidas na catedral. O antigo grito "Popolo e Libertà" (1) errou-se nas ruas. Em poucas horas, desmoronou-se tudo que os Médicis tinham construído em um século, e Piero e Giuliano de Medici fugiram com um pequeno exército de partidários.

O período da liderança de Savonarola em Florença é de um extraordinário interesse, como exemplo da mudança de relações de classe no começo da época do capitalismo; representa uma das mais primitivas tentativas para estabelecer uma estrutura de poder de estado no interesse da classe média. Savonarola dava a entender que falava para todos, para o povo como massa, e, especialmente para os operários e mecânicos explorados. Mas logo tornou-se aparente que os aspectos "democráticos" de suas pregações, seu ataque aos perigos da riqueza e seu apelo para a simplicidade e fraternidade, tinham a intenção de garantir o apoio para medidas que eram no momento do interesse dos mercadores, empreendedores e do grupo privilegiado dos hábeis artífices.

Savonarola se opôs às tentativas da oligarquia rica de restabelecer a ditadura no modelo dos Médicis. Mas em vez de concitar o povo a defender a cidade, fez um acordo com os invasores franceses aproximadamente nos mesmos sórdidos termos daqueles que causaram a expulsão dos Médicis de Florença. Insistia numa constituição segundo o modelo Veneziano, colocando todo o poder nas mãos de um Grande Conselho que somente representava os cidadãos abastados. Interrompeu um movimento do "poulo minuto", o pequeno povo, que procurava obter a isenção de taxas. Fazia pregações fulminantes contra os "Parliamenti", as assembleias do povo que se reuniam em Piazza.

Savonarola foi o representante da burguesia crescente, mas se tratava de uma burguesia corrupta pela instabilidade do período dos Médicis, insaciáveis em aproveitar as oportunidades, incapazes porém como estadistas.

O ataque de Savonarola a Papa e a toda a organização da Igreja preparou o caminho para a reforma. Nada havia porém da austera substância do Calvinismo nos homens que o cercavam. Sua religiosidade emocional, era mais uma tentativa para assegurar o indeciso apoio da multidão, e além disso era também um apelo das impossibilidades humanas do momento para uma certeza mística.

Sua violência emocional crescia à medida que seu plano moderado encontrava obstáculos crescentes e seu apoio se desvanecia. Ele representava o que podemos descrever como a histeria do meio caminho — um fenômeno que irá caracterizar muitos dos posteriores apóstolos da reforma burguesa. O partido da aristocracia subiu ao poder em março, 1498. A princípio hesitaram em mover-se

contra Savonarola, apesar da existência da demanda papal para sua destruição, porque o monge não tinha ainda perdido completamente sua popularidade. Conseguiram porém seu objetivo por meio de uma brincadeira horrivelmente apropriada; o homem que tinha prometido milagres foi chamado para permanecer diante da multidão e realizar um milagre. Quando Savonarola deixou de aparecer para a prova, tumultos e demonstrações levaram-no à prisão. Seguiram-se julgamento, torturas e execução.

A contradição da oposição de Savonarola estendeu-se também à sua influência cultural. Ele pedia simplicidade e santidade na arte, uma volta à espontaneidade devocional de Fra Angélico, com suas figuras cuidadosamente ornadas e visões ascéticas. Não obstante era o Partido Popular quem parecia oferecer a única esperança de progresso para o desencorajado Boticelli e o jovem Miguel Ângelo. Este último, que contava 19 anos quando o suposto poder de Savonarola se via profundamente abalado pelos acontecimentos florentinos, adotou o lado patriótico, anticlerical do programa do partido popular como princípios norteadores de sua vida e arte.

Por certo tempo, Leonardo estava salvo em Milão. Mas a traição de Ludovico teve seu prêmio inevitável. Os invasores franceses quando visitaram Milão como amigos em 1494, tiveram um vislumbre da riqueza dos Sforza. Quando Luís XII subiu ao trono da França em 1498, formou uma aliança com o Vaticano e capturou Milão entrando na Itália como aliado do Papa. Ludovico fugiu. A clássica tragicomédia dos colaboracionistas teve sua conclusão apropriada. A princípio Ludovico arranjou em 1500 um exército de suíços mercenários, com o qual recapturou Milão. Mas os adversários de Ludovico lhe fizeram frente com outro exército de suíços, agora sob a bandeira francesa. O resultado foi decidido não pela força das armas, mas pela luta de um corpo de mercenários. Na véspera da batalha de Novarro, as tropas de Ludovico recusaram-se a lutar, não porque tivessem algum escrúpulo em matar seus próprios compatriotas, mas porque seu pagamento estava com atraso. Vencido, Ludovico retirou-se para uma prisão.

Esses acontecimentos formam o quadro histórico da "Mona Lisa", e definem seu significado como o primeiro e maior exemplo do retrato psicológico que irá florescer na arte e literatura da época do capitalismo. Leonardo tinha fugido de Milão quando seu patrono foi afastado em 1498. O artista foi a Mântua e Veneza, voltando finalmente à sua cidade natal. Quando começou o quadro, em 1502, contava 50 anos de idade. Naquele ano foram eliminados de Florença os últimos vestígios de governo livre. O artista pintou uma mulher sorrindo cuidadosamente dentro de uma paisagem formal que nada revelava da agonia do país. A mulher nada mostrava de sua pró-

pria experiência. Tinha apenas 16 anos quando foi à Florença, no primeiro ano do governo de Savonarola. Tinha visto os esforços revolucionários do povo, tinha sentido o tumulto das ruas, e esperava como outras mulheres de sua classe ouvir a notícia da execução do frade e a volta ao poder da oligarquia rica à qual pertencia.

Nada há de especificamente sensacional na vida de Madonna Lisa, em contraste com a carreira de sua famosa contemporânea Lucrécia Borgia, que era filha de Papa, casada aos 13 anos no próprio Vaticano, divorciada logo após e casada quatro vezes novamente antes dos 21 anos, a fim de aumentar a duvidosa fortuna de sua família.

Esse melodrama de intriga, assassinatos e possível incesto, sugere outro aspecto do "eterno mistério" da condição da mulher — a degradação da mulher na época em que a burguesia, nas palavras do Manifesto Comunista, começava a "pôr um fim a todas as relações feudais, patriarcais e idílicas", determinando "o valor pessoal pelo valor de troca" afogando o sentimento" nas águas gélidas do cálculo egoísta.

Então, como agora, o problema de uma organização social racional era mais dramaticamente expressa na "inevitabilidade" irracional da catástrofe. Leonardo falava da guerra como a "loucura mais animal". Enquanto pintava o retrato de Lisa, trabalhava num mural para o Palazzo Vecchio, no qual pretendia representar a fúria da batalha com um realismo inflexível. Seus cadernos de notas mostram sua resolução de retratar a verdadeira face da guerra:

"...fazer os mortos meio enterrados alguns, outros com a areia misturada com o sangue que se vai escorrendo e transformando em lama carmezim... Mostrar outros na agonia da morte rangendo os dentes e revolvendo os olhos, com suas pernas retorcidas e seus punhos cerrados voltados contra seus corpos".

Ao planejar o mural, Leonardo decidiu usar um novo método de aplicar a cor à parede. A experiência foi um fracasso, e a pintura foi destruída. Temos somente pedaços fragmentários de cavalos galopando, figuras convulsas, rostos em tensão, que nos pode sugerir o enfeixamento da obra completa. Esse mural que deveria ter sido a maior pintura de Leonardo se conservou intacto no Palazzo Vecchio por 50 anos, sendo o espaço coberto finalmente por afrescos de Vasari. A parede arruinada foi como uma barreira na estrada da vida de Leonardo — um pedaço de cores destruídas onde ele tentara ver um universo ordeado.

Não houve nenhum abatimento na energia criativa de Leonardo. Ele viajou, fez esboços, notas, observações sobre filosofia, anatomia, astronomia, ótica, matemática. Viu que as esperanças do humanismo renascentista tinham fracassado. O mundo não estava marchando para de

a paz. Estava se dirigindo para maiores guerras e para uma exploração mais brutal. Em 1512, a invasão espanhola trouxe os Médicis novamente à Itália. Giuliano de Médici se apoderou do governo de Florença, e, em 1513 Giovanni de Médici tornou-se o Papa Leão X. Giovanni realizou em Roma impressionantes projetos artísticos e de arquitetura. O lucro desses projetos, isto é, a diferença entre a quantia de dinheiro arrecadado e o custo do trabalho — foi enorme. Na verdade, a coleta de contribuições para a construção da catedral de São Pedro foi a causa direta do protesto alemão dirigido por Lutero que inaugurou a Reforma.

Leonardo foi um dos eminentes pintores que foram à Roma sob a proteção papal em 1513. Outros artistas foram contratados a pedido do Vaticano; Rafael tornou-se em 1514 o principal arquiteto da catedral de São Pedro. Miguel Ângelo, que se encontrava em dificuldade no arranjo de pagamento para a decoração da Capela Sistina, e que olhava o retorno dos Médicis como uma catástrofe política, passou por cima de seu orgulho e aceitou as condições de Leo. Mas para Leonardo, com seus amplos interesses científicos, a atmosfera de Roma estava sufocante. Deram-lhe um apartamento no Vaticano, mas suas experiências e desenhos anatómicos causaram suspeitas, no sentido de que ele estava metido com feitiçaria. Quando Francisco I invadiu a Itália em 1515, convidou Leonardo a retornar à França. O artista consentiu, levando a "Mona Lisa", que foi vendida ao monarca francês por 12.000 francos.

Leonardo gastou seus últimos anos num exílio confortável na França central, onde, em 1519, morreu. Era um errante, um homem sem lar intelectual. O ouro das Américas estava começando a alcançar a Europa. Balboa tinha visto o Pacífico e Cortez estava se preparando para conquistar o México. Nas suas "Profecias", Leonardo previu o curso da expansão colonial européia. Escreveu "a respeito dos metais preciosos":

"Sairão das escuras e sombrias cavernas, e causarão à raça humana toda a sorte de aflições, perigos e morte... Isso trará como consequência um sem número de crimes, impelirá e incitará homens perversos a assassinar, roubar e escravizar...".

Terá sido essa a resposta às promessas do Renascimento, às revelações da ciência, ao novo conhecimento do homem e da natureza? Seria esse o segredo dos olhos de Lisa? Estará a maioria da humanidade condenada para sempre ao conflito e ao trabalho árduo, enquanto a arte e a verdade estiverem dedicadas à fabricação de ricos produtos, à beleza da carne, ao enigma de um sorriso cuidadoso?

A INDÚSTRIA DE S. PAULO atrelada ao carro de marte

T. MARANHÃO

Assistimos atualmente, no «mundo ocidental» impregnado da filosofia nietzchiana do «direito do mais forte», erigida em sustentáculo máximo da civilização, pelos técnicos do Departamento de Estado norte-americano, a uma assombrosa corrida para a meta do armamentismo. Jamais em tempo algum da história, uma nação acumulou em seus arsenais uma soma tão fabulosa de recursos bélicos, como os Estados Unidos nesta agitada fase da vida dos povos. Toda a sua gigantesca máquina industrial reverteu-se ao serviço de intensa preparação militar. As fábricas de objetos de precisão passaram a construir periscópios para submarinos e sinistros engenhos de percussão explosiva; nos laboratórios as ampulhetas não mais destilam soros e sim tóxicos e venenos; pelas mãos dos costureiros passam fardas e galões ao invés de trajes civis; nas fábricas de automóveis-de-passeio constroem-se tanques; nas laminações as metralhadoras substituíram a maquinária leve de paz; e nas siderúrgicas os altos fornos vomitam o aço para os canhões.

Evidentemente Tio Sam não pretende jogar essa produção nas águas do Atlântico ou do Pacífico; sabe para onde e para quem são endereçadas. Mesmo as nações que se situam longe do teatro onde a guerra poderá ser deflagrada e que por mais que pesquisem os fatos não encontram motivos razoáveis para acompanharem o desespero de causa que move a política norte-americana são envolvidas e chamadas a prestar serviços a uma causa, que nem sequer de longe lhes diz respeito. Os Estados Unidos não poupam nenhum povo em seu programa político-militar, que é suspeitíssimo ainda, pelo fato de objetivar, sob a capa de uma ameaça comunista, o domínio absoluto das regiões do globo favorecidas pela existência de recursos minerais-estratégicos e matérias-primas.

E, diga-se de passagem, os Estados Unidos têm conseguido penetrar fundamentalmente na América Latina, realizando os seus desígnios, mercê das facilidades concedidas por governos, cujos principais dirigentes foram subornados ou mantêm íntimas ligações com as grandes companhias norte-americanas. Como facilmente se pode observar, a guerra é para os trustes, uma dádiva, e no momento atual, uma saída espetacular para os Estados Unidos, assoberbados por uma crise sem precedentes em sua estrutura econômica.

Tanto assim é que, quando ainda se ouviam os ecos das comemorações festivas do dia «V», a América do Norte já zangadas várias divisões e não desaparelhando a sua indústria se preparava para uma terceira guerra, conservando mobilizadas várias divisões e não desaparelhando a sua indústria de guerra. Mas mesmo assim, o número de desempregados adensava-se e o poder aquisitivo das populações caía vertiginosamente. Foi necessário então, que os «bureaus» diplomáticos passassem à provocação aberta, instaurando um clima de apreensões e pré-guerra, para que preparada a opinião pública, pudesse requisitar para os mistérios da guerra o fabuloso séquito de desempregados e se evitasse assim, ao país uma debacle iminente.

Desde então, a corrida para a guerra suicida não fez pausa. Semanalmente o Congresso e o Senado norte-americano passaram a aprovar verbas fantásticas, destinadas aos preparativos militares, que se estenderam à Europa, Ásia, Oriente Médio e Próximo e América Latina.

Em 1947, na Conferência do Rio de Janeiro, o Departamento de Estado impôs um tratado pelo qual, os países latino-americanos seriam obrigados a fornecer todos os recursos necessários aos Estados Unidos, em materiais-estratégicos, matérias primas e elementos humanos, no caso de uma conflagração.

Executava-se enfim, o velho plano do General da West Point, Gordon Gray, de formação de um «exército continental latino-americano» para combater em qualquer parte do mundo sob a égide do dólar. Na Conferência de Washington, deste ano, acertaram-se finalmente os últimos detalhes da participação da América Latina no esforço de guerra norte-americano. Foi prevista a participação de forças expedicio-

nárias latino-americanas nos «campos de honra» da Coréia, a cessão de bases militares a técnicos ianques e o entrosamento de nossa economia no programa já bastante adiantado de mobilização bélica dos Estados Unidos. Dessa forma o governo brasileiro passou a marchar a «passo de ganso».

As suas fábricas, consoante um dos pontos do plano elaborado pelo Departamento de Estado deram início à fabricação de apetrechos bélicos, de natureza leve e complementares à produção norte-americana.

O setor metalúrgico como é natural, foi o mais visado, entrando as nossas laminações no concerto das usinas de guerra do «mundo ocidental». A Cia. Brasileira de Cartuchos, C. B. C., por exemplo, localizada em Santo André, recebeu ultimamente máquinas ultramodernas que ainda não pôs em funcionamento. Essa empresa que está sob inspeção quase permanente de oficiais americanos e brasileiros nos dá uma pálida idéia do que seria o trabalho operário sob o regime de guerra; é proibido transitar de uma seção para a outra, a maioria dos chefes e chefetes é constituída de deslocados de guerra e a duração do trabalho é de 9 horas e meia por dia sob a vigilância de «tiras» e soldados da «F. P.».

A «Confab» ou Companhia Nacional de Forjagem de Aço Brasileiro, também localizada em Santo André, dirigida pelo ex-deputado integralista Machado Florence, está produzindo atualmente mais de 300 granadas para canhões «Vickers 105», vendendo a unidade por 720 cruzeiros ao Ministério da Guerra, do qual recebeu um pedido no valor de dez milhões de cruzeiros. A «Pirelli» está produzindo cabos condutores de eletricidade para os Ministérios da Guerra e Aeronáutica. A Laminação Nacional de Metais recebeu exemplares de Granadas de 205 mm para as experiências de produção, além de já estar trabalhando para o término de uma encomenda de cinco toneladas de cápsulas para armas Mauser. Anexa à Laminação funciona a «Fábrica de Armas Automáticas» dirigida pelo Cel. Plínio Cardoso, proprietário também da «I. N. A.», Indústria Nacional de Armas que, instalada em Santo Amaro, já se encontra em regime de produção. O Cel. Plínio Cardoso conseguiu recentemente um crédito de 15 milhões de cruzeiros para a fabricação de metralhadoras.

A «I. N. A.» e a «F. A. R. M. A.» produzem agora peças diferentes para as mesmas armas, como submetralhadoras Madsen e metralhadoras pesadas de tiro-fixo. A encomenda anterior do Ministério da Guerra era de 10.000 metralhadoras leves (tipo Madsen) e 5.000 pesadas. Até meados de 1950 já haviam sido entregues cerca de 500 armas. Essas empresas se dedicam ainda à produção de pentes para metralhadoras, mantendo a Laminação S.A.R.M.A. grandes estoques. A sua produção em 2 anos atingiu cerca de 100 milhões de pentes. A Laminação FARMA fornece ainda permanentemente uma enorme quantidade de fundos de cartucho à «C.B.C.». A Metalúrgica S. Francisco, dos irmãos Jafet, efetuou grandes entregas de ferro redondo à General Motors logo após o início da guerra na Coréia. Este material foi estocado num depósito da G. M. em Vila Prosperidade para fins ulteriores. Outra usina dos irmãos Jafet, a São José, está em vésperas de montar um novo forno de aço para atender às solicitações do programa de guerra. A General Motors se abastece ainda de chapas de aço provenientes de Volta Redonda, estocando-as também na Vila Prosperidade. Atualmente a G. M. está capacitada para montar sessenta tanques diários, adaptando uma linha de montagem em 48 horas. A Companhia mantém um curso de moto-mecanização para treinamento de soldados do exército na montagem e conserto de veículos GM. Estes cursos são rápidos e 15 oficiais do exército presentemente os estão frequentando. A G.M. é ainda a maior fornecedora de viaturas para o Exército.

Como se vê, a indústria de S. Paulo se atrela cada vez mais ao carro de Morte, cequiosos os seus diretores do sangue da mocidade brasileira. Mas não o terão, porque é muito forte a vontade de Paz.

A música dodecafônica reflete o espírito decadente da burguesia

L. RYSKIN

O atonalismo já está caracterizado como uma das expressões preponderantes da decadência da criação musical. O abandono da melodia, o entusiasmo pelas dissonâncias neuropáticas, que transformam a música em cacofonia, constituem o ponto culminante destes quarenta anos de nociva e depravada influência do atonalismo sobre a música burguesa contemporânea.

O criador e líder do atonalismo é o compositor austriaco, Arnold Schönberg. Atualmente, sua escola transformou-se numa seita que tem representantes espalhados por quase todos os países da Europa e da América. A "criação" de Schönberg é a expressão da profunda decadência e decomposição da cultura espiritual da sociedade capitalista, e sob a falsa lenda de "música de evolução" representa o que de mais reacionário tem aparecido em matéria de arte. O atonalismo conduz ao completo rompimento com as melhores tradições populares e da música clássica, mas esse rompimento é dissimulado sob a falsa alegação de uma pretensa hereditariedade orgânica assumida depois da música clássica. Rejeitando a herança clássica, os atonalistas procuram fazer crer que o sistema pode ser compensado por outros meios do vocabulário musical.

Durante séculos, os povos herdaram e adquiriram por processos práticos sociais o sentido das diferentes tonalidades, as quais apoiadas na experiência do tempo entraram em sua maioria na vida musical de várias nações, e vieram a constituir, em seu gênero, "fórmulas" da arte musical acessíveis e compreensíveis a milhões de pessoas.

Sobre o tema das tonalidades e os sistemas geralmente conhecidos, recordamos as palavras de Lenin a propósito do axioma das figuras lógicas: — "A ação prática do homem, reproduzida milhões de vezes, conduziu a consciência humana à repetição das figuras lógicas, para que estas pudessem tornar-se axiomas."

As tonalidades harmoniosas em uso são importantes e não podem ser substituídas na música popular e na clássica. Sua liquidação levaria infalivelmente à ruína os fundamentos musicais. Os atonalistas, entretanto, tomaram a si essa tarefa, aniquilando o sistema tonal, e introduzindo as dissonâncias em suas criações.

Não podemos omitir aqui a definição de Zhdanov sobre a decadência da música moderna — quando dizia que ela era vulgar e destituída de todo encanto, e onde as consonâncias eram fortuitas, e as notas falsas com suas ligações apareciam como regras.

Schönberg com sua invenção do atonalismo dodecafônico é um desses tantos "reformadores" que tentam em lugar dos princípios reais do pensamento musical, já experimentados na prática de muitas gerações, aplicar regras e direitos escolásticos. Quais foram os motivos que levaram Schönberg e seus prosélitos a se manifestarem contra o tonalismo clássico? A história da criação e do desenvolvimento da escola

atonalista constituem uma clara e nítida resposta.

O período inicial da escola de Schönberg abrange os últimos anos do século XIX e a primeira década do século XX. Nessa época, não tendo ainda rompido com o sistema tonal, Schönberg apresenta-se como representante do neo-romantismo, muito próximo ao de Wagner. O segundo período caracteriza-se pelas experiências psicológicas de Schönberg baseadas nas alucinações dos pseudo-cientistas da escola de Freud.

O drama musical — "A Mão Feliz" — cujo libreto é também de sua autoria está todo eivado de alucinações e de uma voluptuosidade vulgar que levam a estados patológicos de consternação. Em outra criação — "Espero" — o desejo ou a busca da felicidade conduzem a pessoa através do "matagal da vida", a perder tudo que lhe é mais caro, convencendo-a no final de que a felicidade não existe. Idéias pessimistas desse gênero, tão características nos atonalistas, aproximam a escola atonal do existencialismo. Como é sabido, a idéia central filosófico-literária da teoria criada pelo reacionário Sartre é a pregação da descrença nas forças humanas e nas possibilidades de um mundo melhor. O caráter patológico do mundo criador torna-se característico não somente para Schönberg como para toda a escola atonal do período expressionista.

DESPRESO PELO PÚBLICO

Esse "método" — se assim podemos chamá-lo — foi aceito por muitos representantes da decadente música burguesa que não pertenciam à escola de Schönberg. Entre outros, Paul Hindemith, e um dos "novos célebres", o francês Olivier Messiaen.

Não se trata, como poderia parecer, de individualidades isoladas necessitando de diagnose clínica, mas de uma definida expressão social exigindo uma análise ideológico-política. Hans Eisler, conhecido compositor antifascista viu nas criações de Schönberg a expressão do desespero frenético de um pequeno-burguês. É verdade que Schönberg, nessa segunda fase de sua criação, tenta representar a desespero frenético do pequeno-burguês da Europa Ocidental, e mais especialmente do pequeno burguês austriaco e alemão desviado de seu normal destino histórico-social. O desespero do pequeno-burguês é o desespero de um solitário individualista que se debate entre as contradições insolúveis da sociedade capitalista. Do desespero e da irritação de um artista pequeno-burguês da época imperialista, surgiu a atitude desdenhosa para com o público. De acordo com o que dizia o próprio Schönberg, ele e seus adeptos dirigiam-se ao público, apenas em último caso, isto por motivos acústicos, pois a música num salão vazio são pior do que num salão superlotado de ouvintes, ainda mais vazios. Essa corrupta filosofia individualista levá os atonalistas a adulterarem a histórica

concepção da evolução da arte. Do nosso ponto de vista, a humanidade deve seu desenvolvimento espiritual ao povo e aos seus melhores filhos. Schönberg, falsamente, apresenta o desenvolvimento espiritual da humanidade como resultado da ação exclusiva dos homens de gênio. Não menos diferentemente pensa I. Hauer, outro atonalista vienense. Segundo ele, os compositores que criaram a música tonal não se originaram das "élites", mas da maioria do povo. E essa maioria, conforme sua filosofia está no mesmo nível dos... animais.

O decrépito subjetivismo de Schönberg e o patológico caráter de seu método conduziram-no ao rompimento com as normas básicas da música popular e clássica. O golpe principal foi desferido contra a melodia e o sistema tonal. Em troca, ele colocou em primeiro plano o ritmo convulsivo e o brado neurastênico. O "Pierrot Lunaire", que despertou interesse entre o público burguês, assim como "Wozzeck", de Alban Berg, adquiriram renome graças ao seu texto criminoso-patológico (violência, assassinio, suicídio, loucura, etc.). A luta contra as tendências reais da música popular e clássica marca o ponto culminante da luta dos decadentistas contra o realismo, em nome de uma estética formalista e de um vulgar naturalismo. O mais desenvolvido sentido espiritual, de um lado, e o patológico bem-estar dos primitivos instintos animalescos, de outro lado; a separação entre a esfera espiritual e material são as principais características da decadência da estética burguesa do século XX.

CARATER DA MUSICA POPULAR

Finalmente, essa luta significou o abandono das fontes da arte musical popular e nacional, e a passagem franca para as posições do cosmopolitismo. O profundo desdém para com o povo, para o seu convívio, para a sua cultura e suas tendências levou os atonalistas a abandonar as melodias populares e as tonalidades da música popular. Não se deve esquecer que as culturas da música popular são culturas especificamente nacionais. O caráter nacional baseia-se nas tonalidades geralmente conhecidas, que são a base para tonalidades bem definidas. Assim, para a música russa são típicas certas tonalidades, como para a música francesa são outras e para as norueguesas ainda outras.

A passagem dos atonalistas para as posições do cosmopolitismo ligou-se à crise do expressionismo, cujos representantes estavam mais inclinados a reconhecer a ilusória irrealização da sociedade burguesa, e por isso voltaram-se para o sono das antigas relações patriarcais. A estilização nos moldes dos velhos mestres, o cultivo das melodias triviais com tendências para a animação das antigas formas da música ao "pé do fogo" são típicos de uma dessas tendências. Outros expressionistas, porém, apavorados com o po-

tente crescimento revolucionário das massas descambaram para a reação política. Sob a égide do fascismo, exibiram-se como demagogos, propagando o culto do tzarismo e despertando os mais baixos instintos entre as massas. Finalmente, outros saíram do período anterior completamente estéreis, indiferentes ao seu atoleimado sofrimento e transpassados de completa descrença, em parte, por causa da sua força debilitada e em parte pela influência da teoria idealista da "arte pela arte".

"FABRICANTES DE COMPOSIÇÕES

A "fabricação" de composições tornou-se então uma espécie de obrigação para esta tendência construtivista da arte. A ela aderiu Schönberg. Os atonalistas do período construtivista abandonaram por completo as possibilidades de apresentar quaisquer temas. Os textos de suas "composições" são de um completo vácuo espiritual. Esse vácuo exprime-se indiferentemente nos temas e textos de composições vocalizadas ou em óperas. Sempre e em todos os casos, o atonalista escolhe a seu modo os mesmos métodos tonais "estandardizados", que criam um determinado sistema. Na elaboração desse sistema tomaram parte vários atonalistas austríacos, como Hauer, Eimert e naturalmente o próprio Schönberg, que popularizara o sistema através de suas composições, artigos e trabalho pedagógico. Os atonalistas fazem um esforço para que no movimento linear de suas "composições" não entrem intervalos e processos terciários que recordem a melodia clássica e os clássicos acordes da afinação terciária. O material "construtivo" mais característico do movimento linear dos atonalistas é a combinação dissonante dos intervalos.

A escola atonalista foi, muitas vezes, frequentada por homens de cultura iludidos com a falsa doutrina sobre a adiantada evolução dessa escola. Essa doutrina teve grande repercussão entre os músicos, em virtude da balburdia levantada em torno de sua "novidade e progresso". A propósito dessa falsa inovação, Zhdanov, por ocasião de uma reunião com líderes musicais, em janeiro de 1948, disse que inovação nem sempre significa evolução. "Muito jovens desorientam-se porque pensam que não se revelando originais serão considerados escravos das tradições conservadoras".

MÚSICA REACIONÁRIA

Num artigo sobre a nova e a velha música, publicada anos passados, Hans Eisler assinala a profunda mudança de condições sociais em comparação com a época de Schubert. Em vez do lugar tranquilo dum moinho, surgiu a fábrica, e nela o artista vê um trabalho penoso, miséria e desconforto, coisa que não enxergava no moinho. Disso Eisler concluiu que a arte não pode permanecer sempre a mesma, assim como nos tempos de Schubert. A arte devia modificar-se, e... modificou-se. Posteriormente, Eisler modificou sua opinião com relação a Schönberg, embora continuando a distingui-lo. Mas vendo a nociva atividade do atonalismo em relação à luta revolucionária do proletariado, cor-

tou definitivamente relações com a escola de Schönberg.

Nos últimos tempos, no Ocidente, começaram a aparecer artigos e livros (Ernes Krenek, René Leibowitz e outros) tentando revigorar os congelados interesses atonalistas. Leibowitz elogiou Schönberg e seus seguidores tão calorosamente que chegou a ponto de englobá-lo no rol dos gênios como também a Anton von Webern.

Hoje, Schönberg vive na Califórnia e ali tornou-se pedagogo e conselheiro de muitos compositores americanos. Dá a seus alunos conselhos em relação a música tonal e atonal. Além disso, começou a compor, também obras... tonais, como é exemplo o tema variado "E Minor" (1944). Significa isso por acaso que Schönberg abandonou as posições do formalismo? A música atonalista é sempre formal, mas não significa que se sobrepõe em contraste ao formalismo. As tendências reais e formais exprimem-se tanto na música atonalista como na tonal. "Apolo Musagete", de Strawinski, que aplica processos de harmonia tonal é absolutamente formalista. Formalistas são igualmente algumas obras tonais de Schönberg, como a "Sinfonia Cameral" para quinze instrumentos. Os ensaios de Schönberg de retorno ao tonalismo é uma manipulação de bolas coloridas sobre o mesmo pano de fundo formalista. Schönberg busca contacto com as esferas mais elevadas do público burguês, e para esse fim socorre-se de meios mais astuciosos dentro do sistema tonal. Passaram os tempos em que Schönberg podia dar-se ao luxo de viver nos limites de sua seita, esforçando-se por isolar-se na torre solitária, feita de "pedras" da série atonal.

As esferas reacionárias dos Estados Unidos incentivam o culto do czarismo

e do bonapartismo. Schönberg escreveu em 1942 a "Ode a Napoleão". Essas mesmas esferas estreitam os laços com o Vaticano, e Krenek escreve corais segundo o espírito católico-romano para demonstrar a assimilação entre o coral gregoriano e a música dodecafônica.

A causa principal do apóio que a burguesia reacionária empresta aos atonalistas explica-se pelo fato de estes terem criado uma seita isolada que demonstrou ser útil instrumento para a desenfreada propaganda do cosmopolitismo hostil, com o fim de preparar o rompimento ideológico da inteligência artística com a pátria e o povo. O foco de infecção de tal seita encontra-se na América do Norte e suas organizações espalham-se por vários países. Nem mesmo a União Soviética escapou da tentativa de estabelecimento de uma comunidade atonal em seu seio. N. Rozlawiec, o mais forte representante da escola de Schönberg, que propagava todas as formas do modernismo burguês, apoiava também a escola atonalista. Se Rozlawiec e seus adeptos não conseguiram estabelecer sua seita atonalista em nosso meio foi graças à viva repulsa do povo soviético. Mesmo assim, entre alguns compositores soviéticos, menos conscienciosos e ideologicamente obscuros, divulgou-se o método atonal. Tais compositores não aplicavam a técnica do sistema atonal mas a sua música impregnava-se de uma cacofônica e caótica tonalidade.

O golpe final contra essas veleidades foi dado com a decisão de 10 de fevereiro de 1948 que denunciou o atonalismo como de tendência antidemocrática, que reflete o espírito decadentista da burguesia contemporânea e leva a música a um beco sem saída e à sua completa liquidação. — (Tradutor: E. Sucupira Filho).



Eis algumas «manchettes» dos jornais paulistas em uma semana apenas. A guerra é o tema dominante, o centro das atenções de todos esses provocadores de neuroses. Todavia, não são estas as notícias procuradas pelo público. Este quer saber onde está o açúcar, a carne e o leite —

Sylvio Romero

O maior romancista do Brasil segundo João do Rio

SILVIO ROMERO FILHO

Foi, naquele inominável ano 14 em que a inveja, a cobiça a falsidade e outras ignomínias, estumando os apetites carneiros das ambições imperialistas, afundaram o mundo na sanguieira que o armistício ilusório de 18 não obteve, infelizmente, recrudescesse em 39 e que a paz ainda não mais ilusória de 45 não poderá, também desgraçadamente, impedir se avolumar na catástrofe que célere se aproxima...

O grande Rio-Branco cerrara os olhos não fazia muito. Os fados, sempre reverentes ao "Deus Terminus da nossa integridade territorial" haviam-lhe poupado o amargor de presenciar o começo do fim. O excelso Lauro Müller, que o substituiu no comando do Itamaraty, esmerava-se numa ação clarividente, por demonstrar seu estrênuo patriotismo, desfazendo injustificadas suspeições oriundas de sua origem germânica...

Legara-nos o Barão, num labor sem lazer, o melhor dos exemplos do devotamento ao serviço público, ensinando que o trabalho em permanente vigília era o primeiro imperativo das sentinelas avançadas do nosso prestígio no exterior. E Lauro Müller, numa atitude rara entre os nossos governantes quase sempre ávidos de reformar ou deformar a obra dos antecessores, cultuava nossas tradições diplomáticas excelendo em incentivar o ritmo da atividade que àquela casa gloriosamente histórica, no dizer apropriado do inclito Souza Dantas, imprimira o insigne Visconde de Cabo Frio e que Rio-Branco superiormente avantajara.

Continuava-se ali a trabalhar e trabalhava-se, talvez, mais esforçadamente não só porque caprichávamos em tornar menos sensível a nossa impossibilidade em suprir o que era insuperável — a irreparável falta do extraordinário estadista que, na frase peregrina do egrégio Felix Pacheco, "mais terras dera aos nossos céus" — mas também porque a guerra nos impunha novos, inesperados, descomunais encargos pelo amparo que devíamos aos nossos concidadãos colhidos de surpresa no estrangeiro e pela solução de múltiplos problemas que se sucediam trepidantes, de momento a momento, envolvendo a defesa incessante da nossa soberania, dos interesses do nosso comércio, da nossa economia, da nossa vida.

E, assim, nossa tarefa silenciosa, mas árdua, tornando irregular e incerto o repouso dos chefes e subordinados, nos obrigava muita vez a permanecer na estacada vinte e cinco e mais horas por dia!

A imprensa do Rio de Janeiro, vanguarda do patriotismo, amava, numa solicitude estimulante, a ação da chancelaria. Habitados aos plantões noturnos, eram numerosos os jornalistas, dos mais brilhantes da época, que varavam as madrugadas ao lado dos funcionários do gabinete do Ministro, dirigidos pelo menos competente de todos eles, o obscuro ora-

dor que, pela generosidade com que o distinguistes, convidando-o a assistir a esta homenagem sumamente comovedora, tem a honra de vos dirigir agora a palavra.

Não raro, já dia claro, quando as ruas desertas estremunhavam sacudidas pelo tropel espaçado dos verdureiros que, do mercado central da cidade, transportavam nas costas para os bairros afastados o alimento da população, ou dos vendedores dos diários que, arrancando-os quasi das máquinas impressoras, se apressavam em levar aos arrabaldes mais distantes o delicioso veneno do noticiário e dos artigos que afeiçoam a opinião das massas — não raro, saíamos em grupo do Itamaraty para tomar a média matinal do único botequim que, nas redondezas, nunca cerrava as portas, próximo ao Externato do Colegio Petrô Segundo, na esquina da rua Marechal Floriano e da mal reputada rua da Conceição.

Entre os mais assíduos no prazer que nos davam de sua esfuziante companhia, destacava-se por muitos títulos João Paulo Alberto Cristovam dos Santos Coelho Barreto, nome heráldico, esmaecido por um pseudônimo que, com toda justiça, se tornou dos maus famosos das nossas letras, assinalando um dos temperamentos mais legítimos de escritor de que nos podemos ufanar.

Nada mais natural do que, interrompendo as intrigas da guerra, falássemos nessas reuniões, mesmo como um derivativo mental, de assuntos diversos dos que nos fornecia implacavelmente o morticínio feroz. Naturalíssimo que, gente que lia e que gostava de ler, comentássemos outros aspectos dos problemas brasileiros; conversássemos sobre os nossos homens e que, com estes, fosse Meu Pai constantemente recordado, Meu Pai, cujo coração, como o de Rio-Branco, deixara de pulsar pouco antes de irromper a hecatombe...

E foi então que Paulo Barreto, o estupendo João do Rio, acentuando carinhosamente a vigorosa contribuição de Sylvio Romero em muitos quadrantes da evolução cultural do Brasil, concluiu de uma feita declarando:

— "Sylvio Romero foi, sem dúvida, o mais profundo, o mais completo investigador da alma nacional. Iniciador dos estudos dos nossos costumes e tradições populares, etnólogo, político, jurista, filósofo, crítico, historiador, sociólogo, foi formidável em todos esses ramos do saber, mas o que ele foi, sobretudo, foi o nosso maior romancista."

Todos nós os circunstantes conhecíamos o espírito malabaresco de João do Rio. Todos nós sabíamos que a ele mesmo, respondendo a um magnífico inquérito sobre o momento literário do país, Sylvio Romero ponderara:

— "Escrevi, é certo, algumas poesias, entre os dezoito e vinte e cinco anos,

que andam ali em dois volumes. Mas foi só. Não tenho romances, contos, novelas, dramas, comédias, tragédias, folhetins, crônicas, fantasias... Não, nada disso."

Aquela boutade do inveterado blagueur arripiara, confesso, a minha sensibilidade filial. Mas, sem esperar que eu exprimisse a surpresa que nos causara a inoportuna pilhéria, o encantador cronista de NO TEMPO DE WENCESLAU foi logo esclarecendo:

— A HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA é a nossa maior obra de ficção. Entusiasta da nossa terra, dominado por um brasileirismo ardente, Sylvio Romero quiz sublimar nossa cultura e, arquetizando teorias fagueiras sobre a nossa formação, criando personagens de cuja existência só se teve conhecimento pelas páginas palpitantes daquele livro demiúrgico, — escreveu o nosso mais belo poema, o nosso maior romance".

A História da Literatura Brasileira é, sem dúvida, o testemunho de uma prodigiosa devoção à nossa patria estremecida. Não ha muito, Lúcia Miguel Pereira, num artigo magistral, acentuou o que de dedicação e de capacidade construtiva, na paciente pesquisa e leitura de documentos, na cuidadosa análise de escritores, exigiu de um homem pobre, trabalhando sozinho, sem quaisquer auxiliares, essa obra ingente, elaborada quando o autor pouco mais tinha de trinta anos de idade...

Mas, se essa obra é o brado de um entusiasta do nosso povo, não deixa de ser uma sincera exaltação de valores reais que se impõem ao nosso culto porque dignificam a nossa raça. E é certamente, minhas Senhoras e meus Senhores, uma expressão eloquentíssima do vosso reconhecimento aos altíssimos serviços que lhes devemos, esta calorosa consagração da memória do arrojado obreiro que lhes ergueu aquele monumento de amor e de fé.

Campinas, que é dos nossos pagos um dos que mais prezamos e de que mais nos envaidecemos como um dos expoentes máximos do nosso progresso, está aqui se refletindo em todo o esplendor do seu passado, em toda a beleza de seus ideais.

Berço de Carlos Gomes, Campos Sales, D. João Nery, Francisco Glycério, Cesar Bierrenbach e de tantos outros guias luminosos dos nossos sonhos e dos nossos triunfos; remanso hospitaleiro que agasalhou filhos ilustres de outras regiões — Coelho Netto, Alberto de Faria, Antonio Lobo, Leoncio de Carvalho, Alvaro Pereira, Basílio de Magalhães e — seria impossível enumerá-los a todos — esta encantadora cidade tem um nome, cuja formosura dispensa os lindos epítetos com que a têm querido aureolar.

Foi este o abençoado cenário de feitos fulgurantes de nossos maiores no apostolado da democracia, na expan-

RALPH PARKER — Les Editeurs Français Reunis

É pouco provável que este livro do grande jornalista inglês seja apreciado nas colunas de bibliografias das douradas revistas de história. O livro de Ralph Parker não se prestaria, de forma alguma, aos comentários imprecisos e reticentes com que o Prof. Cruz Costa, por exemplo, analisou as memórias do embaixador Coulondre ou o jornal de Nuremberg de Gilbert, no último número (janeiro-março 1951) da erudita Revista de História dirigida pelo prof. Simões de Paula. O livro de Ralph Parker é um documentário vivo e objetivo, enfeixando as observações e experiências de um jornalista independente que conheceu intimamente todos os acontecimentos políticos e diplomáticos que se desenro-

a traição de Munique. Lá está a ocupação da Tchecoslováquia. Lá estão os capítulos sobre a espionagem e diplomacia secreta nos Balcãs e na Europa Central. De interesse todo especial são as passagens do livro em que Parker desmascara o papel dos diplomatas, jornalistas e correspondentes de agências telegráficas ocidentais, quasi todos espíões internacionais antisoviéticos, quando não agentes provocadores ou vendedores dos trustes armamentistas. Parker cita-lhes os nomes e as ligações, desvenda o seu jogo sórdido de aproveitadores das hecatombes em que morrem milhões de homens. Mas, o testemunho de Ralph Parker tem uma importância histórica muito maior porque se prolonga até nossos dias, descrevendo a atuação desses conspiradores contra a

O complô contra a Paz

laram na Europa, de 1934 até os dias de hoje. Como correspondente de jornais ingleses e americanos, entre os quais o «Times» e o «New York Times», Parker pôde observar de perto toda a trama de intrigas, dissensões, traições e espionagem, que caracterizou a política européia na década de 1930 a 1940, época de ascensão do nazismo sob a égide do antibolchevismo. Durante todos esses anos o jornalista presenciou os acontecimentos mais marcantes, conheceu pessoalmente os homens mais influentes, entrevistou-se com eles, observou os fatos, anotou-os, recebeu informações confidenciais de primeira-mão, informou-se exaustivamente. É a base de um acervo impressionante de dados concretos pôde formar um juízo comprovado da política de preparação de guerra em que se empenhavam as nações capitalistas em ligação com as ditaduras feudais da Europa Oriental, com a finalidade última da agressão à União Soviética. Os dez capítulos em que se divide o livro, escritos em estilo vigoroso e dramático, recheados de informações e dados inéditos, constituem leitura apaixonante, recapitulando, em suas linhas principais e em aspectos particulares esclarecedores, os episódios mais salientes naquela sucessão de traições à humanidade que culminaram na II Guerra Mundial. Lá está

paz, durante a guerra e o após-guerra. Mostra como durante esses anos decisivos para a humanidade, enquanto os milhões de homens lutavam contra o nazismo, a trama sinistra continuava nos bastidores da diplomacia ocidental e nos altos conselhos dos governos capitalistas, a preocupação crescente desses governos com as vitórias do Exército Vermelho, os planos estratégicos de desembarque nos Balcãs para impedir a libertação da Europa Oriental pelos soviéticos, e afinal, vencido o nazismo, as mil e uma distorções da verdade histórica, tendentes a isolar a União Soviética e conter a expansão de seu prestígio internacional. Todo esse esforço malévolo da propaganda de guerra, toda essa política renovada de preparação de uma nova guerra aí estão retratadas no livro que com toda propriedade o autor denominou Complô contra a Paz. Poucos jornalistas terão tido a oportunidade de Ralph Parker que viveu durante os últimos 17 anos como correspondente jornalístico em todos os países da Europa, no centro dos desenvolvimentos políticos mais importantes de nossa época. Poucos livros constituirão, como o seu, testemunho histórico tão importante sobre o problema central da humanidade nos dias que correm, o problema da preservação da paz.

do da nossa cultura. Foi este um dos cimões em que se alcandorou a aguiá brasileira — o incomparável Ruy Barbosa — para alertar o nosso civismo. Campinas é uma das atalaias da nacionalidade. E o seu Centro de Ciências, Letras e Artes, das mais antigas

e das mais veneráveis corporações sábias — o termo aqui é verdadeiro — que temos a ventura de possuir, bem merece da Pátria como um dos pujantes impulsionadores de sua marcha ascensional.

Eu já vos disse, mas quero repetir.

Senhoras e Senhores: — Esta carinhosa evocação de Meu Pai, a que, num requinte de fidalguia me quisestes associar, me enternece profundamente. Permiti que eu traduza minha emoção oferecendo ao vosso colendo grêmio espiritual, ao vosso esplêndido diário, o CORREIO POPULAR e ao conspicuo conferencista desta solenidade, o eminente Professor Bueno de Azevedo Filho, que nós tanto admiramos, estas medalhas de Sylvio Romero.

Possam elas aere perennius lembrar-vos o subido e afetuosos apreço em que vos têm os descendentes daquele, cuja vida e cuja ação estais tão nobremente comemorando e possam também animar o vosso ardor no prosseguimento da cooperação que tão eficientemente tendes prestado à construção do Brasil grande e eterno!

(Conferencia pronunciada pelo dr. Sylvio Romero Filho na homenagem que fôra prestada a seu progenitor pelo Centro de Ciências e Artes de Campinas, nas comemorações do centenário de S. Romero).



DUAS EXPOSIÇÕES EM SÃO PAULO

Em seu artigo publicado no número anterior desta revista, Ibiapaba Martins assinala como um dos motivos da confusão reinante em artes plásticas o caráter decisivo que se pretende emprestar à divisão entre "modernos" e "acadêmicos", fazendo-se dos primeiros os portadores do novo e progressista em arte. Na verdade, a pintura acadêmica é uma pintura estática e sem vida, da qual nada se deve esperar. Uma arte que se propõe a copiar servilmente a natureza, de nada serve. A arte deve esquematizar, estilizar, buscar o típico e o essencial, enriquecer-se de conteúdo humano. Só deste modo ela cumprirá sua função de educadora e orientadora dos homens.

A obra dos modernos, entretanto, se está longe de ser cópia servil da natureza, não o está menos de oferecer-nos pouco que seja de típico ou essencial. A arte moderna que condena o academismo como falso e superficial, em lugar de procurar uma compreensão mais profunda da vida e da realidade ambiente, delas se afasta pelo absurdo, fugindo à expressão de uma verdade que iria ferir os donos da vida.

— X —

A crítica de arte, porém, deixando de lado (e com razão) os acadêmicos, costuma apoiar-se numa outra divisão mais sutil — entre figurativos e abstratos — origem de confusões que é preciso desfazer. Trata-se aqui, realmente, de uma operação diversionista. Atrás do pretenso choque de duas correntes procura-se esconder a ausência de conteúdo do formalismo moderno. Figurativos e abstratos usam seus temas como simples pretextos para jogos formais. Que diferença faz se uns utilizam formas humanas e outros bolas ou triângulos? E' evidente que o formalismo em pintura teria que produzir toda uma gama de escolas e seitas. Mas, a diferença maior entre o construtivismo de um Mondrian, por exemplo, e o figurativo de qualquer outro — pontos extremos dentro do formalismo — será talvez o fato de que este último está mais apto a enganar os jovens que começam a sentir o absurdo e o vazio das pretensas inovações modernistas. Nesse sentido, o que poderíamos chamar de "ala direita" do formalismo, isto é, a corrente figurativa da arte pela arte, é atualmente a mais perigosa e mais perniciososa. Hoje, com efeito, o cubismo, o construtivo e todos os demais "ismo" ultra-revolucionários do abstracionismo, estão mais ou menos ultrapassados e, se ressurgem algumas vezes nas obras de jovens ansiosos pelo aplauso de determinados figurões, é principalmente através dos pintores figurativos.

— X —

O mês de maio, em S. Paulo, foi pródigo em exposições. Estivemos em quase todas. As que alcançaram maior repercussão, porém, foram as de Clovis Graciano e Di Cavalcanti, ambas na Galeria Domus. Das

FERNANDO PEDREIRA

"15 telas de 1950", expostas por este último, não há muito que dizer. Se recorrermos a apresentação assinada pelo poeta Murilo Mendes, entretanto, apresentação que encontramos no próprio catálogo da exposição, ficaremos sabendo que se trata de "pintura que se adapta bem às necessidades das casas e apartamentos modernos sem precisar recorrer ao não-figurativismo"... pintura, enfim, destinada "aos amadores de grande categoria". Sem dúvida, o poeta, revelando insuspeitadas qualidades de homem prático, quiz referir-se aos amadores de grande categoria financeira, àqueles que possuem casas e apartamentos modernos e podem pagar 10 ou 12 mil cruzeiros por um quadro.

A obra de Di Cavalcanti, é verdade, com suas figuras grosseiras, seu nativismo "tropical" algumas vezes forte e convincente, tem lugar marcante na pintura brasileira dos últimos anos, embora, talvez, como expressão do ponto de vista de uma aristocracia decadente que considera o povo com sua mistura de raças e seus costumes pitorescos como fonte de emoções refinadas. Mas, o pintor, que conseguiu sucesso muito cedo, há tempos que se recusa a qualquer progresso, seja na técnica, seja no conteúdo de suas produções. São sempre os mesmos assuntos tratados da mesma maneira, numa repetição que já vai se tornando cansativa. Dir-se-ia que o artista não lê os artigos que escreve em defesa do realismo... E as quinze telas de sua exposição só fogem a esta regra para revelar uma aplicação infeliz de fórmulas de Portinari ("O tocador de gaita") ou mexicanas ("Maternidade"). Pensamos que tudo isso e mais o fato da cor "ter-se tornado menos áspera" — como nota o sr. Murilo Mendes — só fez diluir a personalidade do artista. O quadro "Sono", aliás, mostra que suas telas se destinam realmente aos botados e ignorantes. Neste trabalho ele nos apresenta duas figuras "amadores de grande categoria" em que parecem espremidas dentro do "chassis" e se contorcem para não passar os limites da tela. Concebido fora de qualquer regra de perspectiva ou composição, "Sono" nos dá a impressão de um enorme embrulho mal arrumado que ameaça derramar-se sobre o espectador mais próximo.

Não sabemos se as "15 telas de 1950" alcançaram os objetivos tão habilmente sugeridos na apresentação do sr. Murilo Mendes. De qualquer forma, entretanto, esperemos que no futuro Di Cavalcanti nos apresente trabalhos mais dignos de sua inteligência e de seu talento. Afinal, não é apenas aos "burgueses" ricos e aos críticos "oficiosos" que interessa a obra dos nossos pintores. E' o povo, a gente simples

quem precisa de uma arte nacional e realista que a ajude a vencer o combate em que está empenhada.

Uma visita à exposição de Clovis Graciano foi o que nos inspirou os comentários com que iniciamos estas notas. Sua pintura é a expressão daquele figurativismo formal e sem conteúdo que é a fórmula dos que pretendem escapar às críticas da esquerda e da direita. Clovis Graciano que sempre se mostrou senhor de um desenho sugestivo e rico em movimento, ganhou com a viagem sutileza e força no uso das cores, mostrando ter aproveitado bem a lição do bom gosto francês. Em que pese esta melhora, entretanto, julgamos exagerados os que afirmam que o pintor reabilitou os prêmios de viagem ao estrangeiro. Seus progressos limitam-se ao que dissemos acima. E isto é muito menos do que seria lícito esperar. A oportunidade de estabelecer contato direto com a intelectualidade progressista da França, com as experiências da escola do novo realismo francês, de sentir de perto o impulso invencível dos povos europeus, essa oportunidade Graciano parece não ter sabido aproveitar. E' suficiente atentar no deliberado irracionalismo de quase todos os títulos que o artista deu aos seus quadros, para compreender que ele não pretende iludir ninguém a respeito. Eis aqui alguns deles: "Cavaleiros com guarda-chuva", "São Jorge, dragão e mulheres", "São Jorge e dragão" (4 vezes), "São Jorge sem dragão", "Homem e gato" (2 vezes) "Homem" sem gato, e assim por diante. O menos que se pode dizer é que tais títulos refletem o absoluto desprezo que o artista vota aos seus temas. São Jorge, homem, dragões e gatos poderiam ter sido facilmente substituídos por triângulos ou pés de couve. Nada que revele sensibilidade humana, calor de vida, riqueza emocional.

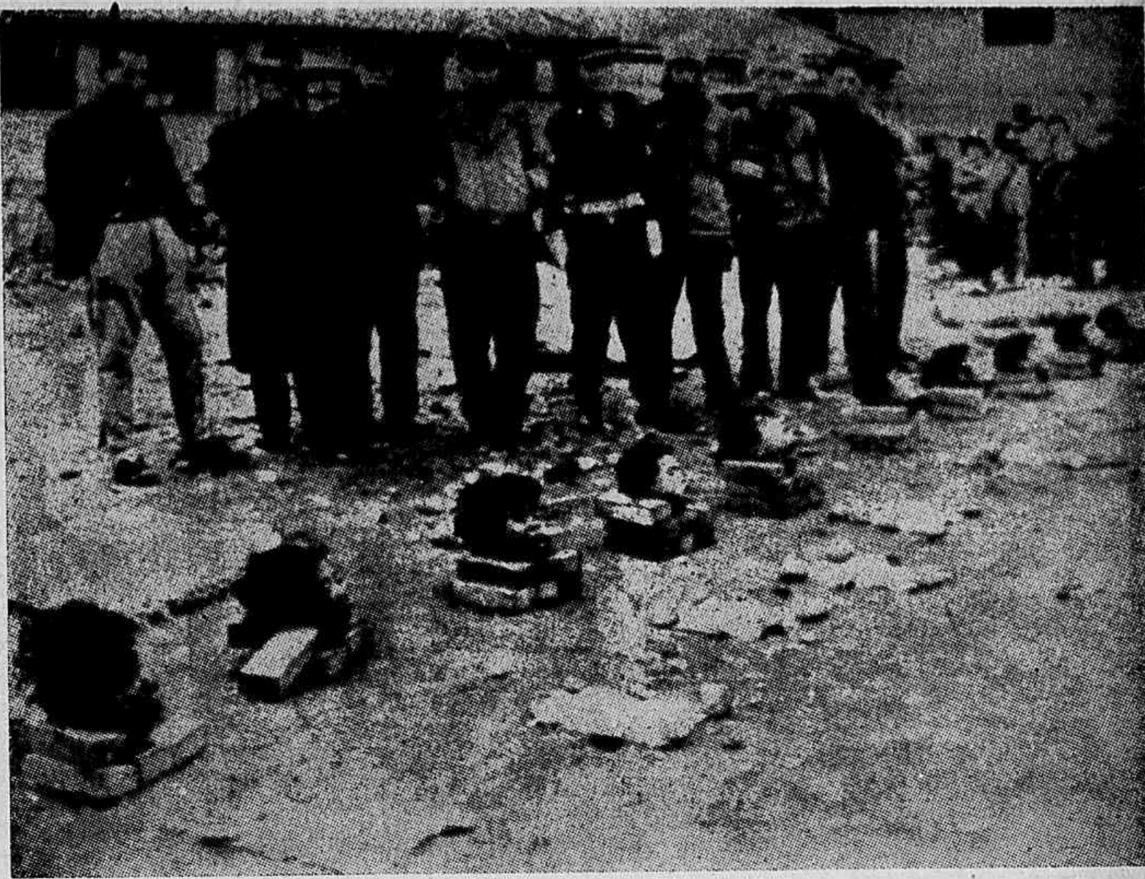
Deixemos aos críticos oficiosos, os mesmos que se incumbem de orientar os "amadores de grande categoria", o trabalho de buscar interpretações para quadros como esses. A nós interessa mais, no momento, o próprio artista. Sabemos que como cidadão tem participado ele da vida do nosso tempo e atingiu uma compreensão profunda dos seus grandes e pequenos problemas. Levou do Brasil, ao partir, uma bagagem rica em experiência humana. Por que então se conserva tão pobre a sua arte, agora, de volta de uma viagem que devia tê-lo feito avançar ainda mais?

E' que a própria concepção de arte está desvirtuada, esterilizada. As especiosas teorias dos "modernos" tiraram à arte a sua razão de ser, a sua força, para transformá-la num brinquedo dispendioso nas mãos de uma pequena elite de "donos da vida. E se não é mais possível queimar vivos os artistas ou encarcerá-los a todos, é preciso inventar um veneno que os confunda e faça com que se perca a sua voz. Ao tempo em que Neruda é expulso de seus

país e Nazim Hikmet vive 12 anos encarcerado, um exército de intelectuais bem pagos se empenha em alimentar e desenvolver toda sorte de escolas e tendências que retirem à arte todo valor humano, todo conteúdo social.

— X —

Clovis Graciano é o exemplo de um pintor de talento que pode perder-se no pantano do formalismo se não se lançar por um caminho mais generoso e fecundo. Seus trabalhos demonstram engenho e capacidade técnica irrecusáveis, conquistadas através de um duro aprendizado, mas mal empregadas em telas que servirão apenas para decorar os apartamentos modernos de homens ricos aprisionados no próprio egoísmo. No momento em que a arte procura libertar-se do formalismo e voltar-se para a realidade, para a vida, quando o esforço dos povos em luta contra um regime decadente faz passar um sopro de sadio realismo pela própria arte dos países capitalistas, é preciso que os pintores que acreditam em sua arte, voltem corajosamente as costas às fórmulas da pintura moderna, sem se deixar iludir pelo pretensioso termo dos que se limitam a arrumar com discutível bom gosto, figuras vãs de vida e sentimento.



Ei-los: os pacificadores, os super-homens em toda a sua hediondez. Caçadores de cabeças do século XX, estes «xaulrus» mostram o que fizeram com os prisioneiros e a população pacífica da Coreia. Mas os povos não se esquecerão...

RESULTADOS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O Senado americano constituiu uma comissão para investigar a delinquência em geral e a criminalidade infantil. Concluiu como era de esperar, que as histórias em quadrinhos, de «gangsters» e superdetetives, não fazem mal a ninguém, o que quer dizer, concluiu, que as histórias em quadrinhos trazem grandes lucros aos tubarões da imprensa ianque.

Quanto aos crimes horrorosos cometidos pelos jovens, acham que a culpa é dos mesmos. Isto de atribuí-los à influência da literatura policial é ao cinema americano, dizem eles, é manobra dos menores delinquentes, os quais sabem de antemão que os adultos perdoarão suas faltas se culparem o que lêem e veem. Cab aos adultos, diz o Comitê de Senadores, não aceitar sem mais nem menos essas desculpas.

A moral da história é — mais lucro para os tubarões da imprensa decadente e cadeira elétrica para os jovens.

WILLIE MAC GEE, MAIS UMA VÍTIMA DO RACISMO

«7-5-51. Aos primeiros minutos de hoje, hora local, o negro Willie Mac Gee morreu na cadeira elétrica do Estado de Mississippi.»

«O negro Mac Gee morreu protestando inocência. Tinha 37 anos e deixa quatro filhos.»

O negro Mac Gee — como os racistas de Truman o chamam — rilhando os dentes, morreu, como ele mesmo o disse, por ser negro. Foi assassinado. A mulher loira que ele teria violentado, nunca apareceu no processo — ninguém viu.

«As feras de Truman são piores que as feras de Hitler.»

PARA TODOS N.º 9

Seguindo-se ao grande sucesso obtido em nossa capital pelo n.º 8 de Paratodos, já se encontra em circulação o n.º 9 da prestigiosa publicação carioca. É a revista de sempre: variada, interessante, crítica e documentária. O número presente têm um interesse especial pelos documentos que apresenta. O primeiro é a famosa carta de Bielinski a Gogol, carta que na expressão concisa de Moacir Werneck de Castro, autor de uma longa e interessante introdução crítica ao documento, constitui: «Um documento de dignidade, de honra e lucidez de pensamento, de amor à Pátria e às virtudes do povo — contra o sevilismo, a degradação, a monstruosidade da abdicação a inteligência diante do poder opressor.» O segundo, que nos diz respeito mais de perto, é também uma carta, desta vez do grande poeta Paul Eluard a um amigo de Paris, desfazendo, com serenidade e altivez necessárias no caso, uma cínica deturpação de suas opiniões políticas e estéticas publicadas há algum tempo sob forma de entrevista por dois aventureiros das letras. Na mistificação se envolveu também o poeta Manoel Bandeira que se rejubilou publicamente com a «reabilitação» de Eluard, o qual segundo a falsificação referida teria feito declarações que contradizem as opiniões sustentadas pelo partido político a que se filia o poeta Eluard, o Partido Comunista Francês. A carta de Eluard, escrita com a elevação que lhe é tão

própria, e incidentemente tão diferente da linguagem rasteira de Bandeira e outros, termina a farsa mostrando que o maior poeta vivo da França está com o seu partido e não com modestos falsificadores do Jornal das Letras, com o sr. Bandeira ou quaisquer outros aproveitadores do anticomunismo. Publicando em fac-símile a carta de Eluard, Paratodos presta um serviço não só ao grande poeta francês, dissociando de vez o seu nome dessa minúscula conspiração dos profissionais do anticomunismo, como à própria cultura nacional, expondo, a nu, os métodos usados por aqueles profissionais, que à falta de prestígio próprio, procuram envolver seus serviços, grandes figuras da literatura internacional. Com muito acerto Paratodos publica ainda alguns trechos de uma conferência de Eluard, em que o grande poeta de «Poemes Politiques» externa seus pontos de vista sobre a criação poética, de que é um dos expoentes em nosso tempo.

Ainda neste número de Paratodos: Dois Cantos de Neruda sobre o Brasil, do seu grandioso Canto General; O Olmeiro Branco, crítica literária de Dias da Costa; Crônica de Alvaro Moreyra, sobre Itália Fausta; Um escritor em Pânico, de Miecio Tati; sobre o estado de espírito de José Lins do Rego; Tocadores de Harpa de Egidio Squeff; notas bibliográficas, noticiários, e, ainda um outro documento, uma outra carta, a estupenda carta de Henrique Dias aos invasores holandeses, escrita há 3 séculos mas viva e oportuna. Um número excelente.

A UNIVERSIDADE E A CONFERENCIA DE WASHINGTON

Ao que parece, foi no terreno da cultura que se fez entre nós a primeira aplicação das resoluções de Washington. Coube à Universidade por intermédio do seu Reitor e do seu Conselho Universitário, impôr-se a humilhação de usar uma chicana indigna para retirar das mãos do arquiteto Oscar Niemeyer uma cadeira da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo que lhe havia sido confiada com toda justiça, dados os seus méritos profissionais e artísticos, na verdade excepcionais. Mas, relatemos os fatos. Na série de concursos de títulos, realizados no início deste ano, para provimento sob contrato de várias cadeiras da jovem Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, tomou parte, por sugestão e convites insistentes de amigos e admiradores, o famoso arquiteto Oscar Niemeyer. O governador do Estado, prof. Nogueira Garcez, era um dos que viam com entusiasmo a entrada de Niemeyer para a nossa Universidade, dado o prestígio que o seu nome traria à nossa Faculdade de Arquitetura. E disse mesmo a Niemeyer que teria grande prazer em assinar o seu contrato como professor de nossa Universidade. Niemeyer enviou seus títulos para o concurso. O parecer da comissão encarregada pelo Conselho Universitário para apreciar os títulos, composta dos professores Zeferino do Amaral, Jaime Cavalcanti e Arnaldo Ferreira, indicou o nome de Niemeyer para reger a cadeira de Grandes Composições, e o fez em termos que constituem um novo título para o grande arquiteto, dado o prestígio daqueles conselheiros no seio da Universidade. Na sessão em que foi discutido o parecer o prof. Anhaia Mello, diretor da Faculdade de Arquitetura, teve a oportunidade de opinar com a responsabilidade de seu nome que Niemeyer é um dos maiores arquitetos vivos, isso em resposta a objeções que teria feito professor de estatística, Milton Rodrigues — que tem a arquitetura ao seu "divertimento" preferindo — aos méritos de Oscar Niemeyer. Nessa sessão foi ainda lembrada a extraordinária repercussão dos trabalhos de Niemeyer no exterior, com a publicação de livros e reportagens sobre sua obra, em particular a sua atuação no projeto do edifício da ONU. O prof. de astronomia Alipio Leme pediu vistas do processo, pois, alegava motivos religiosos para querer estudar mais de perto, os títulos técnicos e profissionais de Niemeyer. Na reunião do Conselho realizada no dia 4 de abril, foi o nome de Niemeyer votado para reger a Cadeira de Grandes Composições. Nessa sessão, o representante dos alunos fez constar o desejo de toda a Escola de Arquitetura em ter Niemeyer na regência dessa Cadeira. A indicação de Oscar Niemeyer foi recebida com grande satisfação nos meios universitários em geral, e particularmente na Faculdade de Arquitetura. Um mês e três dias após, em nova reunião do Conselho Universitário, o conselheiro representante dos alunos indaga da Reitoria sobre o decreto de nomeação de prof. Niemeyer, já que nesse meio tempo várias outras nomeações posteriores a de Niemeyer haviam sido referen-

tadas. Com surpresa geral, o reitor da Universidade, prof. Ernesto Leme, chama a si a responsabilidade daquele atrazo, dizendo não ter levado o decreto de nomeação ao governador, e tê-lo mantido em sua pasta, por uma questão de consciência!. Teria sido válida a eleição de Niemeyer? Não teria sido o voto do conselheiro representante dos alunos um voto a descoberto? Não seria necessário discutir: 1) A validade ou não daquela resolução, 2) a reabertura ou não da discussão, agora que o Brasil havia assumido compromissos muito importantes na Conferência de Washington? A preliminar jurídica da validade ou não da eleição anterior, a qual estivera presidindo o ilustre jurista e reitor que na ocasião não teve qualquer problema de consciência ou de jurisdição, não foi discutida, pois que vários conselheiros, e entre eles alguns juristas, passaram a digressões sobre o caráter do voto secreto e da instituição do juri, mas, na realidade, reabriram a discussão, examinando a indicação do grande arquiteto Oscar Niemeyer, sob o ponto de vista de suas convicções políticas e filosóficas. Estava feita a escamoteação desejada pelo jurista Ernesto Leme. Foram lembradas as nossas tradições, a responsabilidade do Brasil nas resoluções de defesa da "civilização ocidental", tomadas na Conferência de Washington. Para ajuizar dos méritos profissionais de um candidato a uma Cadeira de Arquitetura, contava o Conselho Universitário, inclusive com a presença de um dos mais destacados representantes do Brasil na Conferência de Washington, o jurista Teotônio Monteiro de Barros, que, embora nas primeiras reuniões em que se considerou o nome de Niemeyer tivesse adotado um ponto de vista compreensivo em relação aos méritos do arquiteto, não perdeu a vara, nesta nova ocasião, de fazer uma profissão de fé nos destinos da civilização democrática norte-americana, julgando que acima de tudo estava a nossa cooperação com o Colosso do Norte na sua luta de contenção à bolchevisação universal de que na sua opinião, naturalmente, o talento e a competência do arquiteto Oscar Niemeyer é uma das mais ferozes expressões. A discussão descambou inteiramente para o anti-comunismo grosseiro sobre o qual se acobertam os piores preconceitos e as mais gritantes mediocridades. Chegou um dos conselheiros a denunciar, de maneira algo extemporânea, as dificuldades trazidas pela expansão da ideologia comunista ao bom funcionamento do modesto departamento que dirige em uma das nossas Faculdades. E foi com argumentação desse jaez que o jurista Ernesto Leme, que tanto brilho internacional confere à nossa Universidade, conseguiu impôr a sua chicana aos conselheiros dignos que mantiveram seus pontos de vista pela indicação de Niemeyer, usando mais o prestígio da nossa Universidade e a sua independência do que as conveniências policiais dos compromissos assumidos pelos empregados da Standard Oil que foram a Washington vender Brasil, sua independência, seus minérios e sua cultura.

RESSURGIMENTO ECONOMICO E RESSURGIMENTO DAS FILAS E DA FOME

A Comissão Econômica da ONU para a América Latina, reunida no México, em relatório que publicou, diz do Brasil:

«A economia brasileira acusou rigoroso ressurgimento desde o segundo semestre de 1949. Esse ressurgimento representa a terceira fase do

período compreendido entre a economia do tempo de guerra, que terminou em 1945 e a economia do rearmamento, que começou em 1950».

A chave para a compreensão dessa linguagem é simples. Economia brasileira quer dizer, lucros das grandes empresas, e a palavra ressurgimento

esconde mal o desejo de guerra dos imperialistas; a «economia» resurge quando eles gastam os recursos dos povos na propagação para a guerra (a economia do rearmamento).

O quadro abaixo dá uma idéia do «rigoroso ressurgimento da economia brasileira»!

EMPRESAS

EMPRESAS	CAPITAL
Cia. Good Year do Brasil	30.000.000,00
General Motors do Brasil	75.000.000,00
Indústria de Pneumáticos Firestone	80.000.000,00
Standard Oil	208.702.500,00
Orquima	22.500.000,00
Ford Motor Company	100.000.000,00
S/A I. R. F. Matarazzo	600.000.000,00
S/A Industrias Votorantim	400.000.000,00
City Bank	50.000.000,00
S/A Moinho Santista	432.000.000,00
Cia. Swift	200.000.000,00

Lucro líquido de 1950

122.721.284,60
157.343.130,50
131.929.963,10
281.540.755,20
22.445.963,10
89.160.788,30
291.712.759,20
184.722.893,00
22.268.609,70
84.996.083,50
31.545.744,70

% do Lucro sobre o capital

409 %
210 %
165 %
135 %
100 %
89 %
49 %
46 %
44 %
19 %
16 %

Reservas acumuladas (lucros acumulados)

257.983.882,00
183.451.091,00
256.540.766,00
704.719.258,30
32.096.161,20
24.101.961,80
973.014.402,70
712.356.543,90
131.074.567,50
292.028.352,30
169.884.448,80

E o povo? O povo brasileiro começa a constatar na prática os remédios dessa «economia». Desaparece

o açúcar, aumenta o preço da carne, voltam as filas, a angústia, a fome

— volta enfim a «economia de guerra».